

Revista Transdisciplinar

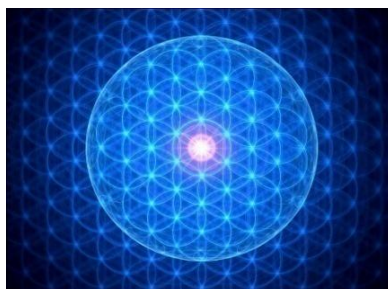
Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org



2020
Salvador – Bahia – Brasil



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

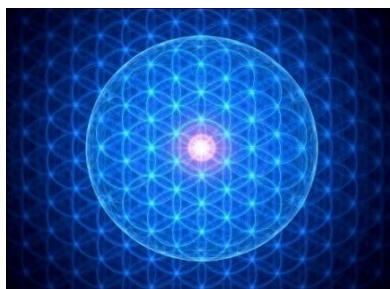
E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

EQUIPE EDITORIAL

Criação, editoração e coordenação geral

Maria Celeste Carneiro dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT 201740 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólon). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora e Supervisora (2007 a 2017) no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA e nas pós-graduações em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (Instituto Hólon - BA e PHOENIX – Centro de Desenvolvimento Transpessoal / Universidade Federal de Sergipe). Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e da Associação Luso-brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Conselheira de Honra da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>

CONSELHO EDITORIAL

Dulciene Anjos de Andrade e Silva – Doutora em Educação (Universidade Federal da Bahia – UFBA). Mestre em Educação (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas com Inglês (UFBA). Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus II. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8015189418594078>.

Priscila Peixinho Fiorindo – Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Vanessa Di Cássia Fragosso – Arteterapeuta Junguiana – ASBART 0132/0215 – Terapeuta Holística EET: 0004-BA. Mestra em Tecnologias Educacionais e Tecnologias em Saúde (Universidade Estadual da Bahia - UNEB). Pedagoga com Orientação Educacional e Vocacional - Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Práticas Lúdicas: Escolar e Organizacional - Licenciada com Certificações Internacionais para Resiliência de Jovens e Adultos e Gerenciamento de Stress. Pesquisadora sobre Resiliência e Habilidades Socioemocionais. Docência na Graduação e Pós-Graduação na área de Ciências da Saúde e Ciências Humanas e Coordenação de núcleos socioeducativos. Participa como Membro e Pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade – GPEL – Universidade Federal da Bahia – UFBA e como Coord. Pedagógica do PROAP – Programas de Estudos Aplicados em Administração e Políticas na Faculdade de Economia e Administração – FEA/UFBA. Dirige o Projeto Ateliê. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0735288007250867>

Francesca Freitas – Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSM em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSM, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSM, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi – Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Presidente fundadora da *Oscip Arte Sem Barreiras*. Vice-Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora de livros da Vetor Editora: Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Pertencente à Comissão Editorial de Revista Cores da Vida (Goiânia-GO) e Membro Consultivo da Revista de Arteterapia da AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (SP). Conselho Editorial dos Anais da Jornada de Arteterapia e Filosofia. Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Psicologia Analítica e de Arteterapia da UNIPAZ-Goiás. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira – Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumerais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Vitor Moura Cardoso e Silva Souza – Doutor em Geofísica Espacial (2015) pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Bacharel em Física pela Universidade Federal da Bahia (2010), e trabalhou como pesquisador assistente na NASA/Goddard Space Flight Center, EUA, por um ano durante o período de doutoramento. Atua na linha de pesquisa Magnetosfera-Heliosfera, focando nos seguintes temas: estudo da reconexão magnética na magnetopausa terrestre utilizando observações *in situ* e simulações numéricas, cinturões de radiação Van Allen e fenômenos físicos associados à plasmas espaciais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8026732855379621>

Pedro Teixeira da Mota – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de

Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos – Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Ingrid Estefania Mancía de Gutiérrez – Doutora e Mestre em Biotecnologia com ênfase em Recursos Naturais da Região Nordeste pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduação em Farmácia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Gestão da Inovação Tecnológica pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é membro da Comissão de Fitoterapia (COMFITO) do Conselho Regional de Farmácia (CRF) da Bahia e docente do Curso de Farmácia do Departamento de Saúde da UEFS, lecionando a disciplina Farmacognosia. Coordenadora do Programa Terapias não-Convencionais (TnC) e Você: um projeto de ensino e extensão em terapias complementares e integrativas da UEFS. Tem experiência na área de Farmacognosia e Prospecção Tecnológica, com ênfase no marco regulatório em Fitoterápicos, atuando principalmente nos seguintes temas: regulamentação de fitoterápicos, controle de qualidade de matéria-prima vegetal, técnicas cromatográficas, cultivo *in vitro* de lenhosas medicinais, patentes, práticas integrativas e complementares em saúde. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5002607120452691>

Lucielen Porfírio – Professora Doutora em Linguística – UFBA, DLG - Departamento de Letras Germânicas – UFBA. Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA – programa DINTER – UFBA/ UNIOESTE (2013). Mestrado em Letras - Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2006). Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2000) e também graduação em Letras pela Universidade Pan Americana (2009). Atualmente atua como professora Adjunto 1 na Universidade Federal da Bahia - Departamento de Letras Germânicas. Desenvolve projetos de pesquisa na área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, formação de professores e Inglês como Língua Franca. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4716299Y1>

Glícia Conceição Manso Paganotto – Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

Román Gonzalvo – Psicólogo transpessoal e doutor em psicología pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza

anualmente as Jornadas de Psicologia Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves – Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros: *Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas*; *Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda* – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar; *Transtornos Mentais sob um Novo Prisma*. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira – Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

Vera Peceguini Saldanha – Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso-brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

Ivana Braga de Freitas – Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>

Margarete Barbosa Nicolosi Soares – Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela

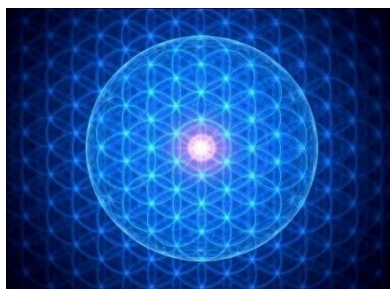
ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças , no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4204217D7>.

Luis Lacouture González – Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Cristina Lopes – Psicóloga, Arteterapeuta, Mestre em Criatividade pela Universidade Fernando Pessoa – PT. Treinadora de SoulCollage® e terapeuta Floral. Coordena o curso de Pós-graduação em Arteterapia, desde o ano 2004. Faz parte do grupo TRAÇOS - Estudos em Arteterapia. Atual Presidente do Conselho Diretor da UBAAT. Publicou livros abordando a temática da arteterapia como também escreveu artigos relacionados ao tema. Frequentemente participa de Congressos nacionais e internacionais. Sua principal linha de pesquisa é a relação entre arte e saúde.

Maria Suzana Moura – Doutora em Administração Pública pela Universidade Federal da Bahia, local onde atua como professora associada e pesquisadora desde 1994. Tem se dedicado nos últimos anos ao tema das Metodologias Integrativas para a Educação e a Gestão Social. Recentemente concluiu a pesquisa de pós doc sobre o Escutar Consciente como competência para a Gestão, realizada com Valeria Giannella, da UFSBA e Eduardo Davel, da UFBA. Formação complementar na DEP (Dinâmica Energética do Psiquismo), na RYE (Rede de Pesquisadores sobre Técnicas de Yoga para a Educação) e na Rede Dragon Dreaming - Criação Colaborativa de Projetos. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4789454J1>

Lívia Maria Costa Sousa – Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014), graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literatura brasileira e africana. Coordenadora editorial da LEAL Editora e membro do conselho editorial da Revista vinculada a essa editora. Possui experiência com edição, revisão e diagramação de livros e revistas. É escritora e tem alguns de seus textos publicados em antologias. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1126574918629874>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada no primeiro e no segundo semestre de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência do semestre a ser publicado.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências, deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluídas as notas de pé de página e as referências) e deverá ser enviado aberto em *Word*, escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm. Deve constar um minicurrículo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados.



Revista Transdisciplinar
 Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - ISSN 2317-8612
www.artezen.org

CONTATO

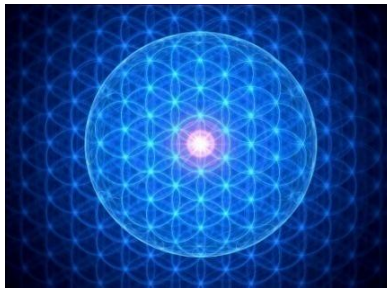
Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro
 CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal
 Centro Odonto Médico Henri Dunant
 Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 – Federação
 CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil



CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro
 Telefone: 71 - 98874-1155 (Tim)
cel5zen@gmail.com
www.artezen.org
 ou gildemar@ufba.br



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

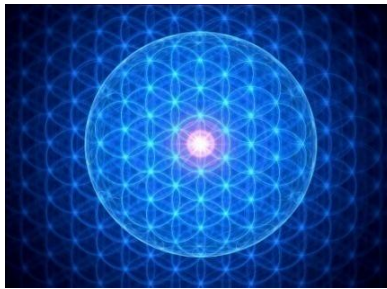
Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|--|-------|
| 1 – VAMOS COROAR O MUNDO DE AMOR
Kunti | p. 11 |
| 2 – FIQUE EM CASA
Celeste Carneiro | p. 12 |
| 3 – VOCÊ SE AUTOPESQUISA?
Kacianni Ferreira | p. 16 |
| 4 – REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA
Kaká Werá | p. 18 |
| 5 – PROCURA-SE PSICANALISTA SEGURX. Uma conversa sobre normatividade e escuta analítica
Beatriz Santos e Elsa Polverel | p. 20 |
| 6 – DIMENSÕES DA FELICIDADE: diálogos entre a Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis e a Psicologia Positiva
DIMENSIONS OF HAPPINESS: interactions between the Spiritist Psychology of Joanna de Ângelis and Positive Psychology
Hidemberg Alves da Frota | p. 25 |
| 7 – O AGIR, O SER E O FAZER POLICIAL: caminhos emaranhados
Aretuza Pereira dos SANTOS | p. 39 |
| 8 – FELICIDADE E ESPIRITUALIDADE
Marcos Arruda | p. 44 |
| 9 – MAPEAR COMO ESTRATÉGIA: acompanhamento e análise da complexidade do fazer arteterapêutico
MAPPING AS A STRATEGY: following and analyzing the complexity of arttherapy practices
Tatiana Fecchio et al. | p. 54 |
| 10 – O SERMÃO PROFÉTICO. O PRINCÍPIO DAS DORES
Jesus Cristo | p. 71 |

Capa: Kunti – Vamos coroar o mundo de amor – Isso precisa viralizar (Com Flor da Vida em arte digital por Otávio Barroso, da M4 Comunicações, Belo Horizonte-MG).



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

1 – VAMOS COROAR O MUNDO DE AMOR

Kunti*



A história desse desenho começa pela fé de que a intuição vem de algum lugar perfeito e que ao segui-la, obedecendo a esse impulso, algo maravilhoso acontece! – uma coisa como Ser Naturalmente divino... Ou ser o divino naturalmente.

E foi exatamente isso que aconteceu com essa produção espontânea concebida por uma inspiração divina de um momento!

Sem planejar ou idealizar fui estimulada, após uma oração meditativa profunda com Nossa Senhora Maria Santíssima criar através do desenho e da aquarela, este símbolo. E nesta inspiração que chegava pela via da arte, vinha também o seu sentido e seu objetivo de ressignificar a imagem fria e relacionada ao medo e à dor do coronavírus, como também espalhar a

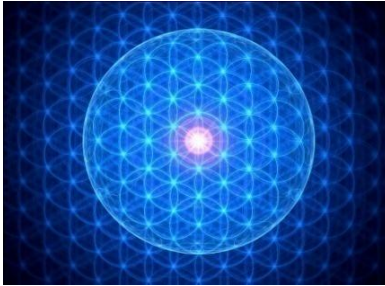
mensagem de amor pelos quatro cantos do mundo.

Assim nasceu esta obra de arte, que já esta circulando nas redes sociais, pela possibilidade e alcance que a tecnologia traz. E ainda, de forma mágica e surpreendente para mim, está na capa desta conceituada revista, consolidando sua missão.

E concludo com a fé de que o Amor é o remédio, é o principio e o fim de TUDO. É ele o Grande sentido da vida, e que sentir, pensar e agir com amor e pelo amor haveremos de ressignificar o sentido da vida, em especial neste momento de pandemia.

E assim, de corações unidos e mãos dadas, entoar bem alto – **Vamos coroar o mundo de AMOR... Isso precisa viralizar!**

* Kunti – Mãe – avó – arquiteta – Terapeuta Transpessoal – Professora e Terapeuta Holocromos. 71-99132-8768
 @marialuizakunti – mluiza.bicalho@gmail.com



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – FIQUE EM CASA

Celeste Carneiro*

Tempestade à noite



Foto: Celeste Carneiro

Esta recomendação tem sido dada pelos órgãos de saúde em todos os países devido à pandemia causada por um vírus, o Coronavírus (COVID-19), que vem levando a óbito a milhares de pessoas de uma maneira muito acelerada, como nunca visto antes, nestas proporções.

Estamos no mês de abril de 2020, no Brasil, e essa epidemia teve início em dezembro de 2019, na China. Aos poucos, mas rapidamente, foi se alastrando por vários países até ser considerada uma pandemia, exigindo o isolamento domiciliar a fim de conter a sua propagação.

Examinando a determinação *Fique em casa*, vemos o verbo *ficar*, ou seja, permanecer em um lugar; *em casa* – onde residimos.

A palavra *casa* nos remete ao abrigo, ao

lugar para onde voltamos após o dia de atividades na rua, ao lugar de repouso, ao aconchego familiar ou, para quem mora só, é o lugar do silêncio, da reflexão e do refazimento.

De forma simbólica, o ficar em casa nos remete ao adentrar o nosso mundo psíquico, as estâncias da nossa alma e, uma vez nela acomodados, revermos nossos conceitos, atitudes, emoções e aspirações, para, em seguida, colocarmos-nos em sintonia com o propósito maior da nossa existência no plano físico, contribuindo, dessa forma, com a mudança psíquica e energética da nossa mãe Terra.

Lembro de uma palestra que assisti num Congresso de Neurolinguística em Salvador (BA), no ano de 2007, em que Dulce Magalhães falava sobre os sinais que a vida

¹ - Publicado inicialmente no site da ALUBRAT (<https://alubrat.org.br/fique-em-casa/>).

* **Celeste Carneiro** é arteterapeuta junguiana e transpessoal (ASBART 0035/0906 – Instituto Junguiano da Bahia – IJBA/ Escola Bahiana de Medicina). Especialista em psicologia transpessoal (ALUBRAT 201740 – Instituto Hólon - BA / Escola Bahiana de Medicina e Phoenix / Universidade Federal de Sergipe). Formada em Artes Plásticas (SP). Escritora, professora, supervisora, editora e palestrante. cel5zen@gmail.com www.artezen.org www.revistatransdisciplinar.com.br

nos dá, basta ficarmos atentos. E contava que uma vez, com dúvida sobre determinada questão, parou na porta do prédio aonde ia e leu a seguinte mensagem no portão da entrada: **Reduza a velocidade. Baixe os faróis. Ligue a luz interna. Identifique-se.** Era tudo o que ela precisava naquele momento.

Também nós, nesses dias, precisamos reduzir a nossa velocidade. Estávamos muito acelerados, realizando muitas atividades, sem tempo de olharmos para nós mesmos, de nos cuidarmos com a generosidade que dispensamos aos outros. Experimentar a não ação falada pelo Tao Te Ching, de Lao Tsé.

O nosso foco, ou os faróis, estavam dirigidos para muito longe, no tempo e no espaço. Sempre o amanhã, o futuro, os projetos distantes... Precisamos agora abaixar os faróis para nos observarmos melhor e vermos como estamos agora, nesse momento presente. O que nos é solicitado fazer neste local onde nos encontramos e deveremos permanecer por dias, quiçá meses?...

Com os faróis baixos, liguemos a luz interna. Somos feitos de luz. Todos nós possuímos luz interna, mas nos esquecemos disso e vivemos procurando por luz fora. Nos momentos de meditação conseguimos notar esse espaço interior onde tem luz e nos ensina tudo...

Uma vez claro o nosso campo de ação, inicia-se a tarefa de procurar saber a nossa identidade, quem na verdade somos. Sem as máscaras colocadas para vivermos em sociedade, quem somos nós? O que precisamos jogar fora nesse nosso porão? Quais as emoções que entram a nossa vida e que não comportam mais numa sociedade nova que está surgindo? Se pudéssemos nos ver de fora, com o Eu Observador, como nos perceberíamos? Qual a nossa identidade real, aquela que só nós conhecemos e que se revela quando estamos sozinhos, sem ninguém nos observando?

Os xamãs colocam os candidatos ao conhecimento ancestral em uma cabana no meio do mato, sozinhos, por uns quinze dias. Levam o alimento, água e chá especial para facilitar o processo de expansão da consciência, e deixam na porta. Privados de qualquer conforto, permanecem esse período em confronto com os seus demônios internos e, às vezes, com a visão dos seus anjos.

Após essa fase de isolamento, saem conscientes de quem são e do que vieram fazer aqui na Terra.

No isolamento social a que estamos submetidos, nos defrontamos com as mais diversas reações. Uns, sentem medo e pânico de serem contaminados pelo vírus e morrerem sem o ar que é tão natural, mas que nem valorizamos; o medo da própria morte com a interrupção dos planos e dos laços afetivos; a raiva pelas limitações ou por alguma lembrança; a consciência de se sentir apegado a coisas, posições sociais, pessoas, trabalhos; o desconforto por encontrar dentro de si o desamor, a inveja, os vícios... Outros, já acostumados com a solidão produtiva, aproveitam para realizar novas descobertas, invenções, projetos e se conhecerem melhor.

Trabalhando com o medo, nessas horas, a recomendação é enfrentá-lo de frente, olhando nos seus "olhos" e perguntando: por que tenho este medo? Estou com medo de quê? E prosseguindo no diálogo com o medo, indo às suas origens (o que causou este medo, o que ele me lembra, como eu me sinto quando enfrento esta situação, quem me provoca medo) e identificando o medo de ver os seus planos acalentados com tanto zelo, mas que agora parecem se desmoronar... O que é importante para mim que eu preciso cancelar? Como serei sem esses planos realizados? Quais são as novas perspectivas e como fazer para me adequar à nova situação?

Ao sentirmos medo da violência urbana, ou doméstica, dos viciados e dos traficantes, pensar que nós também temos vícios, pequenos, talvez mais inofensivos para a sociedade, mas que não deixam de ser vícios. Porque o vício vibra numa faixa magnética que tem uma coloração, indo do mais fraco ao tom mais forte. No tom mais forte, encontra-se os viciados em drogas pesadas e os traficantes dessas drogas. Diminuindo de intensidade vemos os viciados em álcool, cigarro, sexo, internet, programas de violência na TV, fofocas, julgamentos, queixas... Tudo se encontra na mesma faixa dos vícios. Se quisermos um Novo Mundo sem vícios, urge analisarmos qual a nossa contribuição para eliminarmos a sintonia com essa faixa vibratória. Substituímos os hábitos antigos por novos. Quando o pensamento vier, determinar quem é que manda em nossa vida: eu ou o vício? E ter o domínio no campo mental, fazendo o que

realmente deseja e não sendo dominado por uma ideia ou desejo que faz perder tempo e paz. E isso exige muito esforço, determinação e tempo para se conseguir.

Quando a raiva surgir, acolhê-la e investigar a sua origem. Quem me provoca raiva? Por que eu sinto tanta raiva? Por que essa frase ou conduta me irrita tanto? Qual o complexo de emoções que ela aciona? E seguindo o rastro da emoção até chegarmos em alguma cena da criança ferida que não recebeu devidamente a proteção por nós mesmos, agora crescidos, ao nos darmos conta do seu sofrimento... Agora, com este tempo que nos foi dado pela crise mundial, poderemos acalantar e proteger a criança que em nós habita, acalmando-a e dando-lhe esperança, deixando-a mais segura.

Poderemos perceber emoções, como o desamor – a ideia falsa de que não somos amados o suficiente para nos sentirmos plenos – lembremos de todos os afetos verdadeiros que nos brindaram com sua companhia ao longo da vida; a inveja – o desejo de ter ou ser o que o outro tem ou é, quando basta lembrar de que cada ser humano é único e o que almejamos dos outros nós também temos, basta procurar, se esforçar, ir atrás do que nos atrai.

Em outros momentos, poderão surgir sonhos que sinalizam para o nosso apego àquilo que damos mais valor. E se, de repente, ficássemos sem ter onde trabalhar? E se, de uma hora para outra, perdêssemos a nossa casa, o nosso canto, o que mais prezamos? E se os meus pensamentos, meus pontos de vista, estivessem errados? E se as pessoas que mais amamos partissem para o Mundo Espiritual? E se aquilo que consideramos tão importante perdesse a finalidade nesse Novo Mundo? E se?...

Este *E se?...* é a chave para a criatividade que nos libera das crises. Pensar diferente, agir de uma nova maneira, criar com o que sobrou, ressignificar... Abandonar o velho e se revestir com uma outra roupagem, novos sentimentos, hábitos mais saudáveis, viver de forma mais leve e, conseqüentemente, mais feliz!

Do ponto de vista espiritual, assim que tivemos conhecimento da gravidade do momento presente, começamos a receber mensagens das mais diversas regiões, por meio de orientadores espirituais, xamãs, líderes religiosos, com o mesmo teor: a Terra passa por uma transição. Diante da

possibilidade eminente de haver uma terceira guerra mundial – quando seria usada bombas atômicas, a misericórdia de Deus propiciou o surgimento de um vírus de rápida propagação, sem vacina e sem remédio até este momento, e a recomendação de nos preservarmos, resguardando-nos em nossos lares ou, os que tivessem necessidade premente de sair às ruas, usando os equipamentos de segurança – máscara, luvas, uso de álcool gel e lavagem frequente das mãos.

Sintetizamos essas mensagens e comentários que pouco diferem uma das outras. As orientações dizem mais ou menos o seguinte:

Ao ficarmos em casa, que fizéssemos faxina, criássemos ordem, externa e internamente; cuidássemos de nós mesmos, pois agora é a hora de darmos atenção às nossas necessidades; ficássemos mais recolhidos evitando exposição nas mídias; que conversemos com os nossos distintos corpos, mental, físico e emocional imaginando-nos envoltos em completa luz.

Em casa, sintamo-nos livres, exercitando uma feliz convivência com os familiares, presentes ou ausentes, evitando julgamentos e atritos; aproveitemos para descansar, alternando com tarefas que aguardavam um tempo para serem realizadas; prestemos atenção aos nossos pensamentos, emoções, sentimentos, cuidando para conservar aqueles que nos trazem paz, alegria, bem-estar e desejamos seja a tônica dos nossos dias vindouros. Abramo-nos para a experiência mais universal do amor que é a oração: para si mesmo e para os outros.

A energia do divino feminino estará mais presente trazendo graça e beleza e poderemos invocá-la por meio da meditação, da oração, da escrita, dança, canto, pintura, música. Enquanto a nova fase não chega, sintamo-nos acolhidos pela energia feminina, permitindo um tempo para se reconectar com este aspecto da psique, repleta de sabedoria ancestral.

Precisamos cuidar do aspecto social da crise, mas também dar atenção à parte espiritual. Fomos preparados para vivermos nesse período na Terra, utilizemos os recursos que temos. Aprendamos a resistir às adversidades como os povos indígenas e africanos: eles sempre cantam, dançam, fazem fogueira e festa para enfrentarem os dias difíceis. Com isso, emanamos energia

boa e alegre para o Universo e ajudaremos a reconstruir um novo mundo.

Como numa tempestade, cada um a enfrenta do seu modo, com os recursos que tem. Mas sabemos que toda tempestade passa, assim como após a noite, vem o dia.

Tudo isso que acontece no mundo é necessário para que mudemos o nosso padrão vibratório, passemos a ter mais paciência, tolerância, respeito, justiça e solidariedade.

Há uma batalha também no plano espiritual, mas não estamos sós: Deus está no controle e uma imensidão de seres iluminados, provenientes de Alcyone, na constelação das Plêiades, de Sírius, a estrela mais brilhante do céu, bem como da constelação de Orion, encontram-se na Terra a fim de colaborarem com esta importante mudança para ascensão do nosso planeta e

da humanidade que aqui habita. Os guardiões da Terra estão presentes, vigilantes, colaborando. Evitemos ficar pensando só nos problemas e nos saturando de notícias, mantenhamo-nos focado em como será essa Nova Terra dando nossa colaboração amorosa e solidária. Fortalecer quem está mais fragilizado e pensar mais no coletivo, pois somos um só.

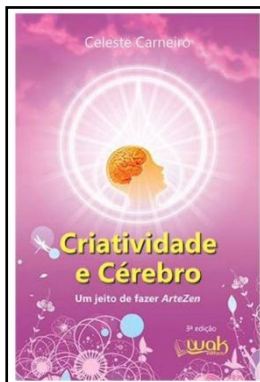
Em breve teremos uma vacina, a solução para o nosso problema.

Concluimos com a orientação de Dr. Bezerra de Menezes:

A oração e a prece é essencial, não se deixem amedrontar. As horas são de libertação e de paz para os corações. Não temam a morte, temam o egoísmo, o orgulho, a vaidade.

Que vos ameis uns aos outros. Nós estaremos sempre prontos para vos ajudar.

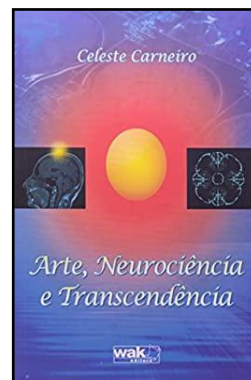
Livros da autora



Ed. WAK



Ed. WAK



Ed. WAK

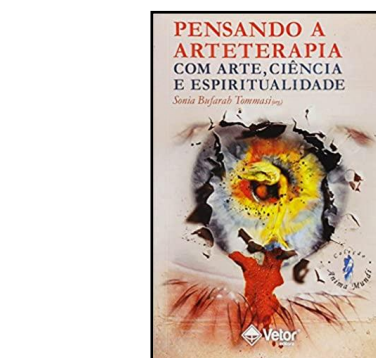


Ed. LEAL

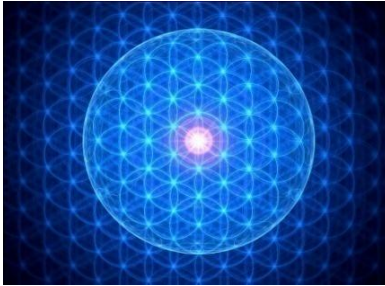
Participação



Organizado por Míriam de Sales – Ed. Pimenta Malagueta



Organizado por Sonia Tommasi – Ed. Vetor



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

3 – VOCÊ SE AUTOPESQUISA?

Kacianni Ferreira*

Toda pesquisa começa pela dúvida e avança com a consequente investigação de um tema específico a ser delimitado.

Geralmente, fazemos heteropesquisas, ou seja, pesquisamos sobre os outros, sobre fatos e acontecimentos que envolvem outras pessoas. Mas quem pesquisa sobre si mesmo? Quem investe em autoconhecimento?

Autopesquisa, nada mais é que a pesquisa na qual o pesquisador é o laboratório, o objeto de estudo e a própria tese.

E para que serve a AUTOPESQUISA?

A autopesquisa promove mudanças e reciclagens pessoais, além de autodiagnósticos, contribuindo para a eliminação de interdições (emoções e relacionamentos patológicos), resultando em autoconhecimento e autodomínio.

Alguns elementos estruturantes da autopesquisa são: vontade, autodisponibilidade, coragem, desassombro, autenticidade, autoenfrentamento, autocrítica, autoavaliação, interassistencialidade, deslavragem cerebral, reciclagens conscienciais, entre outros.

A base da AUTOPESQUISA é a autoinvestigação através da autoexperimentação, ou seja, é você pesquisar a si mesmo, através de suas experiências pessoais. Afinal, o que é mais importante que você se conhecer e ter autodomínio sobre seus atos, pensamentos, emoções e ações? Isso não

tem preço!

Se você quer identificar suas dificuldades, potencialidades, apegos e aversões, se quer superar limitações e ter autodomínio, eis algumas dicas:

1. Desapegue-se, de modo natural, sem alienação, de coisas, grupos e pessoas que não lhe ajudam a progredir e ser melhor.
2. Não busque encontrar culpados ou salvadores dos seus problemas, não terceirize seus erros e responsabilidades a ninguém. Isso é autocorrupção.
3. Identifique e assuma seus talentos e opte por atividades com relevância evolutiva.
4. Retome o comando de sua vida, através da vontade inquebrantável de melhorar a si mesmo e de ajudar outras pessoas, sem nenhum interesse por trás disso.
5. Estabeleça rotinas úteis e interassistenciais.
6. Elimine bagulhos energéticos. Faça uma limpeza em todos os ambientes de sua casa. Retire e doe coisas sem utilidades para você, mas que servirão para outras pessoas.
7. Qualifique seus pensamentos e sentimentos, pensando e agindo sempre de modo correto, com integridade e exemplarismo.

* **Kacianni Ferreira** – Professora, reeducadora, pesquisadora e escritora. Graduada em Educação Artística. Especialista em Cultura e Arte Barroca. Especialista em Educação. Ministra cursos e oficinas sobre arte mentalsomática, autopesquisa, gestação consciencial, conscienciologia, consciência corporal, potencialização das qualidades pessoais, ectoplasmia, técnicas bioenergéticas de autodefesa consciencial, prioridades evolutivas, entre outros. Nasceu em Teresina/PI. Reside em Natal desde 1993. kacianni@hotmail.com

Se você está com algum conflito, depressão, mágoa, sentimentos e pensamentos negativos, investigue o motivo, pois pode ser fruto de sua imaginação ou de sua imaturidade consciencial ou, ainda, do ego inflado. São muitas possibilidades. Reflita sobre todas elas.

Invista em autopesquisa, por proporcionar autoconhecimento. Invista em você, mas quem pode ajudá-lo(a) é você mesmo(a).

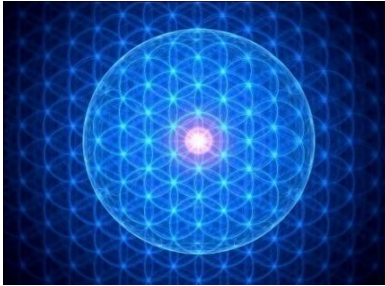
E não espere tempo ideal. O melhor momento é aqui, agora, já! Autopesquise-se!

Natal/RN, 25/02/2020.

Para ampliar o assunto:

<http://pt.conscienciopedia.org/index.php/Autopesquisa>

http://www.tertuliaconscienciologia.org/index.php?option=com_content&task=view&id=73&Itemid=100



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

4 – REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA



Kaká Werá*

Para eliminar o avanço do Corona vírus e caminhar em direção à cura, temos que considerar a reflexão sobre três aspectos fundamentais neste momento. O primeiro é ter muito discernimento em relação às informações que nos chegam de todos os lados que têm por objetivo a prevenção e a contenção da expansão da pandemia. Elas são fundamentais se realmente focarmos no sentido de cuidado e precaução que promovem.

O noticiário de todo o mundo e das principais mídias profissionais trazem esta urgência do cuidado, orientado para a higiene, evitar aglomerações e fluxo em situações massivas. Propõe uma reclusão e uma diminuição do ritmo frenético da vida urbana. Se entendermos tais atitudes como cuidado social e aliarmos a isso nossos cuidados pessoais e, sobretudo, psíquicos e espirituais, atravessaremos este desafio.

O segundo aspecto é que em decorrência do isolamento e contenção solicitada vêm junto explosões de padrões de medo. As imagens que nos chegam e determinadas vozes veiculadas pelos meios de comunicação, e o apelo muitas vezes severo, ativa partir de nosso subconsciente e do

inconsciente coletivo verdadeiros aglomerados de nuvens densas dos medos, povoando nossas emoções e pensamentos. São os medos ancestrais, gravados em nossas memórias psíquicas:

1. Medo da morte
2. Medo do futuro
3. Medo da dor
4. Medo do fracasso

Pessoas, instituições, organizações empresariais, famílias, governos, mídias; acabam criando, juntos, inconscientemente uma camada de emanção destes medos. Por isso temos que trazer agora para a nossa mente consciente a idéia central de que esta pausa coletiva jamais poderá ser associada aos medos. Para trazer para a nossa consciência podemos fazer da seguinte maneira: respiremos profundamente e afirmando:

*“Eu sou (**diga seu nome**) e me recolho em meu lar para renovar minhas energias, me vitalizar e brevemente retornar as atividades de modo pleno e atraindo as melhores soluções para o restabelecimento do fluxo da saúde e da prosperidade.”*

* **Kaká Werá Jecupé** – (São Paulo, 1 de fevereiro de 1964) é um escritor, ambientalista e conferencista brasileiro de origem indígena tapuia. Terapeuta, fundador do Instituto Arapoty, que promove a difusão da cultura e sabedoria indígena brasileira e atua em processos de desenvolvimento pessoal com mentoria, coaching e imersões. Os seus livros mais recentes são: *A Águia e o Colibri* (2019), escrito em parceria com Roberto Crema, com o Selo Arapoty e *O Trovão e o Vento*, pela Ed. Polar (2016). m.me/kakawera [cursos@kakawera.com](mailto: cursos@kakawera.com) <http://www.kakawera.com>

Através de afirmações como esta, mentalizando pelo menos três vezes, neutralizamos o gatilho dos medos inconscientes.

Além destas afirmações, podemos neutralizar também a influência vibratória e o campo coletivo destes padrões de medos. Como tudo na vida é energia e vibração, e conseqüentemente as memórias que portamos formam um campo vibratório; há técnicas milenares que neutralizam estes aglomerados de negatividade, ou camadas densas que formam este tipo de egrégora.

Uma técnica que utilizo há décadas, pessoalmente e coletivamente, em meus trabalhos de autoconhecimento é a prática de vocalização das vogais **I.A.O.**

As notas vocálicas são profundos instrumentos de cura e purificação de padrões negativos de pensamentos e emoções. As emanações das vogais produzem uma vibração que limpa energeticamente nossos centros: vital, emocional e mental e são facilitadores de conexão com nossa essência harmônica. As vogais funcionam vibratoriamente como um diapasão, restabelecendo a afinação entre nossa alma-essência e nossa personalidade. São orações puras. São os “mantras” ancestrais e na tradição tupi são chamadas de “Porã-hei” – sílabas sagradas.

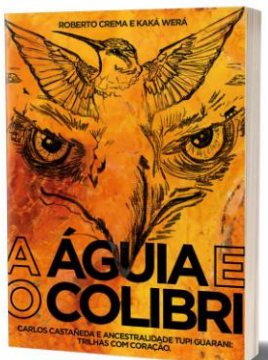
Recomendo encontrar um lugar confortável, sentar-se de modo que sua postura não fique rígida demais e nem relaxada demais. Que a coluna esteja alinhada verticalmente. Inspire e emita primeiramente o som “I”, visualizando sua vibração sendo emitida a partir do centro da testa. Visualize uma esfera de luz como um sol em miniatura neste centro enquanto vibra. Depois inspire novamente e emita o som

“**A**”, desta vez percebendo e visualizando sendo emitido a partir do coração. Imagine também uma pequena esfera como um sol expandindo do coração. E por fim emita o som “**O**”; visualizando-o sendo emitido do plexo solar, imaginado uma pequena esfera solar também emanando deste centro.

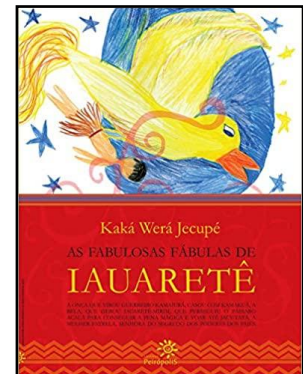
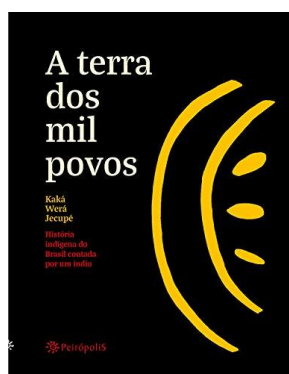
O terceiro aspecto a ser observado aqui requer um olhar mais profundo sobre as causas desse tipo de pandemia. Do ponto de vista espiritual, esta é uma das várias doenças transmitidas pelo ar. Nós, enquanto seres humanos, desde há muito tempo temos poluído o ar e como retorno estamos colhendo inúmeros tipos de doenças tendo os mais variados nomes e fazendo mal a milhões de pessoas cotidianamente. Mas além do ar poluímos também as águas, promovemos o envenenamento massivo do solo e utilizamos o fogo como arma para promover a guerra, extraindo-o do reino mineral e dos elementos químicos. Ou seja, o modo como lidamos com a natureza, seus recursos e com a diversidade de culturas e nações formam em conjunto as causas de pandemias e desequilíbrios sociais e econômicos de toda ordem. Por isso temos que urgentemente pedir perdão a toda a natureza pelos maus tratos que temos direcionado a Ela e temos que mudar nosso modo de operar com os ecossistemas em toda a Terra. Temos que gerar uma sociedade sustentável, equânime, saudável e próspera. Não há como fazer isso sem reconhecer esta falha coletiva que cometemos. Perdão, Mãe Terra. Sagrado e Divino Mistério, nos inspire a encontrar novas soluções em direção ao equilíbrio, verdadeira abundância e justiça!

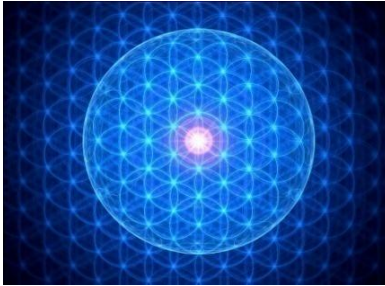
Mar/2020

Alguns livros do autor:



Parceria com Roberto Crema





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

5 – PROCURA-SE PSICANALISTA SEGURX Uma conversa sobre normatividade e escuta analítica*

Beatriz Santos**
 Elsa Polverel***

Há cerca de cinco anos, anúncios de pessoas procurando psicólogos ou psicanalistas começaram a surgir com certa frequência numa grande lista de difusão de informações sobre os estudos de gênero na França. Em meio a anúncios de colóquios e chamadas de artigos sobre estudos feministas, estudos de gênero ou sexualidade, podiam-se ler mensagens como: “Procuro umx psicologx ou psicanalista *safe* para uma amiga que sofreu uma agressão sexual na infância; alguém pode me indicar um nome na região parisiense?”. Ou: “Alguém teria o nome de uma psi lésbica que atenda no norte de Paris?”.

Enquanto psicanalistas iniciando nossa prática em Paris e membros participantes das discussões da lista, nos sentimos interpeladas por essas mensagens. Será que o fato de estarmos engajadas em reflexões sobre o feminismo e os estudos de gênero faz de nós psicanalistas feministas? Nossa presença nas manifestações anti-homofobia que aconteceram em Paris no momento da aprovação da lei do *Mariage pour tous* [Casamento para todos] explicita algo da qualidade de nossa clínica? O que quer dizer ser uma *psicanalista safe*, e a quem cabe poder reconhecê-la como tal?

O presente texto é uma conversa sobre essas questões. Ele é um convite para

pensarmos de que modo questões relativas à normatividade sexual aparecem na cura analítica e se podem (ou devem) transformar o trabalho dx analista.

Procura-se psicanalista segurx

O que significa ser umx *psi safe*? – segundo a nomenclatura usada nos grupos de discussão onde ela aparece. A definição proposta pelo site *Psysafe*, criado por profissionais da saúde mental (psicólogos, psicanalistas ou psiquiatras – ou *psys*, como são chamadx na França) estabelece que o ou a *psi safe* é o ou a profissional capaz de receber pessoas cujas identidades e orientações são consideradas marginalizadas – o que inclui a população LGBTQI, trabalhadorxs do sexo e todo sujeito que sofre discriminações sistêmicas específicas. A intenção de criar uma lista com nomes de psicólogos, psicanalistas e psiquiatras tidos como *safe* – ou “seguro”, em inglês – se baseia assim na percepção de que uma parcela da população é vítima de preconceito e de discriminações dentro dos espaços da clínica e que tal população poderia se beneficiar do que é compreendido como um gesto político da parte dxs analistas: assumir uma postura “politicamente não neutra e que leva em conta, para além do sujeito, as realidades opressoras do campo social”^[1].

* Artigo publicado com autorização da Revista Lacuna. Para busca da publicação original: SANTOS, Beatriz; POLVEREL, Elsa (2016) Procura-se psicanalista segurx. Uma conversa sobre normatividade e escuta analítica. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n.-1, p. 3, 2016. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2016/05/22/normatividade-e-escuta-analitica/>>.

****Beatriz Santos** é psicanalista e doutora pelo departamento de Estudos Psicanalíticos da Université Paris Diderot.

*** **Elsa Polverel** é psicóloga e doutora em Literatura Francesa pela Université Sorbonne Nouvelle.

Dito de outra forma, trata-se de tentar estabelecer um protocolo que garanta (na medida do possível) que discursos e atitudes preconceituosos e homo/bi/transfóbicos não se repitam no consultório, o que quer dizer assumir uma postura de atenção redobrada quanto a representações potencialmente opressoras presentes nas teorias que orientam as práticas clínicas e analíticas.

A ideia é que xs pacientes saibam que “as representações, preconceitos e a falta de informação provenientes do campo social e da qual sofrem na vida cotidiana são (re)conhecidas pelxs profissionais”^[2]. Trata-se de evitar encontros com profissionais que neguem o que tais pacientes vivem como a realidade do preconceito – o ou a analista deve compartilhar da certeza de que determinadxs sujeitos sofrem de um tipo de violência específica, própria a um determinado grupo ao qual foram designados (gays, lésbicas, trans*, negrxs etc.).

Esta definição de umx *psi safe* nos convida a pensar sobre o avesso da ideia que propõe: se existem psis que podemos considerar como *segurxs*, que riscos estamos correndo ao optarmos por analistas que não se descrevem (nem são descritxs) assim? O que caracteriza umx *analista perigosx*? Se seguirmos o raciocínio apresentado no site Psysafe e expresso nas demandas que passamos pela lista de discussão que acompanhamos, umx analista perigosx é aquele que expressa julgamentos normativos sobre xs analisandxs. Trata-se de umx analista cuja escuta estaria excessivamente comprometida pelo ruído das certezas derivadas do regime de normas de seu tempo. Sem manter uma expectativa irrealizável de encontrar o ou a analista sem preconceitos, as pessoas que explicitam a necessidade de encontrar umx profissional *safe* estão em busca de um alinhamento político com quem as escuta.

A mesma lógica que orienta a formação de zonas seguras no ativismo feminista – ou seja, a criação de espaços que se querem capazes de se manter exteriores às relações de força habituais, conforme a definição de Manda Green^[3] – passa a se aplicar à concepção de um espaço analítico, já que “se admite, de modo geral, que os membros de uma minoria visível estão submetidos a uma pressão mais forte – seja ela real ou interiorizada – que os obriga a se posicionar em relação ao grupo dominante”^[4]; a criação

de zonas seguras se justifica como consequência desse posicionamento. Pressupõe-se que a vulnerabilidade diferenciada de certos corpos, certas identidades de gênero e certas orientações sexuais no espaço público se repita da mesma forma dentro dos consultórios. Por essa razão, seria necessário que psicanalistas se engajassem na construção de zonas seguras da mesma maneira que xs participantes de organizações políticas, preferencialmente utilizando as mesmas ferramentas que permitem a formação de tais organizações.

Mas como iniciar um trabalho analítico tendo como ponto de partida a certeza de que x analista *garante* (re)conhecer o lugar de onde fala um sujeito? Tal certeza pressupõe a ideia de que é possível determinar quais traços identitários de umx analista (nos) asseguram de que sua escuta será não normativa. E também que, caso tal correspondência pudesse ser estabelecida, isso seria produtivo para a cura que se inicia.

Essas ideias sempre surgem quando alguém nos pede uma indicação de analista homossexual. O pedido invariavelmente nos faz questionar se o fato de que uma analista seja lésbica, por exemplo, atesta que, durante as sessões, sua atenção seja flutuantemente não homofóbica. Por um lado, estamos cientes da importância de pensarmos as experiências analíticas em termos de saberes situados, segundo a terminologia proposta por Donna Haraway – ou seja, como produzidas e pensadas por um sujeito radicalmente contingente historicamente e cujo relato é construído sob uma perspectiva obrigatoriamente parcial^[5]. Mas também entendemos que não é possível assumir que determinadas características de umx analista se traduzam, de maneira direta, em formas de ouvir. Isso equivaleria a ignorar a singularidade da análise como um *trabalho específico* que se dá em determinada cura e em nenhuma outra.

Normas suspensas, normas suspeitas

Em uma entrevista recente que realizamos com Judith Butler e Monique David-Ménard, abordamos diretamente essa questão, traduzida nos termos seguintes: de que modo as normas sociais exercem um impacto sobre o trabalho do analista? Referindo-se à sua prática de psicanalista,

David-Ménard questionava Butler quanto à possibilidade de que uma escuta *deliberadamente* não normativa possa existir:

[é muito interessante falar da minha clínica,] mas tenho a impressão de que não é possível fazer duas coisas ao mesmo tempo: penso que *ou nos atemos ao trabalho do normativo no social, ou examinamos as situações subjetivas com os instrumentos próprios à transferência e à análise*. Mas a junção dos dois trabalhos é sempre muito difícil^[6].

Para David-Ménard, podemos concordar quanto ao argumento de que todo sujeito se forma em – e através de – um regime de normas específico. Mas não somos capazes, enquanto analistas, de nos entregarmos à escuta do que de singular se produz na fala *ao mesmo tempo* em que analisamos o efeito patogênico das normas de modo geral. Trata-se de duas tarefas distintas que devem ser cumpridas em tempos também distintos.

Temos então, que uma escuta pensada como deliberadamente não normativa não é compatível com o argumento de David-Ménard. Se partimos da ideia de que o trabalho do analista é “tornar os trajetos subjetivos mais facilmente vivíveis, sem fazer nenhuma prescrição”^[7], como ela diz, nenhuma prática analítica pode se referir a uma “normatividade universal” cujo efeito seria o mesmo para todos analisandos. É a essa ideia de invariabilidade do efeito das normas sociais, presente no projeto de uma escuta voluntariamente *safe*, que David-Ménard parece se opor: se os processos inconscientes mobilizados pelo dispositivo analítico são fundamentalmente singulares e inéditos, como seria possível mapear previamente as direções que tais processos podem ou não tomar do lado dx analista?

Na entrevista a que nos referimos, Judith Butler apresenta um ponto de vista diferente sobre essa questão. É certo que a tarefa de articular a escuta do que David-Ménard chama de “situações subjetivas” e o escrutínio do que há de normativo na narrativa do que faz sofrer um sujeito é difícil, reconhece Butler. Para a autora,

Não se pode evitar a dificuldade. Mas (...) poderíamos dizer que *o normativo está suspenso, posto fora do jogo, numa sessão analítica, justamente para que possa ser reintroduzido pelos analisandos*. O roteiro do normativo pode ser reproduzido com todas as suas complicações dentro da sessão. Mas

o que estamos dizendo é que, em relação à norma, é que ela está sempre presente. Devemos colocá-la de lado, mas ela está lá, do lado de dentro [da sessão] (...). Não apenas a colocamos imediatamente de lado: colocá-la de lado é uma prática cotidiana. Ao mesmo tempo em que ela acontece, está sendo transposta à cena analítica.

Para Butler, ainda que a intenção dx analista seja a de permitir que o espaço da análise seja um espaço de suspensão de normas, o normativo sempre reaparecerá na fala dxs analisandos. Essa afirmação ecoa elementos de sua reflexão sobre a relação existente entre vulnerabilidade, humanidade e efeito de normas. A percepção de uma “presença normativa” na análise é compatível com a ideia butleriana da variabilidade existente entre os graus de vulnerabilidade incorporados por um sujeito. Ou seja: se existem diferenças nos modos como corpos e desejos são considerados viáveis e legítimos numa sociedade, não faria sentido imaginar que tal diferença pudesse se reproduzir na clínica?^[8]

Segundo certos analistas que escrevem sobre a temática da homossexualidade, como Joanna Ryan, por exemplo, a resposta para essa pergunta é afirmativa. Seu trabalho sobre a homofobia dxs psicanalistas afirma a importância de uma reflexão séria sobre o modo como historicamente a psicanálise tratou gays e lésbicas.

Trata-se de examinar as razões pelas quais se constata uma penúria de vozes e teorias dissidentes quanto à homossexualidade – “apesar de, desde os anos sessenta, muitos terem criticado de fora [da psicanálise] as atitudes e as teorias psicanalíticas sobre a homossexualidade, tais trabalhos tiveram pouco impacto no pensamento psicanalítico *mainstream*. (...)”^[9] – com um objetivo preciso: explicitar a relação existente entre i) a disseminação de teorias psicanalíticas que associavam a homossexualidade à perversão e lhe atribuíam um estatuto patológico; ii) o fato de, conseqüentemente, gays e lésbicas terem se mantido distantes dos espaços analíticos; e, finalmente, iii) uma falta de conhecimento da “diversidade e das vicissitudes das homossexualidades”^[10] da parte dxs analistas, já que acabavam encontrando poucos analisandos não heterossexuais.

De acordo com Ryan, a história da psicanálise é, sim, marcada por uma

diferença no tratamento que foi dado a heterossexuais e homossexuais. Diferença perceptível tanto na clínica (através de relatos de analisandxs gays e lésbicas que se confrontaram com a homofobia de seus e suas analistas) quanto na produção teórica (mais preocupada em determinar uma “etiologia da homossexualidade” do que uma etiologia da homofobia, por exemplo). O que quer dizer que, se retomamos o argumento de Butler citado acima, parece existir de fato uma dimensão (hétero) normativa que é introduzida na cura pela fala dxs analisandxs quando esta é ouvida não como a produção de sujeitos ocupando posições subjetivas singulares, mas sim como uma “fala (de) homossexual”.

Encontro, substantivo de gênero indefinido

A procura por umx psi *safe* é uma reação a um sentimento de desconfiança endereçado à psicanálise. Trata-se de um fenômeno que só pode existir em diálogo com um discurso psicanalítico, ainda que este tenha decepcionado ou traído aqueles que tentam encontrar o ou a analista garantidamente segurx. Essxs potenciais analisandxs não compartilham o ponto de vista de críticos como o filósofo Didier Eribon, que insiste na obsolescência da psicanálise e convida todxs a *escapar* dela. Pelo contrário: acreditam que o tratamento psicanalítico possa trazer benefícios e por isso se dispõem a encontrar x profissional que lhes convém.

Não nos surpreende então que essa procura seja um fenômeno comum na França – e, mais especificamente, em Paris. Ele está intrinsecamente ligado à disseminação de ideias psicanalíticas para além do perímetro restrito das Escolas de psicanálise e das universidades. As pessoas que criticam a excessiva normatividade dxs psicanalistas na lista de discussão a que nos referimos já ouviram muitas falas “em nome da psicanálise” em diversos espaços, não só nos consultórios; programas de rádio, tribunas de jornal, entrevistas na televisão são alguns exemplos de meios nos quais se pode escutar cotidianamente a opinião de umx psicanalista sobre assuntos diversos na França.

Num artigo recente sobre as relações entre feminismo e psicanálise, Laurie Laufer

aborda esse assunto ao examinar como, a partir dos anos 1970, a psicanálise francesa passa a se apresentar como campo de saber capaz de estabelecer “perícias de saúde mental”^[11]. Essa atitude da parte da psicanálise – ou de “certos psicanalistas que se consideram os porta-vozes da psicanálise – produziu (muitas vezes de forma justificada) uma certa desconfiança por parte do campo das ciências sociais quanto a teorias etiológicas que normalizam os comportamentos ao medicá-los”^[12]. Segundo Laufer, essa desconfiança é então fabricada pelxs próprixs psicanalistas quando ocupam (indevidamente) a posição de “experts em regras e condutas que devem ser seguidas no domínio da sexualidade”^[13].

Ou seja: parece de fato possível pensarmos que existe uma dimensão de perigo associável às práticas de certxs analistas. Mas, justamente, não se tratam de práticas psicanalíticas, regidas pelo trabalho do inconsciente e orientadas pelas regras que compõem o dispositivo analítico. Esse é o perigo a que se expõem as pessoas cujas identidades e orientações são consideradas marginalizadas (e certamente não só elas): o perigo de serem tratadas, em análise, como se estivessem num espaço onde se produzem perícias e avaliações, e não escuta.

Como passo em direção a uma conclusão, podemos traçar a seguinte ideia: parece-nos evidente que uma discussão sobre os modos como a comunidade analítica reproduz discursos normativos, tanto em sua prática quanto em sua teoria, dentro e fora dos consultórios, segue sendo necessária. Mas talvez a solução para esse problema exija um deslocamento que nem se dá no momento de entrada na análise, nem pode ser de responsabilidade dxs analisandxs.

A dimensão contingente que está em jogo na produção dos laços transferenciais que permitem que uma análise se dê nos afasta da rigidez identitária implícita na definição de umx psi *safe*. “O que acontece num processo analítico”, dizia Pontalis, “escapa aos sujeitos”^[14]. A condição para que uma análise se dê está na suspensão de um saber sobre si e sobre o outro. Nas palavras de Pontalis, analista e analisandx “não são, nem um nem outro, mestres (do processo), o que não quer dizer que estejam ausentes. É por seu estranho encontro, encontro entre dois desconhecidos abertos a seu próprio

desconhecido, que acontece o que acontece”^[15].

Nesse sentido, a ideia de segurança evocada pela demanda de umx psi *safe* instaura uma perturbação nas condições para que aconteça um processo analítico. Ela convida analisandx e analista a se apoiarem sobre um ponto seguro, *safe*, de reconhecimento identitário e afasta assim a possibilidade de que este “estranho encontro” se produza.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith (1990) *Défaire le genre*. Trad. M. Cervulle. Paris: Ed. Amsterdam, 2006.

BUTLER, Judith; DAVID-MENARD, Monique; SANTOS, Beatriz; CREVIER GOULET, Sarah-Anaïs; DEBS, Nayla; POLVEREL Elsa (2015) Judith Butler et Monique David-Ménard: d'une autre à l'autre. *L'Évolution psychiatrique*, 80(2), pp. 317-330, 2015.

GREEN, Manda (2004) Safe space et

représentation substantive: le cas des délégations aux droits des Femmes et à l'égalité des chances. *Raisons politiques*, n. 15, pp. 97-110, 2004/3.

HARAWAY, Donna (1988) Situated knowledges: the science question in feminism and the provolege of partial perspective. *Feminist studies*, vol. 14, n. 3, pp. 575-599, Autumn 1988.

LAUFER, Laurie (2014) La psychanalyse est-elle un féminisme manqué?. *Nouvelle revue de psychosociologie*, n. 17, pp. 17-29, 2014/1.

PONTALIS, JB (1997) *Ce temps qui ne passe pas*. Paris: Gallimard.

RYAN, Joanna (2001) “Can psychoanalysis understand homophobia?” In: In: DEAN, Tim; LANE, Christopher. *Homosexuality and psychoanalysis*. Chicago: University of Chicago Press; pp. 307-321.

PSY* SAFES ET INCLUSIFS. Disponível em: <<http://psysafeinclusifs.wix.com/psysafe>>. Último acesso: 19/05/2016.

Notas:

^[1] GREEN, Manda (2004) Safe space et représentation substantive: le cas des délégations aux droits des femmes et à l'égalité des chances. *Raisons politiques*, n. 15, p. 103, 2004/3; tradução nossa. Disponível em: <www.cairn.info/revue-raisons-politiques-2004-3-page-97.htm>.

^[2] *Idem*.

^[3] *Idem*.

^[4] *Idem*.

^[5] HARAWAY, Donna (1988) Situated knowledges: the science question in feminism and the provolege of partial perspective. *Feminist studies*, vol. 14, n. 3, pp. 575-599, Autumn 1988.

^[6] BUTLER, Judith; DAVID-MENARD, Monique; SANTOS, Beatriz; CREVIER GOULET, Sarah-Anaïs; DEBS, Nayla; POLVEREL Elsa (2015) Judith Butler et Monique David-Ménard: d'une autre à l'autre. *L'Évolution psychiatrique*, 80(2), p. 326, 2015; trad. nossa.

^[7] *Idem*.

^[8] BUTLER, Judith (1990) *Défaire le genre*. Trad. M. Cervulle. Paris: Ed. Amsterdam, 2006, p. 48.

^[9] RYAN, Joanna (2001) “Can psychoanalysis understand homophobia?”. In: DEAN, Tim; LANE, Christopher. *Homosexuality and psychoanalysis*. Chicago: University of Chicago Press, 2001, p. 308; trad. nossa.

^[10] *Idem*.

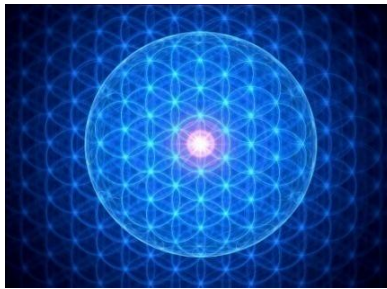
^[11] LAUFER, Laurie (2014) La psychanalyse est-elle un féminisme manqué?. *Nouvelle revue de psychosociologie*, n. 17, p. 20, 2014/1; trad. nossa.

^[12] *Idem*.

^[13] *Idem*.

^[14] PONTALIS, Jean Bertrand (1997) *Ce temps qui ne passe pas*. Paris: Gallimard, p. 56; trad. nossa.

^[15] *Idem*.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

6 – DIMENSÕES DA FELICIDADE: diálogos entre a Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis e a Psicologia Positiva¹

DIMENSIONS OF HAPPINESS: interactions between the Spiritist Psychology of Joanna de Ângelis and Positive Psychology

Hidemberg Alves da Frota²

SUMÁRIO: Introdução; 1. O conceito de felicidade segundo Joanna de Ângelis; 2. A felicidade e a faceta sombria da existência; 3. A felicidade e a resignação dinâmica; 4. A felicidade e a diversidade da subjetividade; 5. A felicidade, as gratificações e os prazeres; 6. As felicidades autêntica, eudaimônica e cairônica; 7. A felicidade e a ressignificação do hedonismo; 8. O diálogo entre as felicidades eudaimônica e cairônica; Conclusão; Referências.

Resumo: Este artigo científico mapeou os pontos de convergência entre a Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis e a Psicologia Positiva no tocante à questão da felicidade, desdobrada nestes eixos: (1) a felicidade e a faceta sombria da existência; (2) a felicidade e a resignação dinâmica; (3) a felicidade e a diversidade da subjetividade; (4) as felicidades autêntica, eudaimônica e cairônica; (5) a felicidade e a ressignificação do hedonismo; (6) o diálogo entre as felicidades eudaimônica e cairônica. Em cada tópico desta pesquisa, estabeleceu-se uma interface, de um lado, entre o conteúdo de obras espíritas sobre temáticas psicológicas cuja autoria se atribui ao espírito Joanna de Ângelis, escritas por meio da psicografia do médium baiano Divaldo Pereira Franco, dando-se destaque ao conjunto de livros que compõem a denominada Série Psicológica, e, de outro lado, a literatura especializada em Psicologia Positiva, mediante a remissão a livros-texto, artigos científicos e capítulos de obras coletivas, em particular os aportes colhidos da chamada Segunda Onda da Psicologia Positiva.

Palavras-chave: Psicologia Positiva. Psicologia Espírita. Joanna de Ângelis. Felicidade.

Abstract: This paper ascertained the points where the Spiritist Psychology of Joanna de Ângelis and Positive Psychology converge on the matter of happiness, broken down into the following core aspects: (1) happiness and the darkside of existence; (2) happiness and dynamic resignation; (3)

¹ Este artigo homenageia o aniversário, em 2019, dos trinta anos da publicação, em 1989, da primeira edição de “Jesus e Atualidade”, obra psicografada por Divaldo Pereira Franco, que constitui o volume 1 da Série Psicológica de Joanna de Ângelis.

² Pós-Graduado (Especialista) em Psicologia Positiva: Ciência do Bem-Estar e Autorrealização, bem como em Direito e Processo do Trabalho, ambos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-Graduado (Especialista) em Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica pela Faculdade Dom Alberto (FAD). Pós-Graduado (Especialista) em Direito Tributário pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pós-Graduado (Especialista) em Direito Público: Direito Constitucional e Direito Administrativo pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas (CIESA). Agente Técnico-Jurídico do Ministério Público do Estado do Amazonas. alvesdafrota@gmail.com.

happiness and the diversity of subjectivity; (4) authentic, eudaimonic, and chaironic happiness; (5) happiness and the resignification of hedonism; (6) the interaction between eudaimonic and chaironic happiness. Each topic of this research established an interface across the contents found in spiritist works on psychological themes whose authorship is attributed to the spirit of Joanna de Ângelis, penned by the Brazilian medium Divaldo Pereira Franco through automatic writing. Special focus is given to the series of books that make up de Ângelis' Psychological Series and to specialized Positive Psychology literature by referring to textbooks, scientific articles, and chapters from collective works, particularly the contributions made by what is called the Second Wave of Positive Psychology.

Keywords: Positive Psychology. Spiritist Psychology. Joanna de Ângelis. Happiness.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca mapear os pontos de convergência entre a Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis e a Psicologia Positiva no tocante à questão da felicidade, desdobrada nestes eixos:

- (1) a felicidade e a faceta sombria da existência;
- (2) a felicidade e a resignação dinâmica;
- (3) a felicidade e a diversidade da subjetividade;
- (4) as felicidades autêntica, eudaimônica e cairônica;
- (5) a felicidade e a resignificação do hedonismo;
- (6) o diálogo entre as felicidades eudaimônica e cairônica.

Para tanto, examinam-se obras espíritas sobre temáticas psicológicas cuja autoria se atribui ao espírito Joanna de Ângelis, escritas por meio da psicografia do médium baiano Divaldo Pereira Franco, dando-se destaque ao conjunto de livros que compõem a denominada Série Psicológica, em cotejo com a literatura especializada em Psicologia Positiva, mediante a consulta a livros-texto, artigos científicos e capítulos de obras coletivas, em particular os aportes colhidos da chamada Segunda Onda da Psicologia Positiva.

Foge do escopo desta pesquisa tecer considerações sobre a existência ou não de fenômenos mediúnicos ou problematizar se tais obras são, de fato, produto da manifestação de um “espírito” (ser destituído de corpo biológico) ou se constituem uma expressão da psiquê de Franco.

O que se analisa é se o conteúdo desse conjunto de textos elaborados no seio do movimento espírita brasileiro dialoga com o

movimento científico da Psicologia Positiva e quais suas eventuais contribuições para esse ramo da Ciência Psicológica, no que concerne, sobretudo, à problemática da felicidade possível, real e sustentável.

1. O CONCEITO DE FELICIDADE SEGUNDO JOANNA DE ÂNGELIS

De acordo com a Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis, a felicidade consiste em um estado interior de paz, independente de fatores externos positivos ou negativos, caracterizado pelos sentimentos de harmonia, bem-estar e tranquilidade, baseado no cultivo de emoções saudáveis, pensamentos corretos e de sentimentos, ideais e atos enobrecedores, eliminando-se tóxicos mentais e vivenciando-se a solidariedade e a compaixão, fruto de um longo processo de renovação íntima de fundo ético-moral, centrado na máxima de “amar o próximo como a si mesmo”, em um modo de vida norteado pelo equilíbrio, pelo bem viver e pelo sentido existencial alicerçado no autoconhecimento e na fé espiritual raciocinada (ÂNGELIS, 2018a, p. 123-128; ÂNGELIS, 2018b, p. 116-124; ÂNGELIS, 2017a, p. 171-174, 435; ÂNGELIS, 2015a, p. 181-185; ÂNGELIS, 2014b, p. 133-150; ÂNGELIS, 2015b, p. 89-93, 107-111; ÂNGELIS, 1995, p. 17-19).

2. A FELICIDADE E A FACETA SOMBRIA DA EXISTÊNCIA

Em “Atitudes Renovadas”, originalmente publicado em 2009, Joanna de Ângelis refuta definir-se felicidade “como falta de sofrimento, ausência de problemas e de preocupações”, porque entende que o bem-

estar e a felicidade podem ser experienciados tanto “em situações de dor”, quanto “diante de problemas e desafios”, já que, no estado emocional da felicidade, “as questões externas, mesmo quando negativas, não conseguem modificar o sentimento de harmonia” (ÂNGELIS, 2018a, p. 123).

Essa ponderação de Joanna de Ângelis coaduna-se com a proposta da Segunda Onda da Psicologia Positiva, também chamada de PP 2.0 e de Psicologia Existencial Positiva, capitaneada por Paul T. P. Wong (WONG, 2010, p. 1-8; WONG, 2016b).

Wong, o qual intenciona agregar a perspectiva existencial à Psicologia Positiva, a fim de expandir e enriquecer as pesquisas científicas na área, quer quantitativas, quer qualitativas, salienta que devem ser confrontados os elementos existenciais negativos e o lado sombrio da existência humana, de maneira que as pessoas cresçam, como resultado dos encontros com essas facetas negativas e sombrias (WONG, 2010, p. 1-8; WONG, 2016b).

O psicólogo sino-canadense pretende que a Segunda Onda da Psicologia Positiva dê atenção prioritária às massas sofredoras, com ênfase na integração entre experiências positivas e negativas, buscando ocupar-se da totalidade da experiência humana (WONG, 2016b; WONG; ROY, 2018, p. 155).

Compreende que acolher o lado negro da vida deve ser o ponto de partida de qualquer pesquisa em Psicologia Positiva, já que a felicidade ou o florescer vêm a lume em meio a fenômenos existenciais e ao estresse cotidiano (WONG, 2016b).

Segundo Martin E. P. Seligman, um dos principais fundadores, juntamente com Mihaly Csikszentmihalyi, do movimento científico, iniciado em 1998 (SELIGMAN, 2019b, p. 291), da Psicologia Positiva³, tal

ramo da Psicologia se relaciona “aos *bons* e aos *maus* momentos, à tapeçaria formada por tais eventos e às forças e virtudes que determinam a qualidade de vida” (SELIGMAN, 2019b, p. 21, grifos nossos).

William James, pioneiro da Psicologia americana que legou linhas de pesquisa hoje consideradas precursoras da Psicologia Positiva (PAWELSKI, 2018, p. 13-16), lecionava que a motivação para o ser humano viver, ou seja, o seu sentimento de que vale a pena existir, revigora-se à proporção que enfrenta obstáculos que desafiam a sua inteligência e vontade, a ponto de, “sendo perseguido por grandes males”, experimentar “uma alegria mais intensa do que qualquer prazer que uma vida tranquila pudesse lhe oferecer”, ao dar “mostras de estar à altura de todos os perigos” e confiar “numa realidade maior” (JAMES, 2018, p. 68).

Em sentido similar se posicionam Itai Ivztan, Lesley Lyle e Gordon Medlock, que vislumbram a Segunda Onda da Psicologia Positiva como uma abordagem dialética, devido à dinâmica relação entre as polaridades positiva e negativa e em razão de que desfechos positivos e o aumento do bem-estar podem decorrer não apenas de emoções e traços positivos, como também da vivência da faceta sombria da existência, uma vez que há circunstâncias nas quais o crescimento e o desenvolvimento de forças de caráter e recursos (habilidades) pessoais derivam do enfrentamento de sofrimentos e dificuldades (IVTZAN; LYLE; MEDLOCK, 2017, p. 1-12).

aspectos positivos ganhem maior destaque nas pesquisas sobre aprendizagem, percepção, emoção, motivação, inteligência, cognição, pensamento e personalidade, oportunidade em que discriminou diversas sugestões de novas linhas de pesquisa, aventando, por exemplo, problematizações acerca de virtudes, sentimentos e aspirações nobres, bem como de experiências de saúde e bem-estar, e instigou a comunidade científica a inserir a abordagem positiva nos campos das Psicologias Animal e Social (MASLOW, 1954, p. 353-378). Ao perquirirem sobre a contribuição da Psicologia Humanista para a alvorada da Psicologia Positiva e suas correlações, Stella Resnick, Arthur Warmoth e Ilene A. Serlin perceberam que esse apelo de Maslow por uma Psicologia Positiva teve influência preponderante na agenda da 1.^a fase do movimento da Psicologia Humanista, dos anos 1960 a 1980 (RESNICK; WARMOTH; SERLIN, 2001, p. 75).

³ Embora a geração capitaneada por Seligman e Csikszentmihalyi tenha sido a responsável por estruturar a Ciência da Psicologia Positiva, com a tônica em pesquisas empíricas quantitativas (HILL; HALL, 2018, p. 253), e a despeito de configurar a primeira geração de psicólogos positivos que se reconhece como tal, a proposta de formulação de uma Psicologia Positiva remonta ao texto “Toward a Positive Psychology”, de Abraham H. Maslow, que constitui o capítulo 18 da sua obra intitulada “Motivation and Personality”, originalmente publicada em 1954, em que critica e questiona a excessiva ênfase da Psicologia em facetas negativas da condição humana e propõe que

3. A FELICIDADE E A RESIGNAÇÃO DINÂMICA

Em “Iluminação Interior”, originalmente publicado em 2006, Joanna de Ângelis assinala que, conquanto o estágio evolutivo planetário faça com que a aspiração a não sofrer consista em utopia, parcela expressiva dos sofrimentos humanos é passível de ser modificada “desde o momento em que o ser humano altere a conduta emocional, dispondo-se à renovação e à coragem para os enfrentamentos inevitáveis” (ÂNGELIS, 2015b, p. 111).

É o que Joanna de Ângelis, em “Plenitude”, volume 3 da Série Psicológica, originalmente publicado em 1991, chama de “resignação dinâmica”, ou seja, “a aceitação do problema com uma atitude corajosa de o enfrentar e remover-lhe a causa” (ÂNGELIS, 2018d, p. 16), também referida, em “O Homem Integral”, volume 2 da Série Psicológica, originalmente publicado em 1990, como a “aceitação dos acontecimentos conforme se apresentam” e “a naturalidade para enfrentar o insucesso, *negando-se* a que interfira no estado de bem-estar íntimo, que *independe* de fatores externos” (ÂNGELIS, 2017b, p. 135-136, grifos nossos).

Joanna de Ângelis, em “Leis Morais da Vida”, obra publicada originalmente em 1975, resplandece que “a atitude resignada *não* significa parasitismo nem desinteresse pela luta”, e sim “fecundo labor ativo de *reconstrução interior*, fixação de propósitos salutareis em programa eficaz de enobrecimento”, e questiona se, para tanto, não seria exigível um grau superior de coragem comparado àquele invocado quando se tomam atitudes violentas de rebeldia (ÂNGELIS, 2018c, p. 98, grifos nossos).

Em sua doutrina filosófica de *reverência pela vida*⁴, Albert Schweitzer preconiza que o desejo de viver não deve ser uma chama que somente queime “com o combustível dos

acontecimentos favoráveis”, mas que espalhe luz também nas situações em que apenas lhe reste “consumir seus próprios recursos”, de sorte que se mantenha o desejo ativo de viver, em profundo respeito pela vida, até nos acontecimentos que conduzem o indivíduo ao sofrimento, partindo, o polímata alsaciano, da premissa de que a verdadeira resignação não radica no cansaço do mundo, e sim no “triunfo silencioso” da “vontade de viver [e] festejar sobre as circunstâncias da vida na situação mais grave”, florescendo “apenas no solo da afirmação profunda da vida e do mundo” (SCHWEITZER, 2013, p. 260).

A *resignação dinâmica* igualmente requer, na óptica de Joanna de Ângelis, que se desenvolva o hábito de se abster tanto de “exigências de sonhos fantásticos, que não se corporificam em realidade”, quanto do “hábito pessimista de mesclar a luz da alegria com as sombras densas dos desajustes emocionais”, inclusive nas circunstâncias em que o indivíduo, até “quando os fatores da vida se lhe apresentam tranquilizadores, evade-se do presente sob suspeitas injustificáveis de que *não merece a felicidade*, refugiando-se no possível surgimento de inesperados sofrimentos” (ÂNGELIS, 2017b, p. 135, grifos originais).

Na contextura da Psicologia Positiva, as pesquisas quantitativas analisadas por Paul Dolan levaram-no a concluir que, enquanto, em regra, as expectativas sensatas e modestas potencializam a felicidade, as expectativas de ser muito feliz são eficazes justamente para *não se ser feliz*, raciocínio ilustrado pelas vivências colhidas dos ambientes profissionais, em que os que experienciam “mais propósito no trabalho têm empregos que se encaixam nas expectativas de como se veem”, ao passo que arcam com o tédio os indivíduos que ficam no aguardo de experiências especialmente interessantes (DOLAN, 2015, p. 114).

Joanna de Ângelis, além de compreender que a felicidade “não é a ausência da dor” (aspecto em que se aproxima da PP, sobretudo da sua Segunda Onda, de forte influência existencialista, conforme visto acima), vai além e imprime um caráter teológico ao sofrimento e à dor, ao postular que a felicidade possível implica *conhecer* a finalidade da dor e do sofrimento em determinado processo psicológico, ao interpretá-los como meios de *despertar* o ser

⁴ Mais conhecida, no plano internacional, como *reverence for life*, oriunda da expressão germanófona *Ehrfurcht vor dem Leben* (MAKOVITZKY, 2016, p. 32), e considerada por Nils Ole Oermann como a conjugação da filosofia natural do estoicismo com a filosofia prática à moda de Goethe, a integrar as dimensões natural e moral da condição humana, centrada em uma ética do amor, inspirada em Jesus, de deferência por todas as formas de vida, conferindo a cada uma o mesmo valor (OERMANN, p. 117-122).

humano “para a realidade de si mesmo”, ou seja, “sempre constitui informação da vida a respeito de algo, no indivíduo, que está necessitando de revisão, de análise, de correção”, a título de mecanismo existencial “para a corrigenda dos equívocos e dos distúrbios que a insensatez e a imaturidade provocam na harmonia cósmica” (ÂNGELIS, 2015b, p. 108-109, 111).

Sonja Lyubomirsky, premiada pesquisadora sobre a felicidade duradoura, reconhece a sazonal ocorrência de momentos e situações durante os quais vêm à tona a raiva que leva ao combate da exploração ou da injustiça, a ansiedade por meio da qual o indivíduo se acautela contra uma determinada ameaça ou desafio, ou a tristeza a partir da qual, refletindo-se sobre o que ora acontece de errado, pode-se tomar medidas voltadas à correção ou à aceitação dessa circunstância (LYUBOMIRSKY, 2013, p. 203).

4. A FELICIDADE E A DIVERSIDADE DA SUBJETIVIDADE

Joanna de Ângelis, em “Atitudes Renovadas”, frisa que a felicidade, por não se limitar a um padrão determinado, difere de indivíduo para indivíduo, uma vez que os distintos níveis de consciência e de conhecimento resultam em aspirações diversificadas, a espelharem a individualidade de cada pessoa, incluindo-se o estágio e a qualidade da emoção de cada ser humano (ÂNGELIS, 2018a, p. 124).

Com vistas a ilustrar o seu raciocínio, Joanna de Ângelis traz a lume os seguintes exemplos (ÂNGELIS, 2018a, p. 124-125):

(1) Quanto mais o asceta, o mártir e o idealista enfrentam as dificuldades, “melhor se sentem, agradecendo à vida as aflições que os elevam, que os ajudam a concretizar os objetivos que abraçam e os santificam” (chama isso de vivência das “emoções superiores da alma”), ao passo que, para muitos indivíduos, felicidade significa “as sensações bem-atendidas, o conforto, a conquista de valores amoadados, o experimentar de prazeres contínuos” (vislumbra nesse fenômeno a ênfase às “sensações dos sentidos físicos de efêmera duração”).

(2) Enquanto, para alguns indivíduos, a felicidade consubstancia “alegrias derivadas das ambições que se fizeram palpáveis, após

algum esforço para consegui-las”, para outras pessoas estar feliz quer dizer contemplar “as satisfações hedonistas, em que o gozo foi transformado em finalidade primordial da existência, embora fugidio e cansativo”.

Para Joanna de Ângelis, em “Encontro com a Paz e a Saúde”, publicado originalmente em 2014 (volume 14 da Série Psicológica), a vivência da felicidade não possui fórmula pronta e única, pois que varia ao sabor da subjetividade de cada um, isto é, cada pessoa acalenta as suas próprias aspirações, consoante a interface entre a “sua constituição emocional, física e psíquica”, a espelhar os distintos “níveis de consciência e inteligência” e a depender também do “conhecimento de si mesmo em relação aos demais indivíduos”, bem como da “conscientização das próprias aspirações” e dos “objetivos que sejam colocados como fundamentais para a vida”, de sorte que “aquilo que para uns é realização plenificadora, para outros, talvez não tenha qualquer significado relevante” (ÂNGELIS, 2014b, p. 136).

Wong amplia esse raciocínio, ao atentar para o mister de que, por meio de pesquisas amparadas na Psicologia Cross-Cultural (*Cross-cultural psychology*), sejam concebidas formulações da Psicologia Positiva congruentes com contextos culturais diversos do paradigma euro-americano, tais qual a sua proposta de concepção de uma Psicologia Positiva Chinesa, adaptada à conjuntura política e à cultura chinesas (WONG, 2016a).

5. A FELICIDADE, AS GRATIFICAÇÕES E OS PRAZERES

A distinção firmada por Joanna de Ângelis entre experienciar “as emoções superiores da alma” e as “sensações dos sentidos físicos de efêmera duração” (ÂNGELIS, 2018a, p. 124) denota relativa proximidade com a diferenciação feita por Seligman entre *gratificações* (relacionadas a propósitos nobres) e *prazeres* (atinentes a sensações naturais) (SELIGMAN, 2019b, p. 130-132).

De acordo com Seligman, os *prazeres* concernem ao conjunto das denominadas *sensações naturais*, isto é, referem-se às satisfações dotadas de acentuado cariz sensorial e emocional, sempre passageiras, imbuídas de “pouco ou nenhum raciocínio”,

tais quais o êxtase, o entusiasmo, o orgasmo, o deleite, o gozo, a exuberância e o conforto, ilustrados, pelo psicólogo novaiorquino, ao mencionar o consumo de caviar, massagens nas costas e o som da chuva a tamborilar o telhado, vendo neles meios pelos quais os prazeres podem ser descobertos, alimentados e ampliados (SELIGMAN, 2019b, p. 121, 130-132).

Diferencia as emoções positivas estribadas em *prazeres físicos* (“tais como saborear um alimento, receber um carinho ou ter um orgasmo”) daquelas alicerçadas em *prazeres superiores* (“como enlevo, emoção e conforto”) (SELIGMAN, 2019b, p. 288, grifos do autor suprimidos).

Já as *gratificações*, na perspectiva de Seligman, dizem respeito àquelas atividades humanas revestidas de *propósitos nobres*, relacionadas “à representação de forças e virtudes pessoais”, a proporcionarem a “concentração total, a suspensão da consciência e a plenitude – o *flow*”, as quais absorvem os indivíduos de tal maneira que, ao vivenciá-las, perde-se “a noção da realidade” (SELIGMAN, 2019b, p. 121, 130-132, 288).

Exemplos citados por Seligman de *experiências gratificantes*: ter uma boa conversa, participar de uma dança bem-realizada, ler um bom livro (como as obras do poeta galês Dylan Thomas e da romancista americana Andrea Barret), atuar em uma partida de basquete ou de vôlei, jogar cartas, escalar uma montanha e assistir moradores de rua, por exemplo, servindo-lhes café (SELIGMAN, 2019b, p. 121, 130-132, 288).

Todavia, sob o olhar de Joanna de Ângelis, o real sentido da felicidade abarca somente uma parcela das atividades acima enumeradas por Seligman, de forma exemplificativa, como gratificações.

É que pensar a felicidade para além do prazer momentâneo e enxergá-la como uma verdadeira gratificação existencial significa, à luz da Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis, conforme ressalta em “Encontro com a Paz e a Saúde”, publicado originalmente em 2014 (volume 14 da Série Psicológica), ver como “razões básicas para as experiências felizes, motivadoras de novas e amplas conquistas”, a “amizade sincera”, os “relacionamentos fraternais”, as “atividades altruísticas” e as comunidades compostas por indivíduos “não competitivos, trabalhadores, não ambiciosos, onde se pode

desfrutar de tranquilidade e confiança no futuro” (ÂNGELIS, 2014b, p. 134-135).

Na teoria do bem-estar de Seligman (uma evolução da sua teoria da felicidade autêntica, na medida em que o cerne da sua concepção de Psicologia Positiva se desloca da subjetividade do experimentar da felicidade para o constructo do bem-estar), os *relacionamentos positivos* constituem um dos cinco elementos mensuráveis do bem-estar, a que se somam a emoção positiva, o engajamento, os relacionamentos, o sentido e a realização, que constituem o chamado modelo PERMA⁵ (SELIGMAN, 2019c, p. 15-40).

Em relação aos relacionamentos positivos, merece destaque, conforme atrás antecipado, a afirmativa de Joanna de Ângelis, exposta em “O Ser Consciente” (volume 5 da Série Psicológica), publicado originalmente em 1993, de que a felicidade se estabelece por meio de uma “reciprocidade honesta” nos relacionamentos humanos, “quando o intercâmbio se expressa leal e afetivo”, norteado por um amor desinteressado (ÂNGELIS, 2014d, p. 146).

6. AS FELICIDADES AUTÊNTICA, EUDAIMÔNICA E CAIRÔNICA

As reflexões de Joanna de Ângelis sobre felicidade também permitem um diálogo profícuo com o pensamento de Paul T. P. Wong, porquanto o psicólogo sino-canadense propõe, de modo categórico, seja evitada a apologia a uma felicidade artificial,

⁵ PERMA: “positive emotions” (emoções positivas) + “engagement” (engajamento) + “relationships” (relacionamentos) + “meaning” (sentido) + “achievement” (realização), conforme tradução da obra de Seligma intitulada “Florescer” (*Flourish*), feita por Cristina Paixão Lopes (SELIGMAN, 2019c, p. 35).

⁶ *Mature happiness* (WONG, 2010, p. 5; WONG, 2016b). Além das três principais vertentes da *felicidade madura* (felicidades autêntica, eudaimônica e cairônica), Wong (2011, p. 71) se reporta, com menos destaque, a uma quarta espécie de felicidade madura, a *felicidade prudential* (*prudential happiness*, a espelhar a satisfação decorrente, sobretudo, de uma vida com pleno engajamento, caracterizada, com frequência, pelo estado de fluência ou estado de fluxo – *flow* – e por um contentamento intrínseco, quando a pessoa realiza a atividade em que mais se destaca e o faz com prazer), e, indo além do espectro da felicidade madura, refere-se à felicidade hedonística (*hedonic happiness*, assim entendida como o percurso da experiência sensorial que conduz à felicidade e o ponto de partida de uma vivência feliz, experimentada por diferentes pessoas).

à moda da Disneylândia, haja vista que o cultivo dela pode, em sua opinião, obstar o crescimento pessoal e tornar o indivíduo vulnerável à depressão (WONG, 2010, p. 5).

Como contraponto à felicidade artificial, Wong, no âmbito da Psicologia Existencial Positiva, divisa três espécies específicas da *felicidade madura*⁶ (WONG, 2010, p. 5; WONG, 2011, p. 70; WONG, 2016b):

(1) a felicidade *autêntica*⁷ (ser uma pessoa autêntica);

(2) a felicidade *eudaimônica*⁸ ou *eudaimonística* (ser bom e fazer o bem, praticar ações virtuosas, que propiciem uma diferença positiva nas paisagens individual e coletiva, no bojo de um estilo de vida a promover a busca da virtude e da excelência, com sentido e propósito, por meio do qual se atinge a plenitude ou se alcança o florescimento);

(3) e a felicidade *cairônica*⁹ (a ela confere maior relevância em comparação com as outras duas principais manifestações de felicidade madura, porque nela divisa um estado de bem-estar de ordem espiritual, de se sentir abençoado e afortunado, mediante o sentimento de assombro ou estupefação positivas¹⁰, gratidão e unidade com a divindade ou a natureza, que se pode vivenciar independentemente das circunstâncias e dos talentos de cada um, a exemplo do contentamento calmo dos monges zen-budistas e do êxtase de místicos cristãos, como Francisco de Assis).

⁷ *Authentic happiness* (WONG, 2010, p. 5; WONG, 2016b).

⁸ *Eudemonic happiness* (WONG, 2010, p. 5; WONG, 2016b) ou *eudaimonic happiness* (LOMAS; IVTZAN, 2016, p. 1.756). O adjetivo eudaimônico provém do termo grego *eudaimonia*, formado pela junção das palavras helênicas *eu*, que, nessa tessitura, expressa o sentido do que é “bom” ou “saudável”, e *daimon*, o qual, em tal contexto, diz respeito ao “espírito” ou ao “self genuíno” (HUTA, 2015, p. 166, tradução livre nossa).

⁹ *Chaironic happiness* (WONG, 2010, p. 5; WONG, 2016b). O termo cairônico deriva da palavra grega *chairo*, que exprime, nessa acepção, “benção, contentamento ou a dádiva da felicidade” (IVTZAN; LOMAS; HEFFERON; WORTH; 2016, p. 158, tradução livre nossa).

¹⁰ *Awe* (WONG, 2011, p. 70). A propósito, nos Estados Unidos, no seio do seu movimento existencial-humanista em Psicologia, Kirk J. Schneider sintetiza nesse mesmo termo, *awe*, a proposta de se construir, na contemporaneidade, uma vivência espiritual profunda, a conjugar “o zelo e a exaltação da religião com a escrupulosidade e ceticismo da ciência” (SCHNEIDER, 2015, p. 73, tradução livre nossa).

De acordo com Seligman, a autenticidade é a base em que se ancora o *bem-estar* produzido pela “utilização das forças pessoais”, por meio das quais se adquire “*gratificação plena* nos principais setores da vida” (SELIGMAN, 2019b, p. 28, 288, grifos originais suprimidos, grifos nossos acrescentados).

Para que haja autenticidade, esclarece Veronika Huta (também no contexto da Psicologia Positiva), a pessoa deve, primeiro, clarificar para si qual o seu verdadeiro *self* e quais são os seus valores profundos, e, depois, manter-se-lhes conectado e agir em consonância com eles (HUTA, 2015, p. 166).

A *felicidade autêntica* importa, na visão de Joanna de Ângelis, registrada em “Libertação pelo Amor”, publicado originalmente em 2005, desvelar o véu a encobrir a realidade íntima, “na medida do possível e na ocasião própria”, (a) ao aprender, o indivíduo, a *discernir* “quando se está sendo verdadeiro ou quando se manifesta agressivo, grosseiro, exteriorizando os conflitos disfarçados de veracidade”, e (b) a tomar consciência do que é *oportuno ou não* fazer, para que seja identificado com e conhecido pelos “propósitos que acalenta interiormente”, cercado-se (c) do cuidado de não se valer da fidelidade a si mesmo como pretexto para agredir o próximo com aspereza ou agir de forma antiética (ÂNGELIS, 2016a, p. 152-153).

Na seara da Psicologia Positiva, Tal Ben-Shahar, ao discorrer sobre a felicidade real, ensina que a diversidade humana redundando na diversidade com que cada pessoa encontra e atribui um senso de finalidade para a sua existência, desde que os objetivos abraçados sejam *coerentes* com os *próprios* valores e paixões, em vez de refletirem as expectativas alheias (BEN-SHAHAR, 2018, p. 63).

Em que pese Joanna de Ângelis, em “Momentos de Saúde e de Consciência” (volume 4 da Série Psicológica, resultado da fusão das obras “Momentos de Saúde”, de 1991, e “Momentos de Consciência”, de 1992), enfatizar que o comportamento humano deve produzir um intercâmbio saudável e caricioso na interação interpessoal, ressalva a importância da *autenticidade de sentimentos*, a fim de que a falsa aparência de fraternidade e afeto não deságue em atitudes perturbadoras e desonestas (ÂNGELIS, 2013, p. 11).

Já o desenho de *felicidade eudaimônica* traçado por Wong recorda Joanna de Ângelis em “Seja Feliz Hoje”, publicado originalmente em 2016, ao resplender que, no caminho rumo à felicidade, é indispensável “eleger-se a *ação do bem*, iniciando-se pela transformação moral para melhor, autenticidade de realizações edificantes e permanente espírito de abnegação” (ÂNGELIS, 2016b, p. 45, grifos nossos).

Seguindo-se essa trilha aberta por Wong, de encarar a felicidade eudaimônica como a felicidade decursiva da ação virtuosa, convém trazer a lume os oito passos (crer, querer, falar, operar, viver, esforçar-se e meditar retamente) que, de inspiração budista, embasados nas Verdades do Caminho Óctuplo, de Sidarta Gautama, o Buda (SINOTI, 2011, p. 40), Joanna de Ângelis descreve em “Plenitude” e considera “indispensáveis para a iluminação pelo amor e a plenitude pela felicidade” (ÂNGELIS, 2018d, p. 87-101):

(1) A *crença reta* direciona o pensamento de maneira positiva e edificante, assenta-se em uma visão otimista, enriquecida de motivação, com esteio em crenças calçadas em *propósitos nobres e saudáveis*, estimula a continuidade de atividades dignificantes e sustenta a concreção de metas, “mesmo quando as circunstâncias parecem conspirar contra, ocasionando confusão ao projeto abraçado”.

(2) O *querer reto* importa “tornar menos ásperos os desafios e as dificuldades” do percurso existencial, ao *priorizar* o essencial e o permanente, em detrimento do dispensável e do transitório, *compatibilizar* os projetos individuais com os interesses gerais (a preponderância de aspirações altruístas sobre tendências egoístas), adotar meios *éticos* para fins nobres (fins legítimos não justificam meios antiéticos) e *evitar* esquivar-se das dificuldades com atalhos eticamente inadequados.

(3) O *falar reto* verbaliza “a vivência íntima das aspirações superiores”, depuradas de ideais falsos, ideias vazias, paixões inferiores, ironias e manifestações dúbias de sentido, fomentando-se, pelas palavras ditas por cada um, o progresso da humanidade, com conceitos inspirados *no amor e na liberdade*, que “dulcificam o coração e iluminam a vida”, contribuindo para o (re)equilíbrio bioenergético humano, mediante o exercício diário da “discrição que

sabe como e quando falar, evitando gerar constrangimento e amargura”.

(4) O *operar reto* dá concretude aos princípios e propósitos nobres abraçados, mantendo-se a conduta ética tanto nos atos pequenos e simples quanto nos atos grandiosos e vultosos, como “forma de treinamento para uma vivência equilibrada”, vendo-se nas lutas do dia a dia, ainda que desgastantes, conquistas para o alcance de *degraus mais elevados* de autorrealização.

(5) O *viver reto* consolida o *modus operandi* em um *modus vivendi* virtuoso, à proporção que as “ações se sucedem”.

(6) O *esforçar reto*, “nas pequenas e grandes tentativas de agir corretamente”, reflete a disciplina diária que *sustenta* a prática no mundo objetivo dos princípios e propósitos nobres acalentados, incorporando-se, como repertório comportamental perene, a aplicação dos recursos individuais no que proporciona a felicidade real e duradoura, desenvolvendo-se, de maneira gradativa, “as forças que serão canalizadas para os grandes cometimentos, mesmo que desconhecidos das demais pessoas”.

(7) O *pensar reto*, como elemento existencial do comportamento humano que fortalece o campo psicofísico, faculta a harmonia psicológica, expulsa doenças e gera “sucessivas ondas de bem-estar, que são responsáveis pela saúde”, transbordando-se para a esfera objetiva, à proporção que o indivíduo cultiva pensamentos positivos e otimistas, que suscitam “*novo costume* no campo mental até que seja absorvido e transformado em *automatismo* pela repetição natural” (grifos nossos).

(8) E, por fim, o *meditar reto*, voltado a atingir o *estado de quietação mental*, concentrando-se na reconexão à fonte divina, ao substituir, de forma paulatina, as impressões deprimentes, perniciosas e entristecedoras por imagens e aspirações novas, relacionadas a reflexões sobre o bem, a paz, a saúde e a alegria, processo por meio do qual a pessoa adquire a *saúde integral*, à medida que, ao se restabelecer “de energias salutares”, restaura a harmonia do psiquismo e este, por sua vez, refaz a harmonia orgânica.

7. A FELICIDADE E A RESSIGNIFICAÇÃO DO HEDONISMO

Para Seligman, uma *vida significativa* consiste em direcionar as virtudes e forças pessoais de si próprio “a serviço de *algo maior*” (SELIGMAN, 2019b, p. 289, grifos do autor substituídos por grifos nossos).

Em “Amor, Imbatível Amor”, volume 9 da Série Psicológica, publicado originalmente em 1998, Joanna de Ângelis advoga, para a contemporaneidade, uma reformulação do hedonismo que o aproxima da felicidade eudaimônica avistada por Wong, na medida em que Joanna de Ângelis reposiciona o hedonismo dentro de uma moldura ética, pela substituição da procura incessante e estritamente egoísta do gozo individual, físico, abrasador e imediato de desejos (a exemplo dos desejos da lascívia, de poder, de glória e de riqueza material), reminiscência do atavismo pela posse, dominação e subjugação do mais forte pelo mais fraco, pela procura de um prazer maior tanto para si próprio quanto para a humanidade, de substrato *altruísta*, compartilhando-se com a comunidade manifestações de afeto, doação, carinho e bondade, exteriorizadas em atos de serviço, de elevação interior e de realizações perenes, em prol da libertação, da conquista da paz e da autorrealização, vivenciando-se a alegria de estar vivo, em consequência do prazer de ajudar e ser útil, ao contribuir, o indivíduo, para a construção da felicidade de outrem, sem fugir da própria realidade, mobilização por meio da qual brota em si sentimentos de empatia que lhe proporcionam o autoencontro e elevado significado existencial (ÂNGELIS, 2014a, p. 50-53).

Essa proposta de Joanna de Ângelis de reformular a concepção de hedonismo, matizando-o com tonalidades éticas de fraternidade, afeto e assistencialidade, dentro do seu entendimento acerca da felicidade possível e relativa, provém da inferência de que “o apego às coisas, a disponibilidade de recursos, a ausência de problemas” (ÂNGELIS, 2017b, p. 136) poderá, no máximo, proporcionar conforto, mas nunca um estado de felicidade sustentável.

Dentro dessa linha de raciocínio, Joanna de Ângelis, em “Garimpo de Amor”, publicado originalmente em 2003, alude aos “*pequenos prazeres* que não afadigam, que não perturbam, que somente propiciam bem-estar a quem os busca, como também aos outros”, divisando neles “os *sinais da posterior*

felicidade que tomará conta do ser em caráter de totalidade”, “sob a égide do amor” (ÂNGELIS, 2015a, p. 184-185, grifos nossos).

No âmbito da Psicologia Positiva, Tal Ben-Shahar avalia o degustar moderado de prazeres cotidianos que podem potencializar a felicidade, como “o relaxar, o não pensar em nada e o contentamento proveniente de se estirar na areia da praia”, ou, ainda, “comer um hambúrguer seguido por um *sundae* com cobertura quente de chocolate ou assistir a algum programa de televisão” (BEN-SHAHAR, 2018, p. 48).

Joanna de Ângelis remarca que as pessoas se sentem “vazias de sentimentos, tediosas e amarguradas, solitárias e sofridas”, quando devotam sua caminhada existencial à luta “pela aquisição de coisas, pelas projeções sociais, pelo poder temporal, pela beleza física, pelas situações invejáveis”, frustrando-se a expectativa de que encontrariam “a felicidade nesse ufanismo hedonista”, pois que os “valores realmente positivos [...] não pesam nem ocupam espaços materiais”, adscvem-se “às dimensões emocionais livres de posse e de paixão”, “nunca se perdem, jamais são roubados ou sofrem envelhecimento” e são atuais e grandiosos, “porque iluminam a vida” (ÂNGELIS, 2015a, p. 182).

Reflexionando sobre a sociedade americana contemporânea, Seligman relaciona o aumento de pessoas, nos Estados Unidos, que se deparam com a depressão, a falta de saúde e a ausência de sentido em suas vidas ao exacerbado individualismo e egoísmo, catapultados pela excessiva preocupação com o sucesso ou fracasso de âmbito individual (SELIGMAN, 2019a, p. 340).

Lyubomirsky elenca as seguintes razões por que entende que o materialismo nos desvia da rota da felicidade (LYUBOMIRSKY, 2008, p. 43-44):

(1) O sucesso em atingir metas de índole monetária não aumenta a felicidade.

(2) O materialismo ofusca a atenção das pessoas para a vivência de experiências mais gratificantes (dotadas de mais significado e proporcionadoras de maior contentamento), tais quais alimentar os relacionamentos com amigos e familiares, aproveitar o presente e contribuir com a vida em comunidade.

(3) Pessoas materialistas propendem a nutrir expectativas altas em demasia e irrealistas acerca do grau de satisfação que os bens materiais podem lhes proporcionar.

8. O DIÁLOGO ENTRE AS FELICIDADES EUDAIMÔNICA E CAIRÔNICA

A *felicidade cairônica* delineada por Wong (WONG, 2010, p. 5; WONG, 2016b) lembra Joanna de Ângelis tanto em “Atitudes Renovadas”, quando ela ressalta, recorde-se, que, no estado emocional da felicidade, “as questões externas, mesmo quando negativas, não conseguem modificar o sentimento de harmonia” (ÂNGELIS, 2018a, p. 123), quanto em “O Ser Consciente”, ao afirmar que o “encontro com a *vida espiritual pujante* se torna uma perene fonte de alegria, refletindo-se em todas as coisas”, partindo da premissa de que a iluminação espiritual e a bem-aventurança são “expressões *máximas* da felicidade” (ÂNGELIS, 2014d, p. 151, grifos nossos).

Já no texto “Felicidade Possível”, de Joanna de Ângelis (segundo capítulo de “Luz Viva”, publicada originalmente em 1985, cuja autoria espiritual é atribuída tanto àquela quanto a Marco Prisco, os quais se encarregaram de capítulos distintos da obra), matizam-se as felicidades eudaimônica e cairônica, ao se asserir que a “felicidade *independe* de posturas e situações” (felicidade cairônica), porque consiste em “um *estado interior* [felicidade cairônica], resultante de largo trabalho de renovação moral e *ação enobrecedora* [felicidade eudaimônica] que se apoiam numa fé racionada” (ÂNGELIS, 1995, p. 18, grifos nossos).

Daí se nota que a felicidade eudaimônica conduz à felicidade cairônica.

Em outras palavras, consolidando-se a ação virtuosa (ínsita à *felicidade eudaimônica*) “de oferecer e de ajudar os outros no seu desempenho moral”, despido da ânsia “de fruir de imediato quaisquer resultados”, o indivíduo chega, gradativamente, à *felicidade cairônica*, é dizer, às “mais *elevadas expressões do amor* embutido no ser que se autoconquistou e expande-se na direção das demais criaturas”, revestido de um sentimento “pleno de ternura e de compaixão, de fraternidade e de perdão”, imbuído de “incomparável bem-estar e de satisfação íntima incomum”, “rico de

alegria de viver”, com “uma estação mental que irradia beleza e paz” (ÂNGELIS, 2015a, p. 181-182, grifos nossos).

Susan Andrews, ao estabelecer uma interface entre a Psicologia Positiva e a Psicologia Transpessoal, reporta-se ao *significado da vida* como “a crença em algo *superior a si mesmo*, derivada de religião, da espiritualidade ou de uma profunda filosofia de vida” (ANDREWS, 2011, p. 21, grifos nossos).

Barbara Lee Fredrickson, docente cujas pesquisas na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill¹¹ especializaram-se na área de emoções positivas, acentua que, quando a pessoa “intencionalmente se sintoniza no momento presente, e enxerga e escuta atentamente de forma aberta e acolhedora”, ela “abre as portas para a *unicidade divina*” (FREDRICKSON, 2015, p. 196, grifos nossos).

Na seara da Segunda Onda da Psicologia Positiva, Wong almeja, em conjunto com Sandip Roy, seja abraçada a premissa de que as pessoas são *seres espirituais* que, para além das necessidades de prazer, conforto, poder e fama, possuem um anseio inato de *autotranscendência* (WONG; ROY, 2018, p. 155).

A questão da *transcendência* igualmente ressoa em Seligman, que aspira para a Psicologia Positiva a função de indicar “o caminho em direção a uma abordagem *mundana* de um propósito nobre e um significado *transcendental* [...] em direção a um Deus que *não é* sobrenatural” (SELIGMAN, 2019b, p. 29, grifos nossos).

Aprimorando a definição de Wong de felicidade cairônica, Itai Ivtzan, Tim Lomas, Kate Hefferon e Piers Worth acentuam que se cuida de um percurso para a felicidade trilhado pela vereda espiritual, percorrida pela senda da transcendência de si próprio e da construção de uma relação com um ente maior que si mesmo (o qual se pode referir como vida, Deus, humanidade ou a consciência unificada), uma desafiadora jornada do desenvolvimento da autoconsciência, da compreensão abrangente de si mesmo e da descoberta de quem se é, inclusive o conhecimento dos seus processos psicológicos e das próprias nuances sombrias, de forma que o indivíduo possa transcender as limitações forjadas pelas

¹¹ University of North Carolina at Chapel Hill.

definições e constructos que a sua própria mente criou para si (IVTZAN; LOMAS; HEFFERON; WORTH; 2016, p. 159-160, 168-169).

Nesse panorama, Joanna de Ângelis, inspirada no psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador da Psicologia Analítica, descreve como *numinosa* a experiência “individual, intransferível e enriquecedora” da “experiência transpessoal ou imediata com a transcendência”, a exteriorizar a centelha divina ou o “*deus interno* que se encontra em todos os seres humanos” (ÂNGELIS, 2018e, p. 184-185, grifos originais).

Para Joanna de Ângelis, atingir o *estado numinoso* implica, em momento anterior, durante alguma etapa do percurso existencial, atravessar-se a *noite escura da alma*, exemplificada pela vivência da “depressão, amarguras e vazio existencial”, quando se avalia o “sentido psicológico do existir”, abrindo-se para uma caminhada enriquecida “de amor, de compaixão, de ternura e de sabedoria”, ao se expungir dos inconsciente superficial e profundo “tudo aquilo que seja *sombra*, desconhecimento, medo, para que a realidade doure-se de luz abrangente e libertadora” (ÂNGELIS, 2014c, p. 236, grifo original).

CONCLUSÃO

Joanna de Ângelis entende que a felicidade *não é ausência de sofrimento nem de dor tampouco de preocupações*, mas estado emocional íntimo que independe de questões externas, ainda que negativas, o que dialoga com a Psicologia Positiva, sobretudo com a Segunda Onda da PP, a qual busca direcionar pesquisas qualitativas e quantitativas também para perquirir o quanto que as emoções, os sentimentos e as experiências referentes à sombra psicológica e a acontecimentos negativos podem se ressignificar, para contribuírem não apenas com a saúde psíquica e o desenvolvimento integral da pessoa, como também com o bem-estar social.

Joanna de Ângelis espousa o conceito de *resignação dinâmica*, a exprimir a aceitação, pelo ser humano, dos acontecimentos tais como se apresentam na realidade fenomênica, mantendo-se o indivíduo infenso, no seu bem-estar íntimo, à repercussão de ocorrências negativas e, ao

mesmo tempo, enfrentando, de forma assertiva, os problemas que venham a lume no cotidiano, sem o realismo exagerado que descamba para o pessimismo nem o cultivo de sonhos e metas que, de tão ambiciosas ou desproporcionais, gerem frustrações e expectativas desnecessárias, cercado-se igualmente da atitude reflexiva de meditar acerca dos aprendizados que a vida suscite, mediante as experiências diárias, inclusive aquelas mais desafiadoras e dolorosas, ao encará-las como uma oportunidade de exercitar o autoconhecimento, o autoenfrentamento e de renovar repertórios comportamentais.

Joanna de Ângelis reconhece a *subjetiva diversidade* humana na vivência da felicidade, a qual não se atém a um padrão uniforme para todas as pessoas. Entende que a interpretação e a percepção do significado de ser feliz depende das aspirações, das emoções, dos níveis de consciência, de inteligência e de conhecimento, bem assim da constituição emocional, física e psíquica de cada pessoa e da sua consciência de si mesma, dos seus anseios e metas prioritárias.

Para Joanna de Ângelis, a *felicidade real* transcende o prazer momentâneo e concerne a uma gratificação existencial relacionada a experiências de relacionamentos baseados em valores de cooperação, reciprocidade, fraternidade, solidariedade e trabalho altruísta.

A *felicidade autêntica* diz respeito, na visão de Joanna de Ângelis, a descobrir a realidade íntima, conforme as possibilidades momentâneas de cada um, a discernir o grau de veracidade ou não com que o indivíduo exterioriza comportamentos e a ponderar sobre qual conduta é oportuna ou não adotar, a fim de que haja congruência entre os princípios abraçados e as ações concretizadas, acautelando-se para que a lealdade e a coerência consigo mesmo não sejam pretextos para se agredir o outro ou se desconsiderarem questões éticas inerentes à coexistência humana e, ademais, precavendo-se de trazer à tona eventuais atitudes que, imbuídas de falsa fraternidade e afeto, possam resultar no adoecimento de si mesmo.

A visão de *felicidade eudaimônica* de Wong mostra sintonia com a proposta de Joanna de Ângelis de adaptar à vida contemporânea o Caminho Óctuplo oriundo

da filosofia budista, alicerçado no crer, querer, falar, operar, viver, esforçar-se e meditar retamente.

Por outro lado, Joanna de Ângelis propõe uma nova formulação do *hedonismo*, que o aproxima da felicidade eudaimônica avistada por Wong, na medida em que reposiciona o hedonismo dentro de uma moldura ética, pela substituição da procura incessante e estritamente egoísta do gozo individual, físico, abrasador e imediato de desejos, reminiscência do atavismo pela posse, dominação e subjugação do mais forte pelo mais fraco, pela procura de um prazer maior tanto para si próprio quanto para a humanidade, de substrato *altruísta*, compartilhando-se com a comunidade manifestações de afeto, doação, carinho e bondade, exteriorizadas em atos de serviço, de elevação interior e de realizações perenes, em prol da libertação, da conquista da paz e da autorrealização, vivenciando-se a alegria de estar vivo, em consequência do prazer de ajudar e de ser útil, ao contribuir, o indivíduo, para a construção da felicidade de

outrem, sem fugir da própria realidade, mobilização por meio da qual brota em si sentimentos de empatia que lhe proporcionam o autoencontro e um elevado significado existencial.

A *felicidade cairônica* delineada por Wong corresponde ao nível máximo de bem-estar e satisfação íntima descrito por Joanna de Ângelis, quando se refere ao estado emocional e íntimo em que a felicidade independe de fatores externos, porque ligada a uma fonte permanente de alegria, de plena ternura, amor, compaixão, fraternidade, sabedoria e fé raciocinada, que irradia beleza e paz ao redor, mediante a iluminação espiritual e a bem-aventurança, quando o indivíduo experiencia a transcendência, conectando-se com a sua essência espiritual, após haver depurado a sua sombra psicológica dos seus inconsciente superficial e profundo e consolidado, no estágio anterior, que se pode denominar de felicidade eudaimônica, o persistente esforço de renovação moral e ação enobrecedora.

REFERÊNCIAS

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Amor, imbatível amor:** psicografia de Divaldo Pereira Franco. 17. ed. Salvador: LEAL, 2014a. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 9)

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Atitudes renovadas:** psicografia de Divaldo Pereira Franco. 3. ed. Salvador: LEAL, 2018a.

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Elucidações psicológicas à luz do espiritismo:** psicografias de Divaldo Pereira Franco. Organização de Geraldo Campetti Sobrinho e Paulo Ricardo A. Pedrosa. 3. ed. Salvador: LEAL, 2017a.

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Encontro com a paz e a saúde:** psicografia de Divaldo Pereira Franco. 3. ed. Salvador: LEAL, 2014b. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 14)

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Estudos espíritas:** psicografia de Divaldo Pereira Franco. 9. ed. 5. reimp. Brasília, DF: FEB, 2018b.

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Garimpo de amor:** psicografia de Divaldo Pereira Franco. 6. ed. Salvador: LEAL, 2015a.

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Iluminação interior:** psicografia de Divaldo Pereira Franco. 3. ed. Salvador: LEAL, 2015b.

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). Joanna de Ângelis responde – parte 2. In: NÚCLEO DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS JOANNA DE ÂNGELIS. **Espelhos da alma:** uma jornada terapêutica. Salvador: LEAL, 2014c. p. 229-236.

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Leis morais da vida:** psicografia de Divaldo Pereira Franco. 15. ed. Salvador: LEAL, 2018c.

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Libertação pelo amor:** psicografia de Divaldo Pereira Franco. 6. ed. Salvador: LEAL, 2016a.

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Momentos de saúde e consciência:** psicografia de Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL,

2013. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 4)

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **O homem integral**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 23. ed. Salvador: LEAL, 2017b. (Série Psicológica Joanna de Ângelis v. 2)

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **O ser consciente**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 17. ed. Salvador: LEAL, 2014d. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 5)

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Plenitude**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 20. ed. Salvador: LEAL, 2018d. (Série Psicológica v. 3)

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Seja feliz hoje**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2016b.

ÂNGELIS, Joanna de (espírito). **Triunfo pessoal**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 9. ed. Salvador: LEAL, 2018e. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 12)

ÂNGELIS, Joanna de; PRISCO, Marco (espíritos). **Luz viva**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 4. ed. Salvador: LEAL, 1995.

ANDREWS, Susan. **A ciência de ser feliz**: conheça os caminhos práticos que trazem bem-estar e alegria. Tradução e adaptação por Niels Gudme. 4. ed. São Paulo: Ágora, 2011.

BEN-SHAHAR, Tal. **Seja mais feliz**: aprenda a viver a alegria nas pequenas coisas para uma satisfação permanente. Tradução de Paulo Anthero S. Barbosa. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

DOLAN, Paul. **Felicidade construída**: como encontrar prazer e propósito no dia a dia. Tradução de Rafael Mantovani. 1. reimp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

FREDRICKSON, Barbara L. **Amor 2.0**: a ciência a favor dos relacionamentos. Tradução de Marcelo Yamashita Salles. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2015.

HILL, Peter C.; HALL, M. Elizabeth Lewis. **Uncovering the good in positive**

psychology: Toward a worldview conception that can help positive psychology flourish. In: BROWN, Nicholas J. L.; LOMAS, Tim; EIROA-OROSA, Francisco Jose. **The Routledge International Handbook of Critical Positive Psychology**. Abingdon; New York: Routledge, 2018. Chap. 16, p. 245-262.

HUTA, Veronika. The Complementary Roles of Eudaimonia and Hedonia and How They Can Be Pursued in Practice. **Positive Psychology in Practice: Promoting Human Flourishing in Work, Health, Education, and Everyday Life**. 2nd. Hoboken: Wiley, 2015. Chap. 10, p. 159-182.

IVTZAN, Itai; LOMAS, Tim; HEFFERON, Kate; WORTH, Piers. **Second Wave Positive Psychology**: Embracing the Dark Side of Life. Abingdon; New York: Routledge, 2016.

IVTZAN, Itai; LYLE, Lesley; MEDLOCK, Gordon. Second Wave Positive Psychology. **International Journal of Existential Psychology and Psychotherapy**, Langley, v. 7, n. 2, p. 1-12, Special Issue 2017. Available at: <<http://journal.existentialpsychology.org/index.php/ExPsy>>. Retrieved on: 1st. Dec. 2019.

JAMES, William. **Vale a pena viver?** Tradução de Gabriel Perissé. São Paulo: Nós, 2018.

LOMAS, Tim; IVTZAN, Itai. Second Wave Positive Psychology: Exploring the Positive – Negative Dialectics of Wellbeing. **Journal of Happiness Studies**, Heidelberg, v. 17, n. 4, p. 1.753-1.768, Aug. 2016. Available at: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-015-9668-y>>. Retrieved on: 22 Dec. 2019.

LYUBOMIRSKY, Sonja. **Os mitos da felicidade**: o que deveria fazer você feliz, mas não faz; o que não deveria fazer você feliz, mas faz. Tradução de Eduardo Rieche. Rio de Janeiro: Odisseia, 2013.

LYUBOMIRSKY, Sonja. **The How of Happiness**: A New Approach to Getting the Life You Want. London: Penguin Books, 2008.

MASLOW, Abraham H. **Motivation and Personality**. New York: Harper & Brothers, 1954.

MAKOVITZKY, Josef. Albert Schweitzer – 100 Jahre, Ehrfurcht vor dem Leben (respect de la vie, reverence for life). **Kaleidoscope: Művelődés - , Tudomány - és Orvostörténeti Folyóirat: Journal of History of Culture, Science and Medicine**. [S. l.], v. 7, n. 13, p. 32-39, 2016. DOI: 10.17107/KH.2016.13.32-39.

OERMANN, Nils Ole. **Albert Schweitzer: A Biography**. Oxford: Oxford, 2017. 263 p.

PAWELSKI, James O. William James and Well-Being: The Philosophy, Psychology, and Culture of Human Flourishing. **William James Studies**, Baltimore, v. 14, n. 1, p. 1-25, Spring 2018. Available at: <<https://www.jstor.org/stable/e26493687>>. Retrieved on: 22 Dec. 2019.

RESNICK, Stella; WARMOTH, Arthur; SERLIN, Ilene A. The humanistic psychology and positive psychology connection: Implications for psychotherapy. **Journal of Humanistic Psychology**, Alameda, v. 41, n. 1, 73-101, Jan. (Winter) 2001. Available at: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0022167801411006>>. Retrieved on: 23 Dec. 2019.

SCHWEITZER, Albert. **Filosofia da civilização: queda e reconstrução da civilização; cultura e ética**. Tradução de Petê Rissatti. São Paulo: Unesp, 2013.

SCHNEIDER, Kirk J. Rediscovering Awe: A New Front in Humanistic Psychology, Psychotherapy, and Society. In: SCHNEIDER, Kirk J.; PIERSON, J. Fraser; BUGENTAL, James F. T. **The Handbook of Humanistic Psychology**. 2nd. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2015. Chap. 6, p. 73-86.

SELIGMAN, Martin E. P. **Aprenda a ser otimista: como mudar sua mente e sua vida**. Tradução de Débora Landsberg. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019a.

SELIGMAN, Martin E. P. **Felicidade autêntica: use a Psicologia Positiva para**

alcançar todo o seu potencial. Tradução de Neuza Capelo. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019b.

SELIGMAN, Martin E. P. **Florescer: uma nova compreensão da felicidade e do bem-estar**. Tradução de Cristina Paixão Lopes. 8. reimp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019c.

SINOTI, Cláudio. Uma psicologia com alma: a Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis. In: NÚCLEO DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS JOANNA DE ÂNGELIS. **Refletindo a alma: a Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis**. Salvador: LEAL, 2011. Cap. 2, p. 29-51.

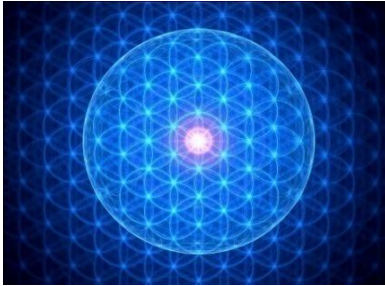
WONG, Paul T. P. Chinese Positive Psychology Revisited. **International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy**, Langley, v. 6, n. 1, Feb. 2016a. Available at: <<http://journal.existentialpsychology.org/index.php/ExPsy>>. Retrieved on: 1st. Dec. 2019.

WONG, Paul T. P. Existential Positive Psychology. **International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy**, Langley, v. 6, n. 1, Feb. 2016b. Available at: <<http://journal.existentialpsychology.org/index.php/ExPsy>>. Retrieved on: 1st. Dec. 2019.

WONG, Paul T. P. Positive Psychology 2.0: Towards a Balanced Interactive Model of the Good Life. **Canadian Psychology**, Ottawa, v. 52, n. 2, Jan.-Dec. 2011, p. 69-81. DOI: 10.1037/a0022511.

WONG, Paul T. P. What is Existential Positive Psychology? **International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy**, Langley, p. 1-8, v. 3, n. 1, Jul. 2010. Available at: <<http://journal.existentialpsychology.org/index.php/ExPsy>>. Retrieved on: 1st. Dec. 2019.

WONG, Paul T. P.; ROY, Sandip. Critique of positive psychology and positive interventions. In: BROWN, Nicholas J. L.; LOMAS, Tim; EIROA-OROSA, Francisco Jose. **The Routledge International Handbook of Critical Positive Psychology**. Abingdon; New York: Routledge, 2018. Chap. 10, p. 142-160.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

7 – O AGIR, O SER E O FAZER POLICIAL: caminhos emaranhados

Aretuza Pereira dos SANTOS*

No cenário brasileiro, a polícia militar ocupa um lugar historicamente marcado por reincidentes práticas de violências e abuso de poder, pondo em descrédito a função que lhe é atribuída socialmente, ou seja, manter a ordem, a paz e garantir a segurança. Sabe-se que historicamente a polícia transita entre o proibir e o reprimir. Holloway, no livro *Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX*, ao discutir o dueto Polícia e Política, expõe que

A Polícia Militar era rotineiramente mobilizada para reprimir comportamentos inaceitáveis ou prender os que desrespeitavam eventos oficialmente autorizados, fosse o patrocinador a Igreja Católica, uma das irmandades da camada da elite, como a Ordem Terceira de São Francisco, o Estado ou grupo semi-oficial, como a Sociedade Defensora. Todas essas organizações de certo modo faziam parte da dominação da maioria pela minoria, e os atos desrespeitosos que a polícia tinha de reprimir constituíam formas de resistência a essa dominação (HOLLOWAY, 1997, p.153).

Para além de agir de acordo com o interesse político em situação, quando algo está fora da ordem¹, quando há situações de aglomeração das massas, quando há disputas entre aqueles que se opõem ao jugo da dominação, a força policial reprimia e ainda reprime comportamentos rotulados como inaceitáveis. Nesse ínterim nos apro-

priamos do arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha pecheutiana, uma vez que enquanto prática de compreensão histórica dos processos semânticos, possibilita a compreensão de como as tensões sociais se processam no campo da linguagem, tendo como um de seus desafios o estudo das condições de produção de um discurso através da montagem de corpora. Por conseguinte, a partir de materiais veiculados em jornais virtuais, selecionamos uma ocorrência de violência e abuso de poder envolvendo essa categoria, buscando nos comentários dos leitores pistas que ajudassem a compreender o funcionamento discursivo circulante em relação às práticas empreendidas na forma de agir, de ser e do fazer policial. Neste sentido, propomos discutir sobre o que se mantém, apaga e ressignifica em alguns dizeres que circulam quando as ações policiais ocorrem e/ou resultam em crimes, haja vista a polícia militar ser uma instituição responsável pela manutenção da ordem, mas também responsável por causar repúdio e medo à população pelas práticas repressivas empregadas.

Bernardo, teórico marxista, defende que “Forças repressivas eficazes servem aos capitalistas sobretudo para ser visíveis [...] Estas forças repressivas destinam-se a manter presentes na população trabalhadora a possibilidade de em qualquer momento poderem ser ativadas e, assim, marcam os limites da contestação admitida” (BERNARDO, 2009 [1991], p.75, grifos nossos).

* **Aretuza Pereira dos SANTOS** – Mestre em Estudos de Linguagens (UNEB), Especialista em Gestão Educacional (UCB-RJ) e Licenciada em Letras Vernáculas (UEFS). aretuzap@yahoo.com.br

¹ Ordem essa que mobiliza ou adquire diversos sentidos de acordo com a posição ideológica de quem a empregue.

Desse modo, se o Estado utiliza-se da força repressiva para exercer o poder coercitivo sobre a massa trabalhadora, o que fazer/dizer quando esta mesma força repressiva é o pivô da desestabilização do Estado e da sociedade, uma vez que conforme Althusser (1970, p.65) “os militares, polícias, políticos e administradores são os agentes da repressão e estão a serviço da elite capitalista”? Afinal, quais sentidos estão em disputa quando circula socialmente a expressão “*Quando a polícia torna-se criminosa*”?

A fim de obtermos uma amostra representativa do funcionamento da linguagem no processo de produção do discurso, selecionamos a seguinte ocorrência datada de julho de 2015 com a manchete: **Jovem grávida estuprada por PMs na Bahia descreve momentos de pânico**, no corpo da reportagem

O crime aconteceu na noite de sábado (11), quando a jovem e o companheiro estavam de moto na BR-110. De acordo com as investigações da polícia, **os PMs abordaram o casal atirando para cima e fazendo o veículo parar**, tiraram a chave da moto e levaram a mulher no carro da polícia² para uma estrada afastada. **O marido buscou ajuda, e outros policiais flagraram os dois PMs com a mulher, obrigando-a a praticar atos sexuais**. Segundo a jovem, **ela não foi poupada pelos militares, mesmo avisando que estava grávida**. **Os policiais que resgataram a jovem faziam buscas após pedido do marido que havia sido deixado na estrada. Os criminosos usaram duas armas e estavam em um carro com placa fria**, que a polícia apura se foi objeto de roubo. **“Vamos aprofundar para saber se eles têm praticado outras ações criminosas, porque um crime cometido com essa ousadia, com essa falta de respeito ao ser humano e à mulher demonstra que são pessoas de instinto ruim”**, disse a delegada Joana Angélica Santos. **O governador disse, em perfil no Twitter, que os dois policiais “cometeram um crime bárbaro”**. **“Vão ser expulsos seguindo os critérios legais. Tenham certeza que crimes como esse não vão ficar impunes em nosso governo”**, disse o

governador. **“Parabéns aos policiais que fizeram a prisão. Agiram com rapidez e conseguiram deter os criminosos em flagrante”**, finalizou sobre a ação do grupo de PMs que prendeu os suspeitos (G1-BA, Salvador, 13 de julho de 2015, p. 01, grifos nossos).

Tanto a chamada quanto o corpo da narrativa jornalística movem sentidos de repugnância que potencializa a incredibilidade na instituição por seu histórico de violência e abuso de poder. Eni Orlandi afirma que

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber / poder/ dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2009, p.53).

Desse modo, as contradições em torno dos saberes (pode/não pode, deve/não deve) são fatos constitutivos de toda formação discursiva³ sob a dominação de determinada formação ideológica e que remetem a filiações de sentidos inscritos em algum lugar na história social do país, entrelaçando uma rede de sentidos que marcam o tensionamento em relação ao contraste promovido por agentes de segurança que deveriam manter a ordem. Mariani, no livro *PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*, afirma que

Para compreender os sentidos produzidos pelas denominações, e essas regiões discursivas que vão se organizando em torno delas, é preciso desconstruir superfícies linguísticas, depreender o conjunto de empregos das palavras, os tipos de ligação que elas mantêm entre si, o modo como ocorrem nos textos, como podem estar significando, os efeitos que produzem, sua relação com a história oficial, em

² O carro utilizado não foi a viatura padronizada da polícia militar.

³ Formação discursiva é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p.147).

resumo, trata-se de ver o funcionamento de palavras e expressões que atuam como denominações. Um tal ponto de vista permite verificar conflitos, adesões, silenciamentos etc., produzido entre as formações discursivas, permite ainda, delinear e acompanhar as tendências históricas na produção dos sentidos, seu passado e seu futuro, seu movimento, ou seja, as redes de filiações de sentidos que organizam a tessitura do discursivo (MARIANI, 1998, p. 119).

Nota-se que a produção de sentidos acionados através das denominações criminosas ancora-se na relação entre a história e a língua, levando os sujeitos a se identificar ou se contra identificar com o que lhes é dado a pensar. Sendo assim, os discursos se constituem no tensionamento entre o retorno ao mesmo (retorno a algo já dito, que já tenha sentido) e o diferente (possibilita a ruptura). Conforme Orlandi (2009, p.36), “é no jogo entre a paráfrase e a polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam”.

Vale pontuar que para o analista do discurso, a paráfrase é uma ferramenta fundamental para tirar o discurso da linearidade linguística, haja vista proporcionar outras possibilidades do dizer, outras maneiras de formalizar o que está sendo enunciado. Ao reformularmos as sentenças, encontramos parafrasticamente *Crime cometido por policiais demonstra que são pessoas de instinto ruim*⁴; e, *Policiais que fizeram a prisão dos criminosos em flagrante estão de parabéns (ou, são parabenizados)*, possibilitando a formalização “policiais QUE COMETEM crimes SÃO pessoas ruins/inidônea”. LOGO, “policiais QUE PRENDEM CRIMINOSOS SÃO parabenizados (já que exercem sua função)”.

⁴ Como já discutimos em (SANTOS, 2016), o mal, o satânico, consequentemente, as pessoas ruins, ocupa no imaginário social, o lugar onde se reúnem todas as ameaças aos valores cristãos, sendo fundamental afastar-se de tudo aquilo que possa suscitar a reprovação divina. Alain Badiou, discípulo do filósofo marxista Louis Althusser, ao falar sobre o Mal, defende que “[...] o mal é a interrupção da verdade pela pressão de interesses particulares ou individuais [...]”. Não existe uma definição natural do mal; o mal é sempre aquilo que, em uma situação particular, tende a enfraquecer ou destruir um sujeito. E a

Tal formalização possibilita uma melhor compreensão de como ocorre o funcionamento do discurso e a relação entre o sujeito e a ideologia, haja vista o interdiscurso permitir, através dos mecanismos de encaixe sintático e articulação, entrelaçar a teoria dos processos discursivo ideológicos e o sistema linguístico. Segundo Courtine (2009, p.74), no encaixe, “um elemento do interdiscurso nominaliza-se e inscreve-se no intradiscorso sob forma de pré-construído, isto é, como se esse elemento já se encontrasse ali”. Nesse jogo de constituição entre a memória do dizer e atualidade a-dizer, os sentidos se movimentam em direção às diversas formas de silenciamento, equívocos, falhas, deslizamentos e ambiguidades.

As orações adjetivas QUE COMETEM CRIMES e QUE PRENDEM CRIMINOSOS reforçam o funcionamento do interdiscurso, através do pré-construído, uma vez que o relativo *que* retoma a saberes que ditam o modo de como deve ser o agir, o ser e o fazer policial. O efeito de sentidos mobiliza saberes de que para o exercício da atividade policial, exige-se um caráter idôneo, virtuoso, muito embora, o interdiscurso disponibilize dizeres que retomam a um já-dito de que a polícia reprime, prende e mata aqueles que adotam comportamentos inaceitáveis. Portanto, é na convergência entre a memória (constituição) e a atualidade (formulação) que os sentidos são construídos. A oposição criminoso *versus* idôneo remete a filiações de sentidos inscritos em algum lugar na memória social de que devemos ser sempre idôneos, não ter comportamentos inaceitáveis perante a sociedade.

Orlandi, no livro *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*, expõe que

Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que

concepção de mal é portanto inteiramente dependente dos eventos nos quais um sujeito constitui a si mesmo. É o sujeito que prescreve o que é o mal, não uma ideia natural do mal que define o que um sujeito ‘moral’ é” (BADIOU, 2016, grifos nossos). Com efeito, observamos como as denominações atribuídas as pessoas ruins que cometem crime bárbaros que atentam contra a mulher e contra a pessoa significam também no campo religioso e dá visibilidade às relações de força em determinada formação social.

sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para o sujeito). As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes (ORLANDI, 2007, p.20).

Por conseguinte, para compreender o processo de produção do discurso é necessário analisar como os sentidos se constituem, como são formulados, como circulam e como os sentidos silenciados significam no jogo ideológico daquilo que não é dito mas faz sentido. Notamos que a predicação em torno do sintagma [crime] remete a um efeito de negatividade e desaprovação que se inscreve no imaginário social, desaprovando o “mau sujeito”, aquele que está fora da Lei, que comete crimes e atrocidades. Os sentidos que disputam a idoneidade e a inidoneidade em torno de uma ação militar, movem-se entrecruzando-se. Os dizeres do Estado moveram sentido em direção a valorização e a pertinência de ser enérgico e rápido diante de quaisquer infratores, sobretudo, quando o infrator deveria ser o agente direto do Estado na manutenção da ordem. A falha no ritual aponta para o mal funcionamento da Instituição como força repressiva do Estado? A corrigenda punitiva [*Vão ser expulsos seguindo os critérios legais* – mas a sentença já foi dada] camufla as mazelas da relação política, polícia e sociedade, bem como apaga aos inúmeros conflitos em torno das práticas policiais de repressão e coibição ao crime e manifestações populares? A oposição dos sintagmas [criminoso/idôneo] traz à tona a discursividade em relação aos conflitos ideológicos, na nossa atual conjuntura sócio histórica, bem como tenciona produzir um apagamento, no imaginário social, dos conflitos materializados em decorrência de um militarismo que conserva os resquícios do regime civil-militar?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os resultados, evidenciamos que os efeitos de sentidos construídos dialogicamente estão relacionados a tantos outros sentidos situados em um momento sócio-histórico, com reflexos na posição que o sujeito assume ao se constituir discursivamente. Constatamos, também, que o jogo discursivo entre os sentidos atribuídos aos crimes praticados por policiais *versus* os policiais que prendem criminosos contribuiu singularmente para dar visibilidade de como ocorre o imbricamento da língua com a história, indispensáveis à compreensão do processo de construção e produção de sentidos.

Interpelados pela ideologia, os sujeitos materializam, pela língua e pela história, as formações discursivas correlatas às suas ideologias, porém essas formações discursivas disfarçam seu próprio caráter contraditório, que através dos elementos do interdiscurso, pode vir à tona. Posto isto, acreditamos que seja indispensável uma reestruturação no sistema de segurança pública, adequando-a à atual conjuntura. Muito embora, saibamos que a repressão a trabalhadores, por meio de violência praticada pela polícia, funciona muito mais em razão de garantir o bom funcionamento das relações capitalistas em defesa do mercado e da classe dominante. Enfim, o histórico e o linguístico estão presentificados no discurso, não de modo alheio ou exterior ao que está sendo investigado, mas como parte intrínseca.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Editorial Presença: Martins Fontes, Tradução de Joaquim José de Moura Ramos, 1970.

BADIOU, Alain. **Sobre o Mal**: Uma Entrevista com Alain Badiou. [Julho de 2016]. Plataforma Digital Lavra Palavra. Entrevista **concedida a** Christoph Cox e Molly Whalen. Tradução de Hugo Gomes Penaranda. Disponível em:
<<https://lavrpalavra.com/2016/07/15/sobre-o-mal-uma-entrevista-com-alain->

badiou/?blogsub=confirming#blog_subscripti
on-3. Acesso em: 21 set. 2016.

BERNARDO, João. [1991]. **Economia dos Conflitos Sociais**. 2ª Edição. SP: Expressão Popular, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos: EDUFSCAR, 2009.

G1-BA, **Jovem grávida estuprada por PMs na Bahia descreve momentos de pânico**. Salvador, Jornal G1-Ba, 13 de julho de 2015, p. 01. Disponível em:
<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/07/jovem-gravida-estuprada-por-pms-na-bahia-descreve-momentos-de-panico.html> Acesso: 22 jul. 2018.

HOLLOWAY, Thomas H. **Polícia no Rio de Janeiro**: repressão e resistência numa cidade do século XIX. Tradução Francisco de Castro Azevedo. Rio de Janeiro: Editora Fundação

Getúlio Vargas, 1997.

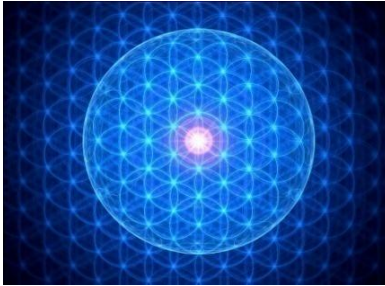
MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan, Campinas, SP: Unicamp, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: SP. Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi [et al.] Campinas: Unicamp, 2009 [1975].

SANTOS, Aretuza. **A demonização do outro enquanto estratégia discursiva**. Anais Online do III Seplev (2016) Imaginário, sujeito, representações. Volume 3, 2016.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

8 – FELICIDADE E ESPIRITUALIDADE

Marcos Arruda*

“Felicidade é um polegar e um cobertor”.

Linus é um dos ícones do desenhista de Charlie Brown, Charles M. Schulz. Linus explicita duas condições sem as quais não há lugar para a felicidade: alimento e abrigo/acolhimento/carinho. Tal compreensão converge com a do Prêmio Nobel de Economia, o indiano Amartya Sen. Para ele o tema mais diretamente relacionado com o bem-estar é a liberdade. E o primeiro fator da liberdade, segundo ele, é estar livre de necessidades básicas para a sustentação da vida: alimento, saúde, saneamento, moradia, educação, trabalho, segurança e dignidade. Estes são também direitos humanos fundamentais.

Acesso sustentável às condições básicas para a sustentação da vida, e para o exercício da liberdade individual e social são também dois fatores de felicidade. Tais condições estão ligadas ao que hoje é um conceito de alcance universal: o Bem Viver. Veremos isto mais adiante. Olhando de perto o mundo de hoje, marcado por fantásticos e sempre mais acelerados avanços técnicos, lado a lado com desigualdades sociais e econômicas que privam a maior parte da humanidade daqueles direitos humanos fundamentais e, portanto, das condições básicas para realizarem sua felicidade, há que perguntar: quais os fatores sistêmicos deste paradoxo?

Abro esta reflexão pedindo licença para dar meu testemunho pessoal sobre os temas Felicidade e Espiritualidade. Pois sei que há

muitos trabalhos acadêmicos que tratam deles. E não são muitos os testemunhos de vida, em que a práxis de ambos os temas toca o coração, e não apenas a mente, de quem nos lê.

FELICIDADE

Meu primeiro passo foi buscar a percepção de felicidade de algumas pessoas com quem convivo. Sim, com maior ou menor intensidade elas fazem parte da minha felicidade.

- Professora de Urbanismo: “Felicidade é sentimento de paz interior. É ser responsável pela coerência entre o que digo e o que faço. É conexão com meu ser profundo. É uma alegria permanente que vem do sentimento de congruência e inteireza. Neste estado de felicidade, tudo vira fonte de alegria, até mesmo a tristeza.”

- Doméstica: “Felicidade é eu estar de bem comigo mesma. É fluir e transmitir o Bom para o outro. O Bom é algo que toca o coração. É ter propósito, leveza, alegria. É saber substituir dor por paz interior, em mim e no outro. É sentir o coração do outro (empatia). Alegria é do momento. A felicidade mora dentro da gente.

* **Marcos Arruda** – Economista e educador do Instituto PACS, Rio de Janeiro, terapeuta social do CIT – Colégio Internacional de Terapeutas, facilitador da UNIPAZ e do Programa Educação Gaia. Colabora com a Rede Global Diálogos em Humanidade e a Rede Jubileu Sul. É associado ao Ashram-Ecovila Fazenda Plenitude (Vassouras) e ao Instituto Transnacional (Amsterdã). marcospsarruda@gmail.com www.pacs.org.br

- Músico: “Felicidade é juntar as alegrias com as tristezas que a vida traz, e conseguir tirar disto sentido para minha vida. É minha vida ter sentido.

- Cantora e compositora da África Ocidental: “Felicidade é minha família. Nela encontro aconchego, lar, porto seguro, força e determinação. A felicidade vem de dentro para fora. Por isso, posso estar triste e ser feliz. Alegria passa, felicidade fica.”

- Músico e compositor: “Há felicidades de curto e de longo prazos. A verdadeira felicidade cresce pouco a pouco e resulta das minhas ações e relações. Abraços, olhares, presença vão criando confiança e afeto. É assim que construo minha felicidade. O que a gente dá, a nós retorna. Daí vem a confiança dos outros. Felicidade é saber que podemos sofrer desgraças, mas tendo amigas e amigos de confiança vamos ter sempre gente nos ajudando. Adversidades pessoais e sociais (como as que o Brasil experimenta hoje) me afetam, sim. Devemos primeiro distinguir as que são de nossa responsabilidade e as que não são. Trabalhar para superar as que nascem de nós, e buscar forças, caminhos e companheirxs para cooperar na superação das que não são. Vivo constantemente com sentimento positivo. Mesmo quando erro estou em paz e sem sentir culpa. Procuo fazer minha parte.”

- Professora de Humanidades: “Felicidade é estar à vontade. É permitir-me usufruir de tudo que sou e de tudo que tenho ao meu redor. Apesar de tudo que causa ansiedade e que se impõe a mim. Eu sou muito emotiva e uso palavras que revelam minha raiva. A saída é transcender indo ao que me faz feliz, minha filha, meu companheiro, alguns bons amigos, livros, pássaros, Natureza. Coisas ruins me afetam, às vezes vários dias. É quando a felicidade parece se esconder. Mas sinto em mim que ela ainda está lá, em potencial, até aflorar outra vez.”

Destes depoimentos podemos extrair ex-

pressões – chave: ter o suficiente – comida, abrigo e segurança, – liberdade, paz interior, entendimento com o Outro, ser responsável, coerência, conexão, alegria permanente, congruência, inteireza, estar bem comigo, empatia, transmitir o Bom, leveza, mora dentro, sentido da vida, família, vem de dentro, felicidade fica, felicidade sensível ou escondida, em potencial.

Para mim felicidade é tudo isso. E acrescento alguns elementos mais. A felicidade é includente. Ela só acontece em mim se me engajo a colaborar com a felicidade dos Outros e Outras. Como sou um feixe de relações, tenho que cuidar para que cada uma seja saudável e gratificante. E isto só acontece se vivo em comunidade. Fazer que cada relação seja informada pelo espírito comunitário é uma condição da contínua edificação da minha felicidade. E isto não depende de ninguém além de mim próprio. Por isso, chamo a felicidade de Presença, que resulta de um processo de autoconstrução e autogestão. Voltaremos a isto ao falar de Espiritualidade.

Essa riqueza de definições de felicidade é necessária para iluminar esta reflexão. Mas definir felicidade não basta. Além do conceito, a questão que emerge é como alcançá-la, construí-la, realizá-la. A pergunta a responder primeiro, então, é: quais são as condições objetivas e subjetivas necessárias e suficientes para realizarmos em nós a felicidade.

Dois vetores confluem na tessitura da felicidade: um é o *bem viver* como objetivo pessoal, comunitário e social; o outro, a *autogestão* do desenvolvimento dos meus potenciais objetivos (sentidos do corpo, saúde física, aprender a gerar equilíbrio energético, apoiar o outro nesta busca), e subjetivos (sentidos da mente e do espírito, saúde mental, psíquica e espiritual, meu *empoderamento* para saber gerir minha própria felicidade e contribuir para a gestão da felicidade coletiva).

BEM VIVER

O bem viver, durante milênios, tem sido um modo de vida característico dos povos originários. Nas décadas recentes, autores indígenas e outros têm sistematizado e divulgado a visão do bem viver enraizada nos povos andinos. Ela consiste no viver em comunidade, compartilhar necessidades e

abundância, afetos e conflitos, alegrias e tristezas, sabendo que contamos uns com os outros, contamos com todos os outros seres do território em que vivemos, e com nossos ancestrais. O bem viver implica numa crítica radical da monetocracia materialista do capitalismo (o domínio do dinheiro como valor maior) e do antropocentrismo hierárquico (o ser humano como centro, e acima de todos os seres) das abordagens mais conhecidas do socialismo. O paradigma da filosofia do bem viver é biocêntrico, ou seja, centrado na valorização e no cuidado da vida; e a relação de poder é participativa.

Os incêndios que estão destruindo uma parte da Floresta Amazônica, resultante de ações humanas como “o dia do fogo”¹, ou a contratação por empresas estadunidenses de jagunços para atear fogo nas matas que contornam a Rodovia BR-163² são manifestações extremas do *mau viver*. São agentes de destruição de seres vivos – vegetais e animais – inclusive de humanos. O equilíbrio do Bioma Amazônia, a harmonia entre os seres da Floresta, a garantia da abundância de água para a vida do bioma e, mais além, para a conservação da vida no continente inteiro foram objeto de ecocídio³ – depredação da nossa casa comum e assassinato de um sem-número de seres vivos que a habitam.

Tudo isto tem raiz nas emoções fundamentais do sistema centrado no indivíduo abstrato, no capital, no lucro – o egocentrismo, a ganância, a voracidade, a eterna insatisfação resultante da economia da escassez. O mais rico bilionário do mundo, Jeff Besos, com dezenas de bilhões de dólares de fortuna pessoal, é apresentado como “história de sucesso de quem trabalhou muito para construir esta fortuna”. Os que o glorificam desconsideram a longa cadeia de trabalhadoras e trabalhadores cujo trabalho, saber e criatividade foram fatores indispensáveis para tornarem real aquela fortuna. O sistema que promove a apropria-

ção privada dos meios de produzir bens e serviços propicia a distribuição desigual dos benefícios dessa produção e de todo o progresso técnico. De quantas vidas precisaria Besos para usar esta montanha de dinheiro? Se ele só tem esta vida para isto, porque não trabalhar por outro sistema econômico, que dê a todas e todos o direito da posse compartilhada dos meios de produção e do gozo, de forma justa e compartilhada, da riqueza gerada pelo seu trabalho?

É justamente o que pratica o sistema da Bem Viver. Emerge dele um conceito de riqueza que inclui “Pão e Beleza”. O vocábulo ‘economia’ em grego significa ‘gestão/cuidado da casa’. Que é mais importante na casa? As pessoas que moram nela! E como podem estas pessoas bem viverem? Tendo os bens e serviços *suficientes* para atenderem suas necessidades materiais, e um *ambiente afetivo, intelectual e moral* acolhedor, solidário e amoroso na esfera das relações. A economia de uma sociedade precisa das mesmas condições objetivas e subjetivas que as pessoas, famílias e comunidades que a compõem, para que estas possam realizar seus potenciais de felicidade. Pessoas felizes, sociedade feliz... e vice-versa.

A felicidade só é real se abrange o ser humano na sua integralidade. Por isso, ela é irreduzível aos aspectos que a constituem – consumo, não consumismo; bens e recursos suficientes, não excessivos; partilha do poder, dos bens para produzir e reproduzir a vida, e do saber; convivência pacífica e solidária entre humanos; harmonia com o mundo físico, não usufruto irresponsável; valorização do presente e da presença, dizendo não à cultura da acumulação e da competição para ter mais e ser maior que os outros. A estes se juntam as condições para o desenvolvimento dos sentidos da ética, da estética, da comunicação não violenta, do tempo como riqueza, do amor como acolhimento do Outro, como promoção da união e do encontro.⁴ Somos felizes

¹ 300819 – <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/funcoes-de-fazenda-dizem-que-gasolina-foi-utilizada-para-queimar-mata-no-para/8>

² 270819 – <https://theintercept.com/2019/08/27/amazon-rainforest-fire-blackstone/>

³ “Ecocídio, crime contra o ambiente que coloca em risco a Humanidade”, em Rede Diálogos em Humanidade, 2017, “MANIFESTO: A Emergência da Cidadania Planetária”, p. 1. (<https://dialoguesenhumanite.org/meetup/594/manifesto-pour-lemurgence-de-la-citoyennete-planetaire-fr-eng-pr>)

⁴ Leonardo Boff elabora sobre o amor como cuidado em “Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra”, Editora Vozes, Petrópolis, 2011.

Roberto Crema tem um livro inteiro sobre o amor como encontro: “O Poder do Encontro: Origem do Cuidado”, 2016, Unipaz, Brasília.

Carlos Rodrigues Brandão, em “Aprender o Amor: sobre um afeto que se aprende a viver”, 2005, Papirus, Campinas, SP nos mostra o amor como aprendizagem da união, do cuidado e do encontro.

quando aprendemos a desfrutar dos nossos talentos, das nossas relações, do que a vida nos traz cada dia, e do tempo que dedicamos ao que nos faz ser quem realmente somos.

É por tudo isto que chamo a felicidade de *atitude*. Ela existe no coração das crianças que usufruem de condições materiais, humanas e ambientais para evoluírem e aprenderem a desenvolver sempre mais plenamente seus potenciais físicos, mentais, psíquicos e espirituais. Isto inclui relações familiares e comunitárias harmoniosas e amorosas, alimentação saudável, aprendizagem da gestão dos cuidados consigo e com os outros seres de sua convivência. Mas a vida prossegue e, na proporção em que a criança se torna adolescente e adulta, ela assume crescente responsabilidade como gestora destas relações, a começar pela relação consigo mesma. Descobre que suas escolhas implicam consequências, e que ela é cada vez mais a responsável pela trilha que vai abrindo com seus passos. Descobre também que, para além do uso que faz da sua liberdade, chegam-lhe pessoas, fatos, eventos que estão fora do seu controle e que também contribuem para moldar sua existência cotidiana.

Aprender a acolher o que a vida lhe traz, a nadar e ao mesmo tempo fluir no rio da vida é um aprendizado de sabedoria e de felicidade. Combinar o fazer a boa escolha de cada momento com, ao mesmo tempo, o acolher com gratidão e alegria aquilo que a vida lhe traz, eis aí a difícil arte da sabedoria. Fazer a boa escolha é exercer o dom da sua liberdade. Acolher as alegrias, tristezas, tempestades e calmarias que a vida lhe traz é desenvolver a *equanimidade*. Como o mar em contínuo movimento, o coração equânime atravessa com confiança o bom tempo e as tempestades que lhe fustigam a superfície, enquanto mantém em paz e serenidade a profundidade do seu ser.

Não há por que assustar-se com a manifestação das sombras que também habitam nosso ser. Na verdade, somos ao mesmo tempo Luz e sombra, e seria preciso uma longa aprendizagem de como olhá-las face a face e conviver com ambas, enquanto nos educamos na arte de fazer a boa escolha de cada momento. A presença das sombras gera conflito e, em situações em que elas se tornam hegemônicas, um falso sentimento de alegria, ou mesmo de felicidade. Não foi o caso do governador atual do estado do Rio

de Janeiro, ao saber da execução do sequestrador de um ônibus? Ele gastou uma viagem de helicóptero para ir celebrar esta execução *in loco*, e chamou-a de “celebração da vida”. Precisamos afinar nossa sensibilidade para saber identificar as sombras, ainda quando se fantasiam de luz. E não só nos outros, mas a começar em nós mesmos.

A felicidade brota do diálogo, do entendimento, do acordo (“corações que convergem”), da união. Ela implica formas não violentas de comunicação. A contra-violência, gerada pela necessidade de autodefesa frente a certas formas de violência, é legítima aos olhos das diferentes féis e espiritualidades. Mas é difícil escapar das consequências dela no espírito humano. Assim como violência gera violência, gentileza gera gentileza. Uma é um círculo vicioso, a outra, um círculo virtuoso. É preciso examinar as experiências concretas de uma e de outra ao longo da história para desvelar as lições que elas ensinam. Volto-me aqui para a minha própria experiência para ilustrar um confronto com a extrema violência que resultou saudável, depois da mais brutal e dolorosa perplexidade. No caso, tratava-se de enfrentar a morte ou desapegar-me dela.

DESAPEGAR-ME DO CORPO

Nos anos de chumbo da ditadura empresarial-militar, fui preso quando trabalhava como metalúrgico numa fábrica chamada Sofunge, no bairro da Lapa, em São Paulo. Ela pertencia à transnacional alemã Mercedes Benz.⁵ Fui violentamente torturado para dizer onde e com quem eu morava, a fim de que a Operação Bandeirantes (OBAN) prendesse outros resistentes. A OBAN era um centro de tortura, assassinatos e desaparecimentos chefiado na época pelo Major Valdir Coelho e financiado por grandes empresas privadas, entre elas o grupo Ultra, de controle estrangeiro. Passei muitas horas no pau-de-arara, completamente nu, imobilizado e indefeso, recebendo choques elétricos, surras de palmatória, banhos de água para

⁵ Ver Lina Penna Sattamini, 2000, “Esquecer? Nunca Mais! A saga do meu filho Marcos P. S. Arruda”, OR Publicações, Rio de Janeiro. Publicado em inglês, com acréscimos e mudanças editoriais, pela Universidade Duke, sendo o Prof. James N. Green o responsável pela edição.

aumentar a força dos choques, e violências morais que visavam atingir meu sentido de identidade e dignidade. Uma das falas dos capitães que comandavam a tortura era que eu era o culpado do que estava acontecendo. Se colaborasse, logo estaria solto. Cheguei a um ponto de quase-morte, o corpo se curvava com os choques, mas eu já não os sentia mais. Não saía mais som da minha boca, nem eu conseguia abrir os olhos. O corpo coberto de um suor frio, minha energia vital se exaurindo.

Foi quando o capitão tentou me persuadir a entregar colegas dizendo: “*Sua guerra acabou*. Se você colaborar vai acabar tudo isto e você logo vai estar livre para cuidar da sua vida.” Foi quando meu ser interior, no meio daquele terror quase fatal, se manifestou: “Minha guerra? Esta guerra não é ‘minha’, é de milhões de pessoas que recusam a ditadura e lutam pela liberdade, justiça e igualdade social, no Brasil, na América Latina, na Ásia e na África. Se somos milhões, eu posso morrer agora sem entregar meus companheiros, pois outros vão continuar a lutar, a resistir, a acreditar num mundo sem pobreza nem opressão.”

Esta percepção veio fortalecer de forma surpreendente minha decisão de não colaborar com aqueles agentes da morte. Senti que podia morrer em paz, como já tinham sido mortos tantas e tantos heróis. Senti que estava me desapegando do meu corpo. Isso ainda ficou ‘mais fácil’ porque, naquela condição, a morte seria o portal da minha libertação do terror de Estado que estava me torturando e matando. Minha vida terrena estava nas mãos deles, mas minha força de vontade para resistir estava em mim. Quando me levaram para o Hospital Geral do Exército, chamaram o capelão, que me deu a extrema-unção. E, um mês e meio depois, quando me levaram de novo para o centro de torturas, ameaçaram torturar minha amiga Marlene para me obrigar a falar. Não há tortura maior do que essa. Como eu continuava me recusando a falar o que eles queriam ouvir, depois de me espancarem saíram para a sala ao lado e cochicharam: “Que fazemos pra este filho-da-puta falar?” E o outro pontuou: “Ele não fala.” Senti que, na minha impotência, a *força* estava comigo, e não com eles! Hoje percebo que ali, naquela ante-sala do inferno, eu vivi uma profunda sensação de felicidade.

Todo apego é fonte de infelicidade. O apego gera o medo da perda, da carência, da privação. O apego cria amarras que nos prendem e impedem de voar. E só perdemos o medo da morte quando superamos o apego ao nosso corpo; e isto só conquistamos quando ganhamos consciência de que a morte não existe.

ESPIRITUALIDADE

Ao longo da minha busca da felicidade fui descobrindo que ela está estreitamente ligada à espiritualidade. Ou seja, a felicidade é fruto do sentido que descubro e que dou à minha vida enquanto ser omnidimensional – constituído por uma complexa variedade de sentidos, atributos, talentos e dimensões. Sou responsável por desenvolvê-los de forma autogestionária e, ao mesmo tempo, solidária com a de outros seres vivos e conscientes.

A felicidade tem duas dimensões. Uma, a relativa, que é sujeita à comparação entre diferentes pessoas. “Ruth era mais feliz que Sarah”. A outra, absoluta, que pode ser plena para sujeitos diversos. “Talvez por ter chegado a esta idade provecta, sou feliz!” Mas há um complicador. A felicidade que pertence ao campo subjetivo pode ser informada por energia positiva ou negativa. A felicidade que provém da atitude de colaborar para a felicidade alheia é carregada de energia positiva. A autoproclamada felicidade do governador do Rio de Janeiro, que celebrou em nome da vida a execução de um sequestrador de ônibus que usava arma de brinquedo, manifesta as energias do ódio e da morte.

Como posso ser feliz diante de uma ordem social marcada pela opressão, a desumanização e a naturalização da violência e da morte? Como pode ser saudável minha relação com a Consciência Superior se nutro o sentimento de infelicidade, queixa e ressentimento frente às negatividades que prevalecem na realidade das e dos cidadãos do Brasil e do mundo de hoje?

Espiritualidade, para mim, é minha relação com a Consciência Superior. Posso afirmar hoje que a espiritualidade que vivencio no meu cotidiano é condição indispensável da minha felicidade. Para que vocês, que me leem, entendam o que estou dizendo, lhes

peço paciência para ouvirem como minha espiritualidade evoluiu.

UM DEUS TOTALITÁRIO

Nasci nos anos 40 no Rio de Janeiro. Recebi lições de catecismo nos colégios que frequentei – primário no Externato Coração Eucarístico, de freiras belgas e brasileiras, e secundário no Colégio Zaccaria, de uma congregação italiana. Aí me foram inculcados os dogmas que me condicionaram na parte mais influenciável da minha vida. As emoções que acompanhavam esses dogmas eram o medo, a culpa e o ressentimento. Medo de pecar, de ter prazeres considerados pecaminosos, de ser julgado e condenado por um deus exterior a este mundo, pousado nas nuvens, de onde ele, masculino, velho e barbudo, vigiava cada pessoa a fim de punir quem não estava cumprindo “seus” mandamentos. Medo de seguir minha natureza, de transgredir e provocar a ira e a vingança daquele deus totalitário. Cada ato de transgressão, desde alguma leve mentira até a masturbação, vinha acompanhado de um aflitivo sentimento de culpa, que só era apaziguado depois de eu ajoelhar no confessionário e dizer ao padre que eu havia pecado. Culpa por ter transgredido as leis de deus, culpa por ter seguido minha natureza sensual, culpa por ter escolhido o prazer em lugar do sacrifício. A imagem que marcou este período da minha vida religiosa foi o crucifixo – Jesus torturado e assassinado na cruz pelos judeus de então e por todos e todas que escolhemos outro caminho que não seja o da renúncia, da abnegação, da obediência e do sacrifício.

Esta mitologia, hoje tão distante da Consciência Suprema que dá origem e sentido à minha e a toda forma de Vida, foi agravada durante o ano de meio que passei no Noviciado jesuíta em Itaiaci. A separação dos meus pais, quando eu tinha entre 9 e 10 anos, provocou em mim um profundo trauma – eu acreditava que, se o casamento é para sempre, a separação resultaria na inescapável condenação deles ao inferno. Por isso, decidi sacrificar o melhor da minha vida tornando-me sacerdote. Minha saída da vida religiosa também foi tormentosa. O mestre de noviços tentou me convencer de que voltar a ser leigo seria renunciar à graça da vocação. Ou seja, eu estaria pecando e teria que arcar com esta culpa. Foi preciso

um tempo de trabalho interior, meditação e conversa com outros padres e com um dos meus colegas até que senti a paz que buscava para partir.

Um primeiro despertar espiritual ocorreu quando escolhi participar da Juventude Universitária Católica, durante meus estudos de Geologia. Dois fatores foram determinantes. Um, o desabrochar da consciência crítica sobre as causas da opressão e da exploração social inerentes ao sistema do “livre mercado”. O outro, a leitura de livros do geólogo e místico jesuíta Pierre Teilhard de Chardin. Na JUC iniciei uma profunda transformação da minha visão de mundo. Tendo crescido numa família conservadora e udenista, fui descobrir na universidade e na JUC que a pobreza não era um fenômeno aleatório ou obra de um deus rigoroso punindo almas de mérito inferior. Era, sim, o resultado de uma sociedade dividida em classes ou categorias diferentes de cidadãos e cidadãs – os “vencedores”, que podiam viver sem trabalhar, pois se apropriaram dos meios de produzir bens e serviços e da riqueza gerada pelo trabalho social, e os “perdedores”, privados da propriedade dos bens produtivos, inclusive a terra, e condenados a trabalhar para terem direito a viver. No caso da maioria, reduzidos à mera sobrevivência física. Ou seja, a pobreza e sua reprodução é o resultado do modo de organização da economia e das leis que a legitimam. Esta compreensão da História abriu minha consciência para entender também a razão de ser da tentativa de golpe contra a posse do vice-Presidente João Goulart quando o então Presidente Janio Quadros renunciou; e para me posicionar contra o golpe empresarial-militar de 1964, apoiado pelo governo e corporações, sobretudo, as mineradoras e os bancos de base estadunidense.⁶ Como poderia eu ser cristão fiel aos princípios do Evangelho senão me opondo ativamente a esta ordem antidemocrática, que dava sustento às estruturas que promoviam a opressão, a exploração, a alienação e a subserviência aos interesses das empresas e do Estado de outro país?

⁶ Ver o documentário “Um dia que durou 21 anos”, dirigido por Camilo Tavares, com base na pesquisa dos documentos divulgados pelo governo dos Estados Unidos relativos ao envolvimento militar, financeiro e político desse país na preparação e implementação do golpe de 1964, e na manutenção da ditadura.

AFLUENTES DE UM MESMO RIO

Naqueles anos universitários, alinhei minha fé cristã ao meu compromisso como profissional da Geologia, lutando pela soberania do Brasil sobre seu território e suas riquezas naturais, e sobre seu destino como Nação; e lutando pelo fim de todas as formas de exploração das pessoas e de opressão social, o que só seria realizável através da democratização da economia e da política. Curiosamente, foi o ultra-reacionário diretor da Escola Nacional de Geologia que contribuiu para consolidar meu compromisso com a luta pela democracia e pela soberania nacional e popular. O fato é que ele espalhou na escola o boato de que eu era “comunista”. Ele conhecia minha história religiosa, mas sua posição como diretor de uma grande mineradora alemã – a Mannesmann Mineração⁷ – o impedia de aceitar a ideia de um Brasil socialmente justo, industrializado e dono das suas riquezas. Pensei comigo: “se como cristão e geólogo estou lutando por estes ideais e sou chamado de ‘comunista’, vou ler sobre o comunismo para entender por que ele seria tão ‘mau’ assim.”

Tal pesquisa, sobretudo as leituras de Karl Marx, me introduziram à compreensão do papel das contradições, da natureza dialética da História humana, do pensamento crítico e da ação consciente pela transformação da economia, da política e da cultura. A JUC também nos estimulou a ler documentos sobre a doutrina social da Igreja. Eram tempos do grande Papa João 23, do Concílio Vaticano II e do Sínodo de Medellín, cujos documentos marcaram profundamente a história do catolicismo, e estiveram na raiz da Teologia da Libertação. Nos nossos dias, esta perspectiva libertadora ganha novo alento na pessoa extraordinária do Papa Francisco!

Teilhard de Chardin entrou na minha vida antes da minha graduação como geólogo. Eu estava buscando compreender como as ciências geológica e biológica apresentavam evidências cabais da história evolutiva do Universo, da Terra, e da vida, ao passo que a Igreja Católica insistia no criacionismo bíblico como única maneira de entender o aparecimento da espécie humana na Terra. As leituras que fiz de obras de Teilhard

abriram minha consciência para a compreensão de que a História evolutiva da vida na Terra também segue um caminho dialético: a evolução do menos para o mais, do material para o espiritual responde ao princípio da vida e da consciência – “estofa da Matéria” – que anima e é inerente à própria matéria. Para Teilhard a evolução tem um sentido que lhe é dado pela vida sempre mais consciente, através de crescente complexificação e diversificação, personalização e socialização, conscientização e convergência. Este entendimento da natureza evolutiva da vida e do ser humano descortinou um novo sentido para a minha espiritualidade. E me permitiu discernir o papel da espiritualidade na nossa *libertação* dos egos da separatividade, dos bloqueios, da redução à mediocridade, e do desamor, seja na esfera pessoal, seja na interpessoal e na coletiva.

O sentido de que falo tem a ver com a visão *panenteísta* de mundo. Aprendi este termo com o teólogo Leonardo Boff, que o explica a partir da crítica da visão *panteísta*, que postula que cada coisa que compõe o mundo é deus. Encontrei expressões desta visão na África, mas também no Butão. Caminhando com um economista butanês numa região montanhosa coberta de floresta, pedi que ele me explicasse a fé do povo do Butão. Ele fez a seguinte consideração, que resumo aqui com minhas palavras.

“Nosso povo é profundamente budista. Mas ao mesmo tempo, ele entende que todos os seres e todas as coisas são mais que portadoras de espírito. Montanhas, florestas, árvores são deuses. Uma variação disso é ver em tudo a presença de um ser divino. Panteísmo, no primeiro caso, que na mente do nosso povo convive com a filosofia budista.”

O *Panenteísmo*, por sua vez, significa presença e manifestação do Divino no interior de tudo. Esta percepção revolucionou minha vida espiritual. Eu havia me afastado dos dogmas e do patriarcalismo da Igreja Católica desde que me separei da primeira esposa, ainda nos anos 60. Mas os fundamentos evangélicos do Cristianismo continuaram vivos em mim. Ao mesmo tempo, meu coração se abriu para acolher outras formas de espiritualidade, reconhecendo nelas a mesma motivação – a busca do sentido superior da nossa existência na Terra.

⁷ Atualmente, Vallourec-Mannesmann Mineração, de base francesa.

Mesmo durante meu ativismo em favor da democracia e da liberdade e contra a ditadura, iniciei-me na yoga, nas artes marciais do Oriente (T'ai Chi e Karatê), e na leitura de autores do Budismo, do Taoísmo e, mais tarde, do esoterismo e da espiritualidade andina da rede Nación Pachamama. A vivência da prisão durante a ditadura sacudiu minha visão de mundo. A tortura na OBAN – Operação Bandeirantes – em 1970 foi para mim uma experiência de quase-morte, como contei acima. Recolhido ao Hospital do Exército em São Paulo, depois de muitas horas de choques elétricos e golpes, fui dado como agonizante e recebi a Extrema Unção. Esses momentos me proporcionaram a vivência da Presença – a clara percepção do Divino em mim.

Uma das psicoterapias que fiz ao longo dos anos acrescentou um componente importante à mística libertadora da minha existência: a Bioenergética, com a psicoterapeuta Ann Bowman. Ann havia sido curada da cegueira pelo Dr. Arthur Janov, e era tão talentosa que o Dr. Janov a tomou como sua assistente durante anos, até que ela se mudou de San Francisco para Washinton D.C., onde eu morava como refugiado. Ann combinava o trabalho com o corpo e com a psique, usando a respiração profunda e a concentração como caminhos para a abertura do inconsciente. Foi com ela que tive, como efeito secundário da terapia, a experiência da abertura dos meus olhos para a sacralidade da Natureza. Depois de uma sessão particularmente reveladora e emocional, saí do consultório de Ann com a impressão de haver perdido um véu que cobria meus olhos. Andei pelas ruas encantado com a beleza do céu, tocando as árvores, acariciando as folhas, agradecendo a Vida por tantas maravilhas. Desde pequeno eu fui amante da Natureza. Fui um escoteiro apaixonado e, anos depois, não por acaso escolhi a Geologia e a Oceanologia como profissões. Mas agora eu sentia na Natureza, como nunca, a Presença do Divino.

Anos depois, vivi um novo “salto quântico” na minha espiritualidade. Posso resumi-lo como o sentimento de que tudo está interconectado, que para além da diversidade que caracteriza o Cosmos existe uma misteriosa Presença interior a tudo, comum a tudo, que unifica tudo sem destruir o único de cada ser. Manifesta-se aqui a essência do unificar e harmonizar. Descobri, então, o

sentido profundo do conceito Teilhardiano de “amorização” – agir para transformar o que é naturalmente solidário em união livre e conscientemente escolhida; e acolher a Outra pessoa como autenticamente Outra, e não uma mera projeção dos meus desejos e carências. É este desapego de mim e esta gratuidade na relação com a Outra pessoa (família, comunidade, povo, espécie, planeta) que me torna sujeito do amor incondicional.

A leitura de um livro me levou a uma espantosa revelação. Até então, eu me sentia morada ou templo do Divino. Isto me havia libertado da necessidade de estar em alguma igreja ou lugar sagrado para ter contato com o Divino. Ela-Ele era uma Presença constante na minha vida cotidiana, porém enquanto Alteridade. Isto não impedia que o meu lado de sombra se manifestasse, desafiando minha consciência e abalando qualquer traço de orgulho ou vaidade. Daí veio o aprendizado de pedir perdão a quem eu magoo e buscar reparar a mágoa. A leitura daquele livro, porém, me revelou o que eu chamo de minha verdadeira natureza – mais do que morada do Divino, sou um *quantum espiritual* do Divino. Se Ela-Ele é Unidade da Diversidade, trago em mim uma dimensão do meu ser que é divina. Por isso, não teve princípio nem terá fim; como quantum do Divino, existe desde sempre. E esta dimensão faz de mim ‘filho’ do Eu Sou, da mesma forma que Jesus Cristo é Filho do Eu Sou. Com este novo olhar, tenho relido os Evangelhos – inclusive os Apócrifos – descobrindo nos ensinamentos de Jesus uma mensagem para além da que herdei da Igreja: Jesus não veio mostrar-Se a nós como um Ser Superior, infalível e inatingível, mas sim revelar-nos que nEle convivem o Divino e o humano... e em nós também. Ele veio despertar nossa consciência para quem somos de fato, de onde viemos e qual é a nossa verdadeira natureza, ao mesmo tempo humana e divina.

Desvendar nossa dupla natureza – material e espiritual, humana e divina, alteridade e autoridade, condicionada e livre – é o desafio maior de nossas vidas. Para o Divino somos outros (alteridade) e, ao mesmo tempo, “partes”, “parcelas”, “quanta” dEla-dEle próprio (autoridade, Eu Sou). Nossa vida espiritual consiste num diálogo entre essas duas dimensões de nós próprios. Ou, como sugere Teilhard, tendemos, enquanto pessoas, seres/criaturas em

contínua e sempre mais consciente evolução, a uma crescente personalização, socialização, espiritualização e amorização.

Estas revelações me levaram à seguinte conclusão. Quanto mais eu e nós “frequentarmos”, – através da atenção, da intenção, do foco, da convivência consciente, da meditação, e do serviço (*koinonia*) – a dimensão divina do nosso ser individual e coletivo, mais preparados estaremos para desapegar-nos do nosso próprio corpo, quando chegar a hora de fazermos a grande passagem para a Luz.

A EVOLUÇÃO DA VIDA NÃO PARA NA HUMANIDADE

A Espiritualidade é a forma que cada pessoa desenvolve em si mesma de se relacionar com a Consciência Superior. Qualquer nome que se queira dar a Ela é menos importante do que o *sentimento* de conexão da pessoa com Ela. A religião geralmente demarca fronteiras, inclui uns e exclui outros, afirma dogmas e doutrinas que se tem que acreditar como condição de pertencimento. Sou associado ao Ashram Ecovila Plenitude, uma comunidade intencional organizada como associação sem fins de lucro e com governança autogestionária, igualitária e matrística. Assim como muitas outras ecovilas criadas em contextos culturais os mais diversos, acolhemos diferentes formas de espiritualidade, embora parte das pessoas associadas sigam o caminho da Yoga Integral, no estilo herdado de Sri Aurobindo e da Mãe Mirra.

Em 2003 publiquei o primeiro livro de uma trilogia, intitulado “Humanizar o Infra-Humano”. Senti-me atraído a estudar as convergências do pensamento de três autores antecipatórios: Karl Marx, Teilhard de Chardin e Sri Aurobindo. Uma dessas convergências está no fato de os três serem estudiosos do futuro. Marx intuiu a humanidade pós-capitalista e pós-socialista, na qual os laços de solidariedade, apoio mútuo e partilha da abundância, vividos no espaço dos territórios locais, prevaleceria sobre as práticas comerciais e monetárias, e os benefícios do aumento da produtividade, gerados pelo trabalho emancipado de toda a sociedade, seriam convertidos em mais tempo livre para o autodesenvolvimento e o florescimento das relações humanas e com a natureza.

Teilhard visualizou um processo de transição da humanidade para o que chamou de Ultra-Humano. Esta transição resulta da evolução da geosfera à biosfera, e desta à Noosfera – o novo órgão cósmico resultante da conexão das mentes e espíritos de cada pessoa, formando uma teia de consciência reflexiva, capaz de se unificar crescentemente num movimento de co-criação e de realização dos seus potenciais de complexificação e convergência. A percepção da Noosfera por Teilhard se aproxima do conceito de Akasha da cultura indiana – a memória da Humanidade, o éter preenchido de in-formação e em contínua expansão. Ou, o inconsciente de Carl Jung. Tenho trabalhado um conceito algo diferente do de Jung, definindo a Noosfera como a Consciência Coletiva da Humanidade. Aurobindo viu a História como um processo (r)evolucionário que vai do Infra-Humano ao Humano e ao Supra-Humano, como bem resume a Mãe Mirra Alfassa, parceira espiritual de Aurobindo (abaixo). Permito-me expressar o Ultra-Humano, ou o Supra-Humano, como o estágio em que prevalece a Economia do Amor: do acolhimento do Outro enquanto autêntico Outro na comunhão, da solidariedade, da partilha, da abundância para todas e todos, da autoestima, da humildade, da gratuidade, da plena espiritualidade, e da felicidade recriada no Eterno Agora de cada momento.

Mas a reflexão sobre estas noções e dimensões eu deixo para outro artigo.

“A humanidade não é o último degrau da criação terrestre. A evolução continua e o ser humano será superado. Cabe a cada indivíduo saber se deseja participar do advento dessa nova espécie.

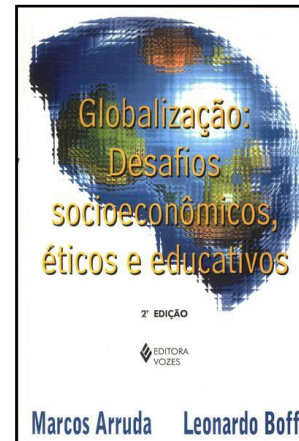
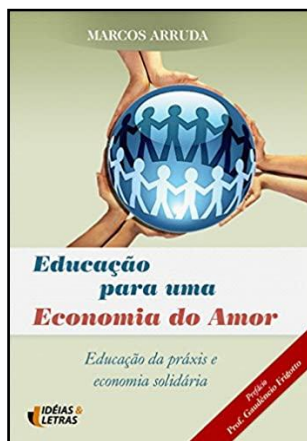
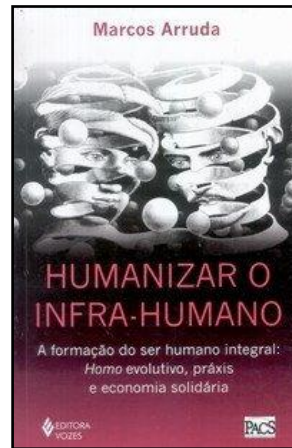
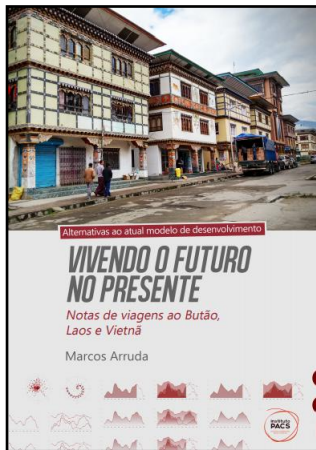
Para aqueles que estão satisfeitos com o mundo como ele é, Auroville obviamente não tem motivos para existir.”

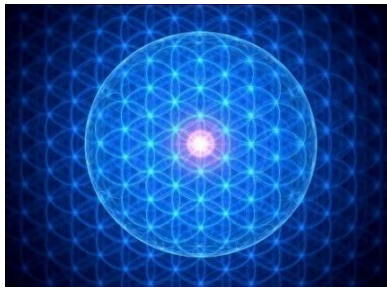
“Humanity is not the last rung of the terrestrial creation. Evolution continues and man will be surpassed. It is for each individual to know whether he wants to participate in the advent of this new species.

For those who are satisfied with the world as it is, Auroville obviously has no reason to exist.”

The Mother, 1966

Alguns livros de Marcos Arruda:





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

9 – MAPEAR COMO ESTRATÉGIA: acompanhamento e análise da complexidade do fazer arteterapêutico

MAPPING AS A STRATEGY: following and analyzing the complexity of arttherapy practices

Tatiana Fecchio et al.*

Resumo

Este artigo traz dez relatos sobre o uso do mapa cartográfico como ferramenta ao arteterapeuta no processo do seu fazer. O cartografar se oferecendo como possibilidade de registro e estabelecimento visual de relações – entre as percepções do arteterapeuta sobre si próprio, o expressar ampliado do *outro* (suas ações, falas, oscilações, hesitações e produções), as materialidades, o reconhecimento de estruturas simbólicas, as hipóteses de leitura simbólica, as atividades elaboradas – dentro de uma estrutura que permite leituras dinâmicas e visuais não lineares. Aqui também fica explícito que o mapear se adapta, como representação, tanto ao arteterapeuta quanto ao que este deseja trazer à atenção.

Palavras chave

Arteterapia, cartografia, mapeamento, registro, psicologia analítica

Abstract

This article brings ten reports about the use of the cartographic map as a tool for the arttherapist in the process of his doing. Mapping offers itself as a possibility to record and visually establish relations – between the perception of the therapist about himself, the expanded expression of the other (their actions, voices, oscillations, hesitation and productions), the materialities, the recognition of symbolic structures, the hypothesis of symbolic reading, the elaborated activities - inside a structure that also allows dynamic reading and non-linear visuals. Here also it is made clear that the mapping adapts itself, as a representation, as much to the arttherapist as to the one it desires to call for attention.

Keywords

Arttherapy, cartography, mapping, registration, analytical psychology

* **Tatiana Fecchio** - Bacharel e licenciada em Artes Visuais (Unicamp), Pedagoga (Unifran), com mestrado e doutorado em Arte (Unicamp- FAPESP/CAPES) e especializações realizadas nas áreas de "Artes e Novas Tecnologias" (UnB), "Arteterapia" (Unicamp), "Caminhada como Método para a Arte e Educação" (Casa Tombada/Edith Derdyk). 11.964195047 / tati.fecchio@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este é um artigo escrito a muitas mãos.

É um exercício coletivo de refletir sobre o processo do acompanhar arteterapêutico como um caminhar passível de ser mapeado em diferentes instâncias: O fazer daquele que acompanho; a relação que se dá com as materialidades; os processos vividos no sujeito arteterapeuta; as hipóteses vislumbradas, as escolhas e encaminhamentos efetivados; as estruturas simbólicas desveladas; as referências de apoio e as pesquisas que se realizam.

Neste descrever, memorar e refletir – encontro a encontro –, se dá um mapa, uma cartografia que é aberta e que apenas passa a se constituir no deslocamento mútuo de todos os envolvidos. Mapeamento que tenta uma aproximação do complexo inerente ao fazer arteterapêutico.

Como um mapeamento cartográfico acontece em um contexto arteterapêutico? Como ele pode ser construído? Quais os desafios neste processo de transformação de experiência em registro?

A cartografia, largamente discutida no campo da Geografia e da Arte (junto aos situacionistas) aqui é apropriada metaforicamente como a possibilidade de, ao materializar graficamente percursos, também se configurar no processo como um mapa de deslocamentos e possibilidades.

DESENVOLVIMENTO

As reflexões sobre os mapas, na sequência, apresentados, são resultado de uma atividade iniciada nas aulas de “Raciocínio Arteterapêutico”¹ que teve por intenção o compreender e o exercitar de uma nova possibilidade de registro das atividades de estágio.

Esta atividade teve por consigna realizar o mapeamento de uma sessão, (de cinquenta minutos a duas horas de duração a depender da especificidade dos locais de atendimento), escolhida pelo aluno e realizada durante o tempo de estágio, tendo por objetivo explicitar aquilo que parecia dali mais relevante e significativo. Esta forma de

propor a atividade possibilitou a grande diversidade dos mapeares aqui apresentada. Cada qual, voltado em geral às primeiras sessões de estágio, priorizando alguns aspectos da experiência deste debruçar-se sobre a prática e sobre o acompanhar do outro.

O resultado desta reflexão pareceu a todos tão rica que se decidiu, coletivamente, gerar dela uma publicação compartilhando parte das aquisições experienciadas.

Desta forma serão apresentados treze mapas, referentes a dez situações analisadas, com comentários reflexivos referentes a sua construção, usos, sobre suas potências e limites.

A ideia é a de evidenciar que a prática cartográfica é uma ferramenta importante do raciocínio arteterapêutico que desencadeia diversas camadas de processos quando o acompanhar arteterapêutico assume o lugar de metáfora do “acompanhar processos”. O papel do caminhar (na sua ordem de transformação e deslocamento), da atenção e do mapear assumindo um lugar potente aos desvelamentos realizados encontro a encontro, atividade a atividade, sendo continente gráfico e visual a diferentes camadas e maneiras de aproximação.

Nesse sentido nos apoiaremos, essencialmente, em três publicações. No livro *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade* (2009) de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia que nos ajudaram a olhar o processo arteterapêutico como um caminho de reconhecimento e identificação de pistas. *Políticas da Cognição* (2008) de Virgínia Kastrup, Silvia Tedesco e Eduardo Passos e no livro de Francesco Careri, intitulado *Walkscapes: o caminhar como prática estética* (2013).

De Careri interessa a possibilidade de leitura simbólica daquilo que descreve como caminhar e neste sentido efetivar uma travessia. Considerando o processo de individuação (Jung, 1989) – tornar-se o que de fato se é enquanto *individuun* único – também como um atravessar, o acompanhar do outro neste percurso se enriquece de camadas e possíveis abordagens. Para este autor, percurso é “...o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha

¹ No curso “Arteterapia Analítica” da FMU (Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas) em São Paulo, sob a regência da professora Tatiana Fecchio.

que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa)” (CARERI, 2013:31). O acompanhar de um processo elaborativo e integrador dentro da clínica arteterapêutica podendo, assim, ser visto como um atravessar de espaços e paisagens, narrável e mapeável.

Em Passos, Kastrup e Escóssia (2009), os autores propõem uma direção que deve estar em sintonia com três ideias: a transversalidade, a implicação e a dissolução do ponto de vista do observador. Como transversalidade os autores entendem a ampliação da “longitude” da ação, uma sintonia do alcance do processo de comunicação entre os sujeitos e os grupos, um “coeficiente comunicacional”, sem o qual o contato nem se estabelece. Uma vez estabelecida a comunicação, esta deve ser acompanhada de uma contiguidade que favoreça o surgimento de um plano implicacional no qual sujeito e objeto interajam mutuamente amparados por uma base de teoria e prática. Nesse cenário aparece a possibilidade do observador se diluir junto das emergências que habitam a experiência de realidade e, passe a ter liberdade de não se fixar a pontos de vista pré-estabelecidos ou fixados em detrimento de outros que possam surgir a partir da gênese gerada na interação, renovando assim as possibilidades no processo de investigação.

De Kastrup, Tedesco e Passos (2008) nos interessa o presente como espaço movente, a experiência no acompanhar arteterapêutico, mapeável, é em si um estado de relação múltiplo, no qual são colocados em relação tudo aquilo que está em jogo; arteterapeuta, paciente e materiais. Neste sentido é na atenção ao presente que deve estar toda a intensidade da presença. Este presente “...possui uma situação privilegiada, pois ele encarna a passagem de tempo, a transformação” (KASTRUP, 2015:92). Este presente também “...possui uma espessura temporal, o presente não sucede o passado nem precede o futuro, mas faz coexistirem estes tempos. Do passado possui a virtualidade, do futuro, a imprevisibilidade” (KASTRUP, 2015:92). Desta forma a atenção ao presente, ao tempo do encontro deve ser entendido como um “campo movente” no qual se efetivam (mais do que atualizam)

movimentos e potenciais transformações. A abordagem analítica, ao subverter a temporalidade na compreensão do inconsciente e das estruturas arquetípicas, já se exerce nesta chave.

Mapa da ANA MARIA. Escolhas, materiais, atitudes

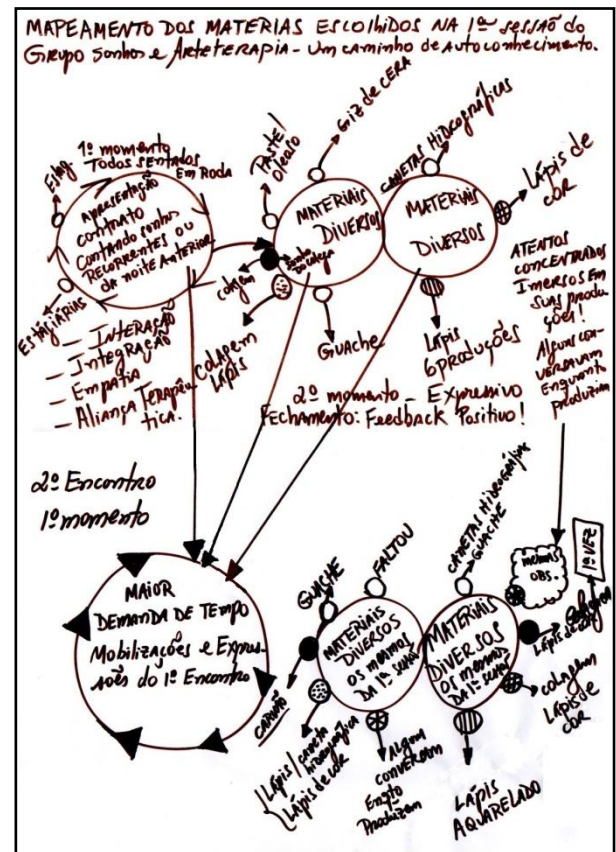


Figura 01. Mapa realizado por Ana Maria Caramujo. As escolhas dos materiais

Meu mapa (Figura 01) tem como objetivo, em primeiro lugar, mostrar a primeira Sessão do Grupo Sonhos e Arteterapia – Um caminho de autoconhecimento – dentro do Programa de Extensão da Responsabilidade Social em uma instituição de ensino superior na cidade de São Paulo em que os participantes são adultos, estudantes da instituição, maiores de 18 anos e se inscreveram com o objetivo de realizar o autocuidado. Esse grupo é conduzido por mim como docente da instituição, e mais três estagiárias – Lilian Martins Vieira, Rita Baccin e Rosana Laguna – sendo que num primeiro momento estivemos todas juntas com o grupo e num segundo momento eu e Rosana conduzimos um grupo de sete participantes e, Rita e Lilian conduziram um grupo de dez a doze pacientes.

Esse mapeamento teve como objetivo mostrar a escolha de materiais plásticos que os participantes fizeram para expressar seus sonhos – recorrentes ou da noite que antecedeu a sessão – no primeiro encontro do grupo que foi realizado no dia 5 março de 2020.

Do lado esquerdo superior do mapa pode-se observar um círculo com setas representando o primeiro momento da sessão em que todos os participantes do grupo se sentaram em círculo para uma breve apresentação individual dos pacientes e dos estagiários-arteterapeutas, para trocas sobre o contrato, o objetivo dos encontros e formato do grupo, bem como para o compartilhar dos sonhos recorrentes ou da noite que havia antecedido o grupo. Em seguida, os pacientes foram convidados a um segundo momento no qual se dirigiram às mesas com diversos materiais plásticos para que pudessem expressar-se livremente sobre o que sentiram, perceberam e pensaram, a partir do seu sonho.

Aqui compartilharei, exclusivamente, as minhas observações e percepções.

No mapa, as setas em sentido horário no círculo, representam que o primeiro momento foi harmonioso e que aconteceu dentro de um tempo esperado (por isso a escolha das setas no sentido horário). Eu e as estagiárias conduzimos bem, tanto o primeiro momento como o segundo momento, por isso não constam qualquer observação. Todos em harmonia, seguindo o tempo tranquilamente.

Abaixo do círculo encontram-se os resultados do primeiro momento, tais como, interação, integração do grupo; empatia e o estabelecimento da aliança terapêutica também representadas pelo círculo com as setas girando no sentido horário.

O segundo momento está representado pelos dois círculos maiores, as duas mesas redondas encostadas e os círculos pequenos ao redor das mesas representam os participantes e a escolha do material que cada um fez para a realização das suas produções. Há uma seta em arco ligando o primeiro momento ao segundo mostrando que a interação, integração, empatia e aliança terapêutica permaneceram também no segundo momento até o encerramento. No fechamento houve *feedbacks* positivos por parte dos pacientes e estagiários responsáveis por esse grupo.

Do lado direito inferior do mapa, estão

escritas as atitudes observadas por mim referentes aos pacientes do grupo de maneira geral, tais como, “pareciam atentos”, “concentrados” ou “imersos” em suas produções. Cerca de dois participantes, conversaram enquanto realizavam as suas produções.

Muitos utilizaram folhas grandes, papéis tipo Canson ou sulfite, revistas, tesoura e cola para realizarem colagens, desenhos e pinturas; lápis comum, lápis de cor, canetas hidrográficas, giz de cera e giz pastel oleoso para desenharem; pincel e guache para as pinturas. Um dos pacientes, que está representado pelo círculo totalmente preenchido, foi mobilizado a partir do sonho de um colega do grupo (sonho bastante intenso e de simbologia profunda) porque sentiu-se tocado quanto às suas próprias questões o que pode ser visto no preenchimento do círculo que o representa. A mudança na escolha dos materiais está assinalada junto aos pacientes com preenchimento de traços.

Na parte inferior do mapa está representado o segundo encontro cujo primeiro momento está também representado pelo grande círculo, no qual as setas estão mais acentuadas para evidenciar que houve a necessidade de um tempo maior à atividade, e no qual aconteceu uma roda de conversa espontânea, devido à mobilização que experimentaram com os sonhos e produções do momento anterior (por isso as grandes flechas vindas de cima).

Eu os conduzi a pensar no que poderia representar os símbolos trazidos por eles, e como poderiam aprender a ler os seus inconscientes a partir dos símbolos e das expressões plásticas e/ou artísticas. Pude perceber que a demanda desse grupo exige um tempo maior de expressão verbal a partir das realizações de suas produções. Estas percepções foram introduzidas no círculo inferior esquerdo ao qual várias das flechas apontam. Foi a partir desta evidência que pensei em talvez sugerir na continuidade desse trabalho, uma semana de imaginação ativada do sonho e sua expressão plástica e/ou artística e na semana posterior uma sessão de observação dessas produções com roda de conversa sobre os temas que surgirem. Parece que houve um aprofundamento dos conteúdos expressos neste segundo momento. Isso ficou evidente nas produções a partir do sonho que

antecedeu o mesmo e o tipo de produção.

Não tive dificuldade no mapeamento do primeiro momento, mas ao acrescentar o segundo momento, precisei de mais tempo para detalhar meu mapa. Ao realizar a tarefa de mapeamento percebi que seu aspecto visual favorece o imediato reconhecimento daquilo que estamos investigando. Percebi também que ele pode ajudar a desvelar o não percebido pelo ego do arteterapeuta. Senti dificuldade em sumarizar a sessão de arteterapia, que muitas vezes traz tantos detalhes quando se trata da expressão da consciência e do inconsciente, através dos infundáveis materiais plásticos.

Quanto a mapear, às vezes parece ficar muito difícil torná-los gráficos. Mas ao conseguir, o mapa favorece uma maior consciência sobre o processo ocorrido na sessão.

A sequenciação de mapeamentos – a Cartografia – parece trazer maior consciência do processo arteterapêutico como um todo, trazendo à luz o que estava obscuro, sombrio, desconhecido para o olhar do arteterapeuta em relação ao processo do paciente ou grupo de pacientes.

Minha experiência mostra que essas estratégias de registro e reflexão, o mapeamento e a cartografia, são excelentes ferramentas de trabalho para o arteterapeuta enquanto investigador da consciência e do inconsciente através das visualidades e visualizações.

Mapa da CHADIA. Materiais e vínculo

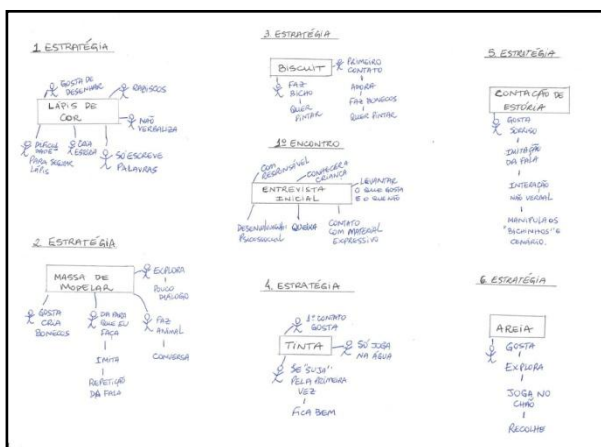


Figura 02. Mapa realizado por Chadia Hamze. Materiais e vínculo

O primeiro passo para mapear o processo (Figura 02), foi levantar tudo que poderia ser abordado: pensei: um encontro específico, as

atividades realizadas no atendimento, os processos vividos, os materiais propostos e utilizados. Optei pelos materiais expressivos utilizados nos atendimentos realizados de fevereiro a meados do mês de março de 2020 em uma clínica particular, com pacientes de 05 a 12 anos com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), em atendimento individual – e, como estão todos no início do processo terapêutico, ou seja, neste mapeamento optei por mostrar os caminhos utilizados para entrar em contato com o universo de cada um.

Os caminhos para criar o mapa são diversos, cada arteterapeuta encontra à sua maneira de sintetizar os seus encontros, para dar visibilidade e criar os seus *links*, ter os seus *insights*.

A estratégia que usei para criar o meu mapa foi a de colocar os materiais expressivos, que foram utilizados nos encontros como caminho para iniciar o vínculo e processo arteterapêutico no caso específico de cada um, como elementos estruturantes desta composição gráfica. Estas possibilidades se organizando em seis diferentes estratégias dentro das quais explicito reações e dinâmicas.

No centro do mapa, indicado como primeiro encontro, o que realizo com cada criança que chega para iniciar o processo. No geral, realizo a entrevista inicial com o responsável, momento no qual coletei as informações que julgo importantes para compreender o universo de cada criança/jovem e suas especificidades. Aqui levanto questões do diagnóstico, um pouco da história do desenvolvimento psicossocial até o momento, das coisas que gostam e do que não gostam, materiais expressivos que conhece, usam, não usam e a queixa do responsável.

Nomeio como *estratégias* os materiais expressivos utilizados nas sessões, não indicando com isto que foram feitos ou apresentados na ordem numérica que aparecem. As representações de figuras humanas na forma de “bonecos de palito” não significam encontros em grupo, mas aqueles que aceitaram e manipularam os materiais propostos, falas e reações. Nem todas as estratégias foram utilizadas com todos. Material e proposta foram pensados estrategicamente para cada um em momentos diferentes.

Assim o mapeamento exige de seu autor

um exercício de síntese e impõe escolhas para a sua construção. No meu caso coloquei todas as representações juntas no mapa para visualizar tudo que foi alcançado (durante os encontros em questão), quais caminhos seguir, por quais voltar e os *insights* percebidos ao olhar para a relação de diferentes sujeitos frente a diferentes materiais. Ao olhar para o mapa depois de pronto, vieram lembranças de cada um, quais materiais e ideias de atividades para os próximos encontros.

Um desafio criar este mapa, pois escrevo cada sessão quando volto para casa no final dos atendimentos (com falas, reações, expressões, tudo que aconteceu dentro do *setting*), foi o de sintetizar aspectos da experiência para visualizar como um todo.

Essa ferramenta me possibilitou olhar o caminho percorrido durante os encontros, *como e o que* foi mobilizado, bem como destacar as falas mais relevantes. O mapeamento ajudando a refletir sobre os materiais expressivos em relação com este público (quais suas possibilidades e potências) no angariar de reações recorrentes, auxiliando a estabelecer estratégias de intervenção ajustadas para alcançar o que se considera importante, bem como planejar as estratégias para os próximos encontros.

O mapa é uma ótima ferramenta para acompanhar o processo arteterapêutico, possibilitando a visualização das estratégias feitas, dos caminhos percorridos, se os objetivos e os resultados foram alcançados, ou mesmo se estes se alteraram, deste a proposta inicial com cada paciente.

Mapa da GIOVANNA. Mapeamento e a prática arteterapêutica

O mapa (Figura 03) foi realizado a partir da quarta sessão individual com M. de 8 anos de idade, sexo masculino, acolhido há 6 meses pelo SAICA (Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes), em Itaquera - zona leste de São Paulo. M. tem histórico de vulnerabilidade social, abandono, violência doméstica, agressividade, baixa tolerância à frustração e demonstra, através de comportamentos agressivos, falas e em trabalhos expressivos, estar em sofrimento pelo rompimento do vínculo familiar. As sessões são realizadas por mim em conjunto com a Lilian Vieira.

O primeiro passo para execução do mapa foi evocar na memória a sessão realizada.

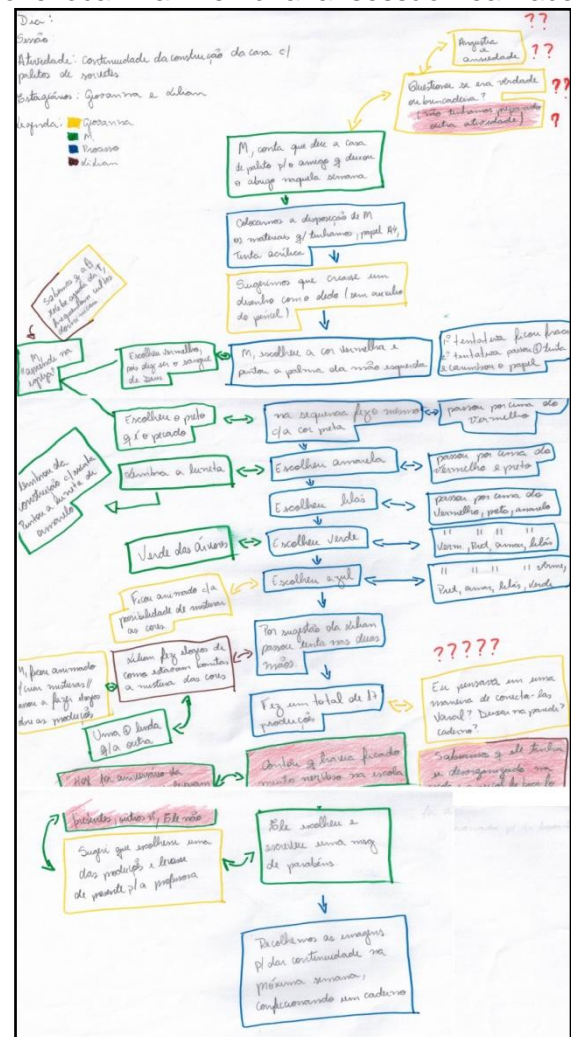


Figura 03. Mapa realizado por Giovanna Evangelista. Mapeamento e a prática arteterapêutica

Para isso foi necessário estar em um ambiente tranquilo e com disponibilidade de tempo. Inicialmente peguei várias folhas de papel A4, pois não sabia como o mapa se criaria, que tamanho teria e que caminhos percorreria. Fiz um cabeçalho com informações objetivas como data e hora, local e os envolvidos na atividade. Optei pelo riscador lápis grafite preto que permite escrever, apagar e reescrever os acontecimentos, falas e observações.

Comecei relatando o início do encontro, deixando no centro do papel a descrição do processo, garantindo nas laterais espaço suficiente para acrescentar observações, impressões e falas. Notei que, à medida em que escrevia, as lembranças do encontro pareciam “saltar” à mente.

Depois de estruturar no papel o processo, – bem como falas, impressões e observações –, desenhei em volta de cada um

destes elementos retângulos além de inserir alguns sinais. Nesta intervenção acabei por criar uma segunda camada possível de leitura, pois as cores escolhidas acabaram por denotar situações diversas, a saber: azul para aquilo que chamei de processo e descrição do encontro, verde para as falas e sentimentos expressos pelo analisando, amarelo e marrom para as arteterapeutas, sinal de interrogação para sentimentos e dúvidas que surgiram no decorrer da vivência, as setas indicam relação e correlação entre os dizeres. Alguns retângulos ainda foram preenchidos pela cor vermelha que ressaltou e colocou em evidência tanto as falas do analisando em relação às situações de conflito do dia quanto outros eventos que revelavam demandas importantes para abordar em atividades futuras.

A criação do mapa facilitou a síntese do encontro, expressando de maneira visível aquilo que havia sido importante e permitindo ainda estabelecer outras conexões, ressaltando pontos de atenção. O mapa, nesta construção que é feita “a posteriori” permite uma aproximação que revela ditos e não ditos como, por exemplo, o fato de eu ter percebido, apenas após finalizar o mapa, que só colocaria uma fala da outra arteterapeuta embora soubesse que ela era autora de muitas outras (esta percepção me apontando uma reflexão e um encaminhamento de mais atenção para o próximo encontro). Depois de terminado o mapa, senti que ainda caberia palavras ou momentos que revelassem o que estava ocorrendo em mim neste processo de fazer arteterapia. Embora estas reflexões estejam no mapa, poderiam ter sido apontadas com um reconhecimento específico.

Estas dinâmicas mostram que o mapa é um lugar de reflexão e que sua construção, por si só, desvela questões futuras a serem abordadas. O exercício do mapear, neste sentido, é formativo e auxilia a reflexão sobre o exercício da prática arteterapêutica.

Mapa da LILIAN. Atividades, ações e reações

O mapa compartilhado (Figura 04) diz respeito a um acompanhamento realizado no dia 12/02/2020 no SAICA/Itaquera localizado na zona Leste da cidade de São Paulo. Foi a primeira sessão individual com Martim², de 8

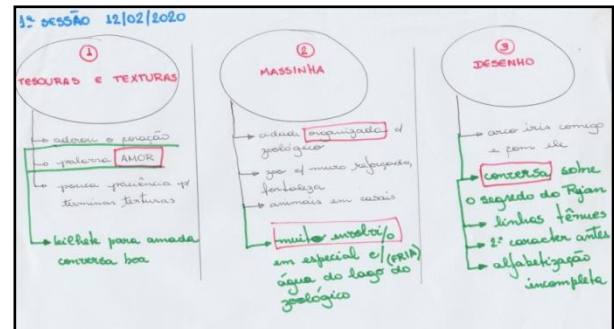


Figura 04. Mapa realizado por Lilian. Atividades, ações e reações.

anos, acolhido há vários meses nesta instituição. Num primeiro momento, em trabalhos coletivos anteriores, senti Martim como uma criança imperiosa, violenta e que lidava muito mal com as frustrações, tendo ataques de raiva nos quais precisava ser contido fisicamente pois, além de ferir os cuidadores e colegas, também se machucava.

Na dinâmica de registro, fazia as documentações logo após a finalização das sessões, por gravação de áudio e posterior transcrição para documento eletrônico, onde organizava os textos das anotações e as fotografias das expressões.

Percebi que ao fazer o mapa acabei por construir uma visão bastante sintética dos fazeres considerando basicamente: as três diferentes expressões realizadas por Martim (ações), os produtos delas resultantes (expressões plásticas) e as reações que explicitaram tanto o paciente quanto aquelas sentidas pela terapeuta.

Na primeira atividade foram disponibilizados tesoura e papéis com diferentes texturas. Seguindo as instruções com atenção e delicadeza, Martim dobrou uma folha de sulfite A4, espelhou a mão, contornou-a com canetinha, recortou e retirou um coração. Depois usou o coração retirado para fazer um bilhete onde escreveu a palavra “amor”, destacada no mapa em vermelho. Martim não teve muita paciência para terminar as texturas no corpo da folha. Nesta primeira atividade fiquei surpresa com o fato de uma criança aparentemente violenta e temida se mostrou tão doce e amorosa, explorando o símbolo do coração durante toda a sessão. Martim fez questão de repetir o trabalho, para colher mais um coração, que guardou cuidadosamente para

² Nome fictício.

entregar posteriormente para a menina, pela qual disse estar apaixonado.

Na segunda atividade foi disponibilizada para Martim a massinha que, com ela, fez uma cidade organizada com prédios, casas, carros e caminhões, de um lado, e um zoológico do outro. O zoológico foi representado com uma grade muito reforçada, praticamente um muro, uma fortaleza. Ao longo do processo Martim mencionou animais em casais. Percebi que Martim gosta muito de modelagem e que aprecia as texturas e a temperatura da massinha, em especial a que representa o lago, muito liso e frio. No mapa, o alto envolvimento de Martim nessa atividade é destacado na sessão “reações”, em verde, com grifo vermelho em “muito envolvimento”.

Na atividade 3 foram oferecidas ferramentas de desenho. Martim desenhou um arco-íris tênue sob o qual estavam eu e ele. Martim mostrou-se muito amoroso comigo, retribuindo gentilezas e sorrisos com facilidade. Estava muito tranquilo, interessado e cooperativo, muito disposto a conversar sobre estar apaixonado por uma menina na escola (de quem não quis mencionar o nome). Observei que Martim tem dificuldades para escrever e representar números. Martim relatou que sonha com o segredo do colega Ryan, no qual aparecem mulheres feias e bonitas. No mapa grifei em vermelho a palavra “conversa”, pois foi durante essa atividade que Martim mais esteve disposto a dialogar. Disse que gosta das aulas de artes e de educação física. Penso que a modelagem deve ser trazida sempre que possível, pois foi a materialidade com a qual mais se identificou, desejando alongar a atividade.

Foi possível perceber que o mapa permite rapidamente visualizar a estrutura da sessão, as conexões feitas ou a serem feitas e identificar, por palavras-chave, os “ganchos” para seguir nas intervenções futuras junto a Martim.

Mapa da LUCIA. Processo de um mapear

Da intenção de fazer um esquema visualmente objetivo sobre as reações de adolescentes residentes de um abrigo, em uma Casa Lar localizada na zona Norte da cidade de São Paulo, a uma atividade proposta, nasceu este mapa, no qual se vê

as principais respostas apresentadas durante ou após a atividade, que tinha o objetivo de

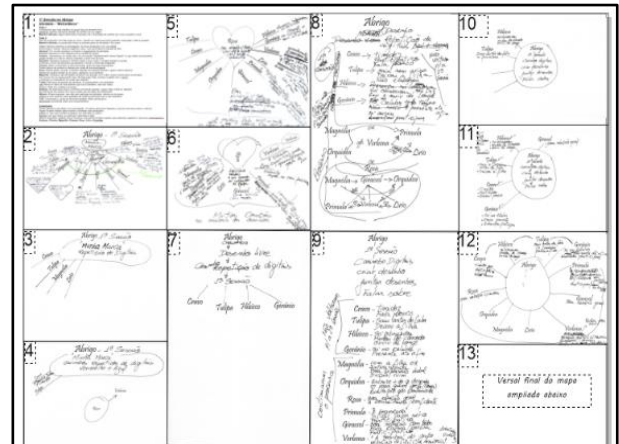


Figura 05. Mapa realizado por Lucia. Processo de um mapear

retratar, nesse primeiro encontro, alguns traços da personalidade de cada um e das relações entre eles.

A tarefa consistia em usar o recurso do carimbo das próprias digitais repetidas vezes para criar um desenho livre, numa folha sulfite A4 branca. Na segunda etapa da atividade, os desenhos foram unidos por uma fita crepe pelo verso dando origem a um mural (uma rede de relacionamentos), no qual eles puderam contemplar suas produções e falar sobre si, como membro relacional desse grupo.

Acostumada a escrever bastante e ciente de ser prolixa em minhas explanações, tanto falada quanto escrita, meu primeiro impacto ao fazer este mapeamento, foi ter que lidar com a *síntese* e com o *ter que desenhar*. Eu simplesmente não sabia por onde começar e acabei fazendo o costumeiro texto, acusando o tempo de ser insuficiente para que eu pudesse cumprir a tarefa solicitada.

Seis dias. Esse foi o prazo dado pela professora, após a aula, para fazer um “novo” mapa. Entretanto, por razões que o inconsciente poderia explicar, só consegui olhar para a tarefa no dia marcado para a entrega.

Eu já estava consciente das minhas dificuldades, mas não fazia ideia do tamanho delas, até passar a tarde inteira daquele dia tentando desenhar o “bendito” mapa.

Para proteger a identidade dos adolescentes, atribuí a cada um, o nome de uma flor de acordo com a forma com a qual os sentia: flores diversas e coloridas, que compunham um jardim encantado e cheio de

vida, perfumado pela soma de singularidades.

Foram doze tentativas cheias de angústias (Figura 05), que me trouxeram muitas reflexões sobre perfeccionismo e resistência, que me pouparam alguns meses de terapia. A exaustão foi o espelho a quem perguntei até onde eu pretendia insistir em ver as coisas daquele ângulo.

Como havia muitas questões a serem mapeadas, senti inicialmente dificuldade em lidar com esta multiplicidade de possíveis abordagens. A seleção do conteúdo foi apenas uma das dificuldades que encontrei; mas o processo de reconhecimento de um foco ao mapa foi tão rico que desejei compartilhar aqui um pouco desta vivência:

Imagem 1 (dentro da Figura 05). Este foi o primeiro mapa. Depois de enviado para avaliação pela professora, percebi que nem mesmo com o texto corrido eu havia conseguido inserir todas as informações que eu achava pertinentes ao processo. Havia sido dada a nós a possibilidade de revisitar o mapa inicial e realizar uma refacção após as trocas em aula. Assim, me vi com seis dias para fazer diferente.

Imagem 2. Tentei esquematizar as principais características de cada participante da sessão dentro de um triângulo. O espaço mostrou-se pequeno para conter o mínimo de informações e comecei a escrevê-las do lado de fora, abaixo dos nomes. Porém, o texto começou a se misturar com os nomes por falta de uma divisão adequada do espaço. Nesse mesmo esquema, tentei destacar com lápis verde, os participantes que seguiram o processo após esse primeiro encontro. Pareceu-me complicado organizar num mesmo espaço tanta coisa.

Imagem 3. Nova tentativa de dividir o espaço. Retirei os triângulos e a descrição das cores dos carimbos. Achei mal dividido. Peguei outra folha.

Imagem 4. Retomei este quarto mapa com o mesmo pensamento de dividir melhor a ocupação da folha, mas minha noção de igualdade em termos de divisão de espaço precisava de “revisão urgente”. O balão que envolvia o título ocupou um terço da folha. Como se não bastasse esse conflito com as minhas habilidades gráficas, no meio dessa reflexão, veio a ideia de organizar os nomes de maneira que eu pudesse retratar as relações entre os pacientes. Sem pensar, desenhei um círculo central para tentar

indicar que Rosa era a pessoa que se relacionava bem com todos. Pensei que a partir dela, eu poderia indicar as outras relações. O espaço restante da folha não seria suficiente. Interrompi.

Imagem 5. Naquele momento pensei então que retratar as relações entre os pacientes, me parecia ser a informação mais importante do mapa. E foi aí que decidi começar por um coração grande e central para estruturar tudo a partir de Rosa, a *confidente* e *conselheira* do grupo. A organização geral do mapa parecia estar fluindo bem, mas foi então que eu lembrei que também era necessário escrever algo sobre o que havia sido observado em termos de produção do grupo. Assim, antes mesmo de escrever as informações pessoais de todos os membros, criei uma chave para falar sobre a queda vertiginosa do volume da voz de todos eles ao falarem sobre as emoções e impressões que haviam vivenciado durante a atividade. Gostei da ideia, mas ficou feio! Decidi tentar de novo.

Imagem 6. Tentei. Aproveitei para inserir mais uma informação importante sobre o coletivo: a maioria das produções continha muitos corações. Ia colocar também a informação sobre as vozes, mas as setas, chaves e balões somados ao excesso de texto, naquela configuração, estavam deixando o mapa muito poluído visualmente. Esqueci essa ideia e me propus a recomeçar do zero.

Imagem 7. Virei a folha! Inseri as informações principais sobre a atividade e pensei em começar pelos membros que não retornaram depois dessa atividade. Olhei para o que tinha feito e percebi que embora já tivesse ocupado quase metade da folha, não tinha sequer começado a mapear o mais importante. Abandonei.

Imagem 8. O que seria mesmo o mais importante? Já não estava conseguindo responder a essa pergunta. Consegui colocar muitas informações e fazer até um esquema relacional, mas não havia mais espaço para escrever as características sobre os que seguiram o processo. Decidi refazer, insistindo nesta mesma ideia. Olhando os oito mapas, esta orientação me parecia ser a melhor que eu tinha feito até ali.

Imagem 9. Gostei. Havia ficado mais *clean*. Mas onde foi parar o esquema relacional? E as informações sobre o coletivo? O mapa daquela forma estava

incompleto. O formato, o layout... fiquei me perguntando sobre o que estaria emperrando a conclusão de uma tarefa aparentemente tão simples? A resposta era tão simples quanto a tarefa: eu precisava aceitar que era impossível colocar naquela folha única, a quantidade de informações que eu queria, sem criar um caos visual. Então mudei tudo!

Imagem 10. Voltei ao formato paisagem. A folha nessa posição parecia favorecer visualmente o meu mapa e suas muitas informações textuais. A ideia do círculo central como um sol e cada membro como um de seus raios de luz, me animou. Ia funcionar! Mas não necessariamente nessa primeira tentativa. Precisava melhorar!

Imagem 11. Repeti o desenho. Agrupei os que não retornaram depois dessa sessão do lado esquerdo (eles eram apenas quatro) com espaço suficiente para escrever suas características. Ao mapear os participantes que seguiram o processo, tentei imaginar como eu organizaria mais sete pessoas se eu já havia ocupado quase metade da folha. Claro que já sabia que isso terminaria mal. Nem continuei!

Imagem 12. Ainda assim a ideia me parecia boa; eu só precisava distribuir melhor o espaço entre os onze membros a serem retratados. Tinha que dar certo! Eu já estava muito desgastada com tudo aquilo. Já havia mandado mensagem para a professora, manifestando minha aparente incapacidade de cumprir aquela tarefa. Mas “desistir” é uma palavra que não consta no meu dicionário. Agrupei os membros que não seguiram o processo na parte de cima, distribuí os demais da maneira mais uniforme que consegui e interliguei os membros. Havia começado a inserir as informações pessoais de cada um quando percebi que não haveria espaço para detalhar mais nada. Foi então que me dei conta: eu precisava parar, respirar e aceitar as limitações. Todas elas! As minhas e as da cartografia. Foi o que finalmente acabei fazendo, quando aceitei a estes limites!

Imagem 13. Dei uma volta no jardim. Voltei, peguei uma folha em branco, coloquei-a na posição retrato (de pé) e comecei a lutar, como se isso representasse o ato de me reerguer, depois de ter perdido várias batalhas para meu próprio “exército de soldados-juizes impiedosos”. Ainda debruçada sobre a ideia do sol e seus 11 raios, descrevi os membros do grupo,

destaquei os que continuaram e os que desistiram do processo, pontuei algumas questões relevantes sobre o coletivo geral, mas abri mão de retratar as relações entre eles. Esta informação ficaria para um outro mapa. Ponto final!

Somente ao me permitir um deslocamento, pude aceitar a 13ª e última versão do meu mapa imperfeito (Figura 06), cujo objetivo único era retratar o comportamento dos meus pacientes; algo que, talvez, eu tivesse concluído em alguns minutos.

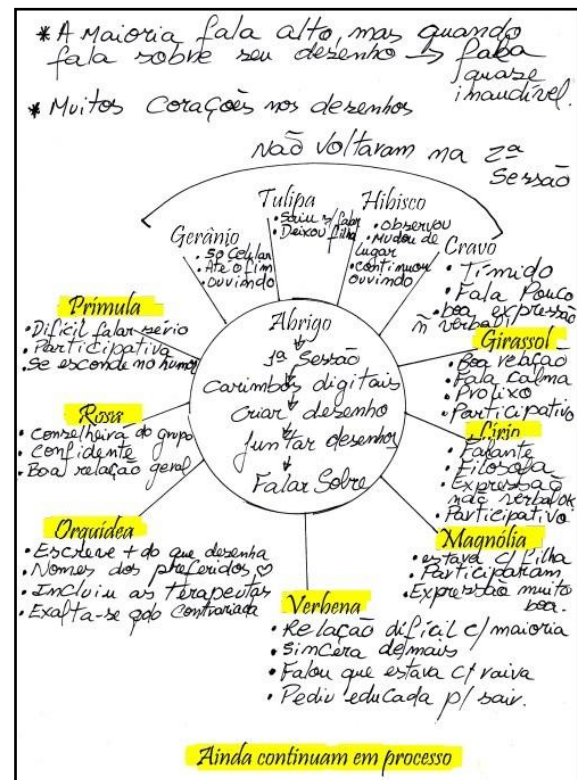


Figura 06. Mapa realizado por Lucia. Uma síntese possível

Mapa do RENAN. Leituras de um encontro



Figura 07. Mapa realizado por Renan. Leituras de um encontro.

O desenho desse mapa (Figura 07) aconteceu após uma sessão online junto a um grupo de adolescentes jovens adultos com idades entre 15 e 22 anos.

O intuito deste mapeamento foi o de observar a dinâmica da minha atuação em algumas instâncias e que, ao fim se tornam termômetros da sessão: minha relação com o que é trazido pelo grupo e o que percebo prioritariamente durante o processo.

Dos centros e das bordas. Aqui explico a organização do mapa. As anotações estão divididas em o centro e as bordas, sendo que o que é inscrito na parte interna tem convergências da minha fala com o grupo e a maneira como cada indivíduo se apresenta sentimentalmente. Já na parte externa estão as anotações referentes ao processo de percepção da sessão do seu transcórre até o final, com comentários que também se dedicam às minhas hipóteses de leitura e para os encaminhamentos no próximo encontro.

Das centralidades. Ao centro do mapa, com as letras em vermelho, fica o trajeto do meu pensamento inicial como arteterapeuta referente a dialógica que se pretende referente ao tema. Para esta organização foram enumeradas percepções - na ordem do que se traz antes, do que trazem seguida e o que se recolhe durante -, conectadas de tal forma a explicitar uma dialógica:

Item 1. Temática (O que se pretende durante o processo da sessão)

Item 2. Proposta (Texto escolhido para a sessão)

Item 3. O que se sente (O sentir de cada indivíduo no início)

A dialógica se dá, graficamente, nos curvamentos das setas entre os itens: o item 3 vai convergir para o desenrolar do item 1, do item 1 acontece a proposta (texto) que se apresenta como item 2. Vale ressaltar que o item 3 também está de acordo com os sentimentos inscritos na parte inferior de cada retângulo (cada um representa um indivíduo e sua produção), que agrupados sugerem uma figura hexagonal.

Das bordas. As setas que saem desses retângulos, de coloração rosa, são falas que aconteceram durante a produção, falas que foram observadas por reverberar no grupo, ou seja, em diferentes níveis houve alguma manifestação, quando ditas, por outros integrantes do grupo, se não todos, uma boa

parte deles. O que se torna temática para ser abordada em um próximo encontro.

Das setas azuis para o externo são os títulos dados às produções após concluídas, nem todas o possuem pois nem todos foram nomeados. As laranjadas são comentários que alguns falam após a produção.

Em resumo, o exercício de mapear se aproxima das dinâmicas que percebo no processo arteterapêutico, o registro do mapa permite observar o processual e dar bases ao que sinto enquanto o que está em jogo nas relações grupo e terapeuta, assim em organização gráfica tento aproximar as relações objetivas e subjetivas, criando contextos para as dialógicas e deixando algumas hipóteses para próximas sessões.

Mapa da RITA. A reações do arteterapeuta

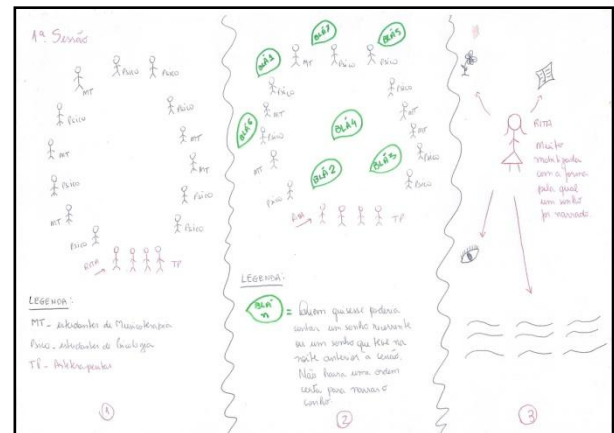


Figura 08. Mapa realizado por Rita Bachin. As reações do arteterapeuta.

O mapa realizado (Figura 08) se refere à primeira Sessão do *Grupo Sonhos e Arteterapia – Um caminho de autoconhecimento* dentro do Programa de Extensão da Responsabilidade Social em uma instituição de ensino superior na cidade de São Paulo. Os participantes sendo adultos, estudantes da instituição e maiores de 18 anos.

Para elaborar este mapa dividi as questões presentes em um dos encontros arteterapêuticos em três partes: as duas primeiras referentes às dinâmicas da sessão e a terceira referente a mim como arteterapeuta deste encontro.

Na primeira parte, à esquerda, apresento um esquema do grupo atendido, uma legenda, bem como a disposição dos participantes na sala.

Na segunda parte, central, esquematizo a dinâmica de narração de sonhos dos pacientes (proposta da atividade) que se

sentem à vontade para fazê-lo. Com o esquema realizado procurei evidenciar que não há uma ordem para isto, cada paciente se manifestou quando achou que fosse o momento certo. Nesta etapa foram recorrentes os comentários do grupo após a narração de um sonho.

Na terceira parte, à direita, me desenhei e explicito através de desenhos alguns dos elementos referidos por um dos pacientes cuja narração do sonho me mobilizou muito.

Cada um dos símbolos que usei tentei retratar como esta mobilização reverberou em mim por alguns dias, de algumas formas: Manifestação de vários sentimentos (flor), a dúvida de conhecimento ou não conhecimento (livro aberto), o olhar do outro (olho) e a existência de inquietação ou não (ondas do mar, ora agitadas ou não, no canto inferior à direita).

Foi muito importante fazer esta última parte. Diferentemente das duas primeiras, com ela pude perceber um aspecto importante do atendimento de tal forma que ela concluiu o processo de compreensão do meu atendimento.

Mapa da ROSANA. Um tempo de repesamento para reflexão e análise



Figura 09. Mapa realizado por Rosana Laguna. A primeira abordagem, primeiras impressões

O mapa construído foi resultado de uma busca na qual se procurou refletir sobre as atividades, sensações e ações praticadas no segundo encontro realizado com quatro mulheres portadoras de condições reumáticas, autoimunes e lúpus, frequentadoras de uma associação que visa auxiliar a superação das dificuldades decorrentes dessas condições localizada na zona sul da cidade de São Paulo.

Na plataforma, a vibração anuncia a aproximação do trem. No coração, a aproximação da expectativa do encontro. A escada, a saída, a calçada, a campainha. Lá a interação se dá entre a conversa e a massinha. A observação se concretiza na conexão, no gesto, na materialidade produzida, no silêncio da reflexão e impressões imediatas.

Como transformar todas aquelas anotações rápidas e aparentemente caóticas numa imagem que dê sentido e direção à próxima etapa do processo? Como identificar e extrair o que é sumo do ocorrido?

Posteriormente, no silêncio, a reflexão da leitura das anotações e o chamamento da memória para tentar ainda laçar algo que tenha escapado. Nesse momento, vem a percepção do quanto essa interação modificou não só quem manuseou o material, no seu exercício de expressão, mas também o observador, que nessa oportunidade de rememorar desce de sua prepotência de ente separado e se vê misturado ao que se deu ali.

Então, começa-se a rascunhar. Buscam-se elementos que possam ser separados, pinçados, enlaçados, as palavras chave. Quais foram as falas? Qual a correspondência delas com o que foi produzido? Quais as interações entre os participantes? Quais foram minhas sensações e sentimentos, a partir do trabalho arteterapêutico desenvolvido com mulheres portadoras de doenças reumáticas, autoimunes e lúpus?

Nessa busca surge um mapa que procurou refletir o trabalho com estas pessoas.

A composição deste primeiro mapa já começa a delinear uma proposta. A cada participante foi designada uma cor circundando a atividade assinalada no centro. Do mapa original, os nomes foram cobertos com tarjas coloridas para preservar a identidade de cada uma. As falas em preto, minhas primeiras impressões em caneta azul. “Mas a segunda “atividade” que surgiu concomitantemente à massinha, como colocá-la?”. Aqui ela ficou dentro do quadro azul, central, tomando de assalto a importância do que estava sendo representado a partir da massinha, que não aparece representada aqui. Fica evidente, então, a necessidade de uma nova versão.

Tomando o primeiro mapa como reflexão e a partir das insatisfações e insuficiências que ele me pronunciava, passei à elaboração de um segundo. Agora feito no computador usando como recurso um editor de texto, numa tentativa, talvez, de represar, dessa vez, toda a emergência do vivido.

Desta vez (Figura 10) as atividades concomitantes ficaram separadas em dois círculos azuis e relacionadas por uma flecha biunívoca. Os participantes também em círculos, cada um carregando a foto de sua produção, aninhados próximos da “atividade principal”. Na “atividade secundária” (representada pelo segundo círculo azul à direita) os participantes reaparecem também em círculos, cada um trazendo sua própria cor, porém em dimensões menores.

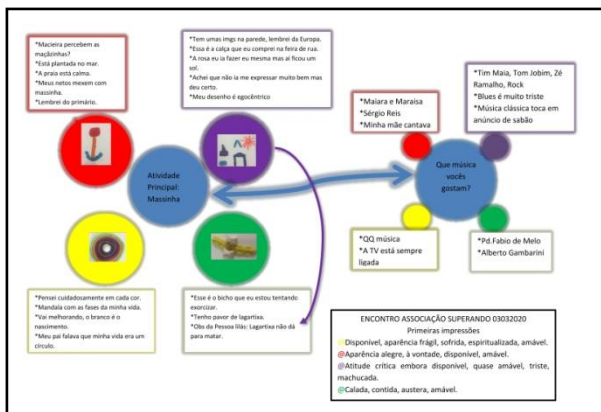


Figura 10. Mapa realizado por Rosana Laguna. Segunda abordagem, representamentos

Nos quadros, com moldura colorida igual à cor designada a cada participante, foram colocadas falas consideradas e sentidas por mim como tendo sido as mais significativas. Aí surge a pergunta: são essas mesmo as falas mais significativas? As que foram deixadas de lado eram menos importantes? Como pode o observador se arvorar nessa curadoria?

Embaixo, à direita, o quadro emoldurado em preto procura mostrar hipóteses das primeiras impressões causadas em mim a partir da personalidade de cada paciente. Será que nos próximos encontros essas serão confirmadas ou transformadas?

Com o suceder de reuniões, a adição dos diversos mapas facilita a apreensão dos itens relevantes do processo que se deu até então, uma cartografia, que descreve “o mapa do tesouro”, que pode apontar caminhos a seguir, não só para o observador, mas também para o participante da atividade

arteterapêutica em sua busca do caminho de individuação; numa parceria.

Portanto, paralelamente à fundamentação teórica e ao uso da propedêutica dos materiais, a questão metodológica assume um papel de suma importância no desenvolvimento do trabalho arteterapêutico. Não se pode seguir “às cegas”. Cada próximo passo deve ser cuidadosamente planejado, resultando de profunda reflexão sobre o que foi desvelado até então. Trata-se mesmo de seguir as pistas deixadas pela ordem consciente e inconsciente do sujeito que está sendo atendido e acompanhado, como numa trilha: há um galho quebrado aqui, uma pegada recente mais adiante seguida de uma marca na árvore. É da identificação e do recolhimento destes índices que a cartografia vai acontecendo.

Mapa da THAYNÁ. Simplificar para revelar

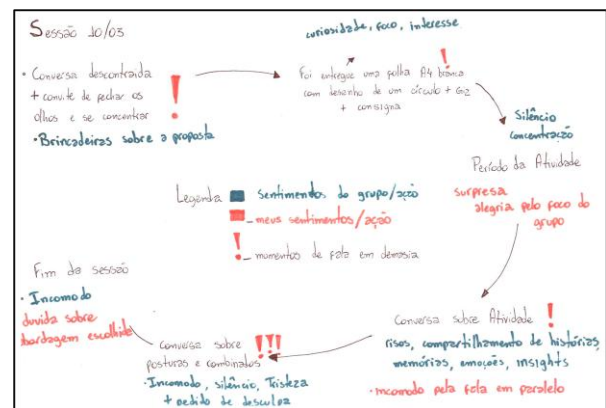


Figura 11. Mapa realizado por Thayná. Primeira tentativa

Sintetizar os acontecimentos de uma sessão de forma eficiente é um exercício que demanda tempo e que cada indivíduo desenvolverá em sua prática terapêutica. Os mapas apresentados são resultado de uma proposta de atividade da disciplina de *Raciocínio Arteterapêutico* na qual se realizou a construção de dois mapas: o primeiro sendo o contato inicial com ferramenta cartográfica o segundo sendo revisão do primeiro com um tempo de elaboração maior e com mais embasamento teórico.

Neste escrito vou compartilhar o ganho e as possibilidades de observação que o exercício de cartografia me propôs a partir da comparação destes dois mapas.

Estes mapas foram feitos com intuito de registrar a quinta sessão de um processo

arteterapêutico realizado na Casa Lar, localizada na zona Norte da cidade de São Paulo, com um grupo misto de sete adolescentes entre 16 e 18 anos, os encontros aconteceram semanalmente com duração de duas horas sob a facilitação de duas estagiárias.

A escolha dessa sessão se deu por sua reverberação em meu processo de aprendizagem e minha necessidade de reaver escolhas de falas e posicionamentos no decorrer do encontro.

Na primeira tentativa de registro (Figura 11) as anotações se configuraram de forma circular em volta da legenda. Optei em descrever as etapas das atividades e abaixo delas levantei sentimentos manifestados pelo grupo, bem como meus sentimentos e ações. Pontos de exclamação vermelhos sinalizaram a conversa, por mim entendida como demasiada, por parte do coletivo.

No segundo mapeamento (Figura 12) as etapas da sessão foram inseridas na parte inferior do mapa de forma sucinta. Na parte esquerda inseri observações sobre a relação de cada um com a materialidade e o fazer. Na parte direita foram colocadas falas que cada paciente compartilhou sobre sua produção. Pontos em comum entre eles foram inseridos na parte central. No canto superior direito, sob o título de intercorrência, foi feito o registro da fala "em demasia" do grupo e a necessidade dos terapeutas intervirem de forma recorrente na dinâmica.

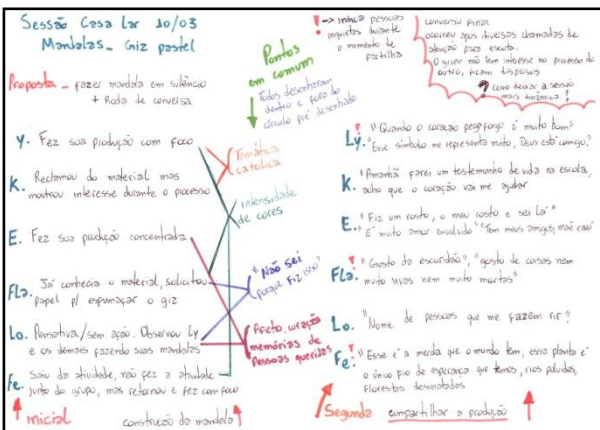


Figura 12. Mapa realizado por Thayná. Segunda tentativa

Comparando os mapeamentos foi possível observar a mudança da questão central. O relato do processo no segundo mapa ganha detalhes, o coletivo antes homogêneo recebe representações individuais com falas e notações de

comportamento não citadas no primeiro mapa. Os pontos em comum destacados, entre os indivíduos, possibilitaram o planejamento de sessões seguintes que passaram a entrelaçar e contemplar melhor as necessidades dos pacientes.

Estes caminhos foram elucidados a partir da observação gráfica da primeira tentativa, que possui o mesmo objetivo de descrição, mas sua configuração ao centralizar o campo emocional e expor uma preferência no nomear das emoções, não possibilitou a apreensão do processo de forma ampla.

Concluo que diferentemente da escrita corrida de um relatório, o cartografar me permitiu a visualização das escolhas subjetivas em meu raciocínio arteterapêutico, revelando o que de fato está decantado emocionalmente para construção de uma narrativa de qualidade da sessão.

Mapa da VANESSA. Identificando recorrências

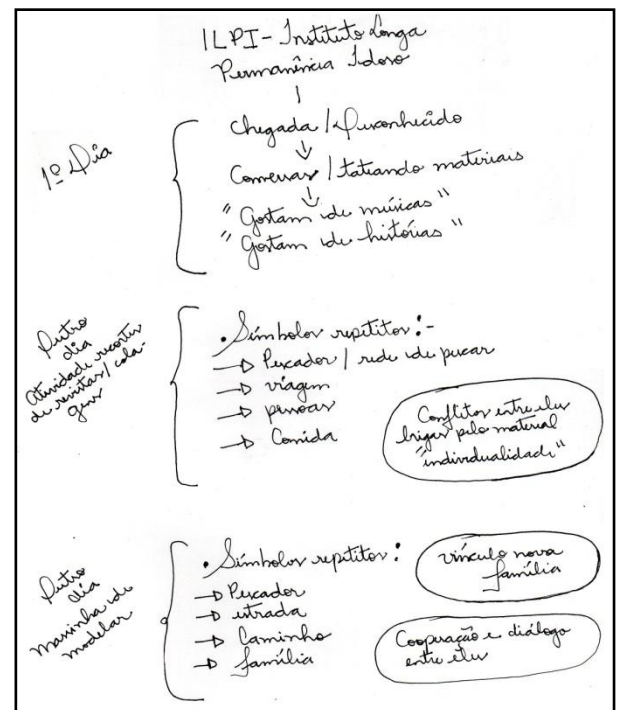


Figura 13. Mapa realizado por Vanessa Abreu. Identificando recorrências

O mapa que elaborei foi baseado nas atividades com um grupo de idosos em uma casa de repouso localizada na zona Norte da cidade de São Paulo. Minha primeira aproximação com este grupo se deu através de um diálogo, no qual pude conhecer seus principais interesses e gostos, que para minha surpresa se mostrou ser algo coletivo:

a música e a narração de histórias.

Este mapa (Figura 13) está dividido em dias que correspondem a três diferentes encontros. Em “outro dia” destaquei os materiais trabalhados e os símbolos repetidos encontrados. Do lado direito coloquei balão dentro dos quais estão as minhas observações e considerações em cada sessão.

No primeiro dia de atividade com materiais expressivos foram utilizados recortes de imagens de revistas. Os símbolos que se apresentaram foram: pescador, rede de pesca, viagens, pessoas e comida. Destaquei que nesta situação o grupo apresentou conflitos e individualismo.

Num outro dia utilizei o recurso de massinha de modelar. Os símbolos que se apresentam foram: pescador, estrada, caminho e família. Destaquei que o grupo teve uma transformação, havendo diálogo entre eles e cooperação. Registrei também que seria enriquecedor realizar atividades que pudessem formar vínculos entre eles, formando e reforçando os vínculos já existentes.

A criação deste mapa favoreceu a reflexão, pois destacou as situações mais importantes, o que permitiu uma melhor identificação de todo o processo arteterapêutico deste grupo. Isto permitiu que ficasse salientado o objetivo e os resultados atingidos. Considero o mapa uma ferramenta prática, que auxilia e possibilita o arteterapeuta desvelar questões a serem trabalhadas nas consecutivas sessões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de mapear, e na sequência dos mapeamentos construir uma cartografia, se revela como uma forma potente de sistematização, reflexão e síntese ao arteterapeuta. Pelos relatos compartilhados neste texto é possível reconhecer, neste fazer, várias ordens de mobilização que são acionadas.

A construção do mapa é, por si, um lugar de exercício de análise e de desvelamentos. Fazer o mapa com um material que possa ser flexível (como um lápis grafite ou um editor de textos/imagem)? Refazer um mapa, pois no processo se percebeu que aspectos fundamentais não constavam? Selecionar um foco de atenção que aprofunde uma abordagem (as reverberações do encontro

no arteterapeuta/ a potencialidade de materialidades num determinado grupo/ a sequência cronológica das ações somadas a percepções, falas e comentários/ a sequência de escolhas entre materiais/ os conteúdos simbólicos explicitados/ o destacar de decorrências possíveis num contexto ocorrido)?

Ainda assim, mesmo de posse de uma intenção de mapa antevista, o processo conduzirá, muitas vezes, para caminhos, links e associações não previstas, o que faz deste exercício de síntese um percurso, um percorrer. É esta imprevisibilidade e riqueza do mapear que nos coloca em um lugar de efetiva criação. Passamos a ocupar o lugar de criadores de um memorar, que se pauta no ocorrido e no que permanece dentro do arteterapeuta. Um mapear que ajuda a explicitar projeções e esgarçar invisíveis. De fato, como disse Lúcia, “antes de começar não dá para saber como vai ficar”.

Neste processo cada arteterapeuta lança mão de seus recursos plásticos e gráficos e temos, desta forma, mapas que não seguem regras e que são bastante singulares na construção de um campo de comunicação visual.

O emprego de palavras, data, hora, localizações, esquemas, gráficos, flechas, setas ascendentes e descendentes, linhas, arcos, traços pontilhados, cores, fotografias, numerações, botões, balões, sinais, grafismos, tamanhos, proporções, proximidade entre as partes (grudadas, afastadas), podem denotar ligações, conexões, links, relações decorrências, temporalidades, reações e temporalidades.

Esta comunicação, que inicialmente é ferramenta para si como elemento da prática arteterapêutica, e que neste sentido assume associações muitos particulares (uma determinada cor significando uma determinada interpretação) podem, numa ordem pública de comunicação, ganhar legendas e assim também revelar o raciocínio arteterapêutico daquele arteterapeuta. As formas de pensar, abordar, interpretar e se relacionar comunicadas em uma possibilidade de compartilhar que se aproxima da visualidade na qual se apoia a própria prática deste fazer, uma linguagem visual.

Segundo Ana, para o fazer complexo do arteterapeuta, essas ferramentas – mapeamento de cada sessão e cartografia na sequenciação das sessões – são adequadas

para uma maior análise e síntese através da visualização do processo terapêutico. São ferramentas facilitadoras da análise e síntese da sessão ou sequência das sessões, comparadas aos registros escritos e aos protocolos convencionais.

Pois é exatamente no campo desta visualidade que a linearidade dos registros escritos fica subvertida. O mapear oferece concomitâncias, oferece a possibilidade de “ver”, ao mesmo tempo e num mesmo plano, diferentes camadas. Esta é uma das riquezas do mapear. Nos relatos é possível reconhecer vários comentários neste sentido: “permite reconhecimentos imediatos”, “desvela graficamente aspectos não percebidos”, “permite expor complexidades”, “desvela aspectos que poderiam estar ainda obscuros do próprio arteterapeuta”, “permite estudos”, “desvela lógicas entre falas e fazeres”.

Segundo Rosana é nesse sentido que se evidencia o cartografar “como subsídio importante para a visualização e apreensão do que já foi exposto ao longo dos atendimentos, do que ainda precisa ser trabalhado e, do caminho por onde ir, como ir, para possibilitar a emergência do conteúdo interno que está armazenado no sujeito que está sendo atendido”.

Como síntese de aspectos da experiência, ao dar visibilidade, ao trazer à pauta o tempo: o mapear cartográfico se efetiva como um recurso ímpar da prática arteterapêutica se relacionando, “apostando” e dialogando com a ordem imagética e espacial intrínseca aos processos na plasticidade entre individuação e simbolizações.

REFERÊNCIAS

- CARERI, Francesco. Walkscapes: O Caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- JUNG, C.G. Memórias, Sonhos e Reflexões. 16ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989, p.355.
- PASSOS, E. e Eirado, A. (2009) Cartografia como Dissolução do Ponto de Vista do Observador. In: Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs.) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção
- de subjetividade. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009.p. 109-130.
- POZANNA, L. (2014) A formação do cartógrafo é o mundo. In: Passos, Kastrup e Tedesco (Orgs) Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum. V. 2. Porto Alegre: Sulina.
- POZANNA, L. e Kastrup, V. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs.) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009.p. 52-75.
- KASTRUP, V. (2009). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs.) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.32-51.
- KASTRUP, V., TEDESCO, S. e PASSOS, E. (2015) primeira reimpressão. Primeira edição, 2008. Políticas da Cognição. Porto Alegre: Sulina.

AUTORES

Ana Maria Caramujo Pires de Campos

Bacharel e Licenciatura em Psicologia (Unip); Especializada em Psicoterapia Junguiana e Corpo (Sedes Sapientiae), e em Psicologia Clínica (CRP); Especialista em Musicoterapia (FPA); Magíster no Modelo Benenzon (Fundación Benenzon); Mestre em Ciências Médicas (Unicamp); (11) 991230384. anamariacaramujo@gmail.com

Chadia Hamze

Bacharel em psicologia (FMU), Curso de formação em programação Neurolinguística (INEXH), Curso de Desenvolvimento e Liderança (INEXH) e Pós-graduanda em Arteterapia Analítica (FMU). (11) 93287-5037 / chadiahmz@hotmail.com.

Giovanna Evangelista Florêncio

Bacharel em psicologia (FMU). (11) 97179-4883 / giovanna.evangelistaf@gmail.com

Lilian Martins Vieira

Pós-graduanda Arteterapia Analítica (FMU); MBA Gestão - FEA (USP); especializações FIA/FEA (USP); Bacharel Administração de Empresas - FEA (PUC-SP); Psicanálise (IBCP). Fotógrafa amadora (Ansel Adams Gallery e Harvard University, entre outros). Ikebana, cerâmica,

sumi-ê, aquarela, batik e shibori (diversos mestres). (11) 9-9934-7653; lilian.martins.vieira@gmail.com.

Regina Lucia Perez Barreto

Bacharel em Musicoterapia e pós-graduanda em Arteterapia pela FMU – Laureate International Universities. Cantora, atriz, dançarina, produtora e diretora musical. Musicoterapeuta atuou no NUDEC (Núcleo de Envelhecimento Cerebral) – Hospital São Paulo. Atende em consultório particular de Musicoterapia. (11) 97333-1751 / luciaperez.musicoterapeuta@gmail.com

Renan Braz

Licenciado em Artes Visuais pela UFMS, Curso de Extensão em Direção de Arte pela Belas Artes, Visual Merchandising pela FAAP, Edição de vídeo SENAC - MS. Pós-graduando em Arteterapia Analítica (FMU). Arte-educador em centros culturais FIESP e SESC, Professor de arte e Oficineiro. 11.999480658 /renanrbraz@gmail.com

Rita Luisa Baccin

Bacharel em Matemática pela Fundação Santo André, Pós- Graduação / Curso de MBA em Gestão de Tecnologia da Informação pela USP, Especialista em Liderança Positiva - Equipes de Alto Desempenho pela HSM. Especialista em Recrutamento e Seleção de Pessoas pelo SENAC. Professora de Italiano. 11.981756597 /rlbaccin@uol.com.br

Rosana Laguna

Bacharel em Física (USP), Mestre em Astronomia (IAGUSP), Doutorado em Física Nuclear (IPEN/USP), projetos de pesquisa: Astrofísica Extragalática e Gerenciamento de Rejeitos

Radioativos (FAPESP/CAPES). Especialização em Psicopedagogia. Aquarela, acrílica, desenho, cerâmica com Tuneu Rodrigues, Dudi Maia Rosa, Megumi Yuasa. 11.987876655 rosanalagua@uol.com.br

Tatiana Fecchio

Bacharel e licenciada em Artes Visuais (Unicamp), Pedagoga (Unifran), com mestrado e doutorado em Arte (Unicamp- FAPESP/CAPES) e especializações realizadas nas áreas de "Artes e Novas Tecnologias" (UnB), "Arteterapia" (Unicamp), "Caminhada como Método para a Arte e Educação" (Casa Tombada/Edith Derdyk). 11.964195047 / tati.fecchio@gmail.com

Thayná Oliveira

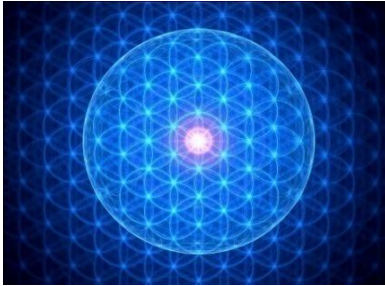
Bacharel em Musicoterapia (FMU), Pós-graduanda em Arteterapia Analítica (FMU). Violoncelista (Fundação das artes de São Caetano do Sul) e Sonoplasta (SP escola de Teatro). / 1194609-4281 thaynadovalle.o@gmail.com

Vanessa Abreu

Licenciada em Pedagogia (Anhanguera); Arteterapia Analítica (FMU). 11 97466-6311 abreus.vanessa@gmail.com

Nota da redação:

Quem desejar detalhes sobre as imagens apresentadas, por favor, entre em contato com os autores.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

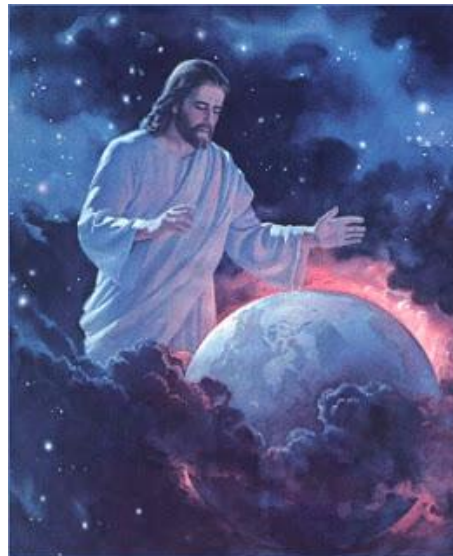
Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

10 – O SERMÃO PROFÉTICO. O PRINCÍPIO DAS DORES



<http://sealegre2011.blogspot.com/p/fotos-de-jesus.html>

Jesus Cristo*

Mateus 24

¹ E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo. ² Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. ³ E, estando assentado no monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos, em particular, dizendo: Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo? ⁴ E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane, ⁵ porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. ⁶ E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda

não é o fim. ⁷ Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. ⁸ Mas todas essas coisas são o princípio das dores. ⁹ Então, vos hão de entregar para serdes atormentados e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as gentes por causa do meu nome. ¹⁰ Nesse tempo, muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão. ¹¹ E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. ¹² E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará. ¹³ Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo. ¹⁴ E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.

***Jesus Cristo** – Nasceu por volta do ano 6 a.C., em Belém, Palestina (atual Israel), e faleceu crucificado por volta do ano 27, em Jerusalém (atual Israel). Considerado o espírito mais perfeito que já habitou entre nós, tido como guia e modelo para a Humanidade trouxe os ensinamentos para libertar o homem da sua ignorância espiritual, narrados no Novo Testamento pelos seus discípulos, os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. Praticou o amor, curou os enfermos e profetizou. Dividiu a História em antes dele (A.C.) e depois dele (D.C.).

A grande tribulação

¹⁵ Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê, que entenda), ¹⁶ então, os que estiverem na Judeia, que fujam para os montes; ¹⁷ e quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; ¹⁸ e quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes. ¹⁹ Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias! ²⁰ E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado, ²¹ porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais. ²² E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias. ²³ Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui ou ali, não lhe deis crédito, ²⁴ porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. ²⁵ Eis que eu vo-lo tenho predito. ²⁶ Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais; ou: Eis que ele está no interior da casa, não acrediteis. ²⁷ Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do Homem. ²⁸ Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias.

A vinda do Filho do Homem

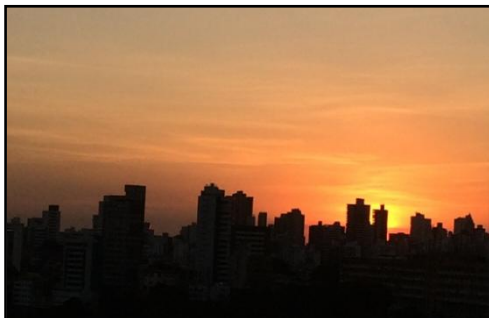
²⁹ E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. ³⁰ Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu,

com poder e grande glória. ³¹ E ele enviará os seus anjos com grande clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. ³² Aprendei, pois, esta parábola da figueira: quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. ³³ Igualmente, quando virdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, às portas. ³⁴ Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam. ³⁵ O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar.

Exortação à vigilância

³⁶ Porém daquele Dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas unicamente meu Pai. ³⁷ E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. ³⁸ Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, ³⁹ e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem. ⁴⁰ Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; ⁴¹ estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra. ⁴² Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor. ⁴³ Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. ⁴⁴ Por isso, estai vós apercebidos também, porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis.

Anoitecer



Amanhecer



Fotos: Celeste Carneiro